Espólio Literário
de
GENERINO DOS SANTOS

HUMANIADAS

O Mundo - A Humanidade - O Homem

Todo o esforço, em melhorar.
Bem merecer, é de louvar.

VOLUME TERCEIRO

LIVRO QUARTO: — IMMORTALIDADE SUBJECTIVA
LIVRO QUINTO: — MARMORES E BRONZES

RIO DE JANEIRO
Typ. do "Jornal do Commercio"
RODRIGUES & CIA.
1938

Espólio Literário
de
GENERINO DOS SANTOS

HUMANIADAS

O Mundo - A Humanidade - O Homem

Todo o esforço, em melhorar,
Bem merecer, é de louvar.

VOLUME TERCEIRO

LIVRO QUARTO: — IMMORTALIDADE SUBJECTIVA
LIVRO QUINTO: — MARMORES E BRONZES

—o—

RIO DE JANEIRO
Typ. do "Jornal do Commercio"
RODRIGUES & CIA.
1938

Acervo da Biblioteca
Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz

ACERVO DA CASA DE OSWALDO CRUZ
BIBLIOTECA
REGISTRO Nº
34700/13
802
S237h
V.3 1938
Cd. F.C.

Fôrão impréssos d'esta óbra:

200 *ezemplares em papel* BUFFON *de 1ª qualidade e*
400 *ezemplares em papel de 2ª qualidade, que constituem a "edição popular"* (TESTAMENTO, *p. XXIV*).

HUMANIADAS

INDICE DO VOLUME TERCEIRO

Advertencia 13

LIVRO QUARTO — IMMORTALIDADE SUBJECTIVA

(Primeira parte: — Grandes typos da Humanidade)

PAGS.

I — Archimedes 19
II — A Julius Cesar 20
III — São Paulo 21
IV — Guttenberg 22
V — William Shakespeare 23
VI — No centenario de Shakespeare 24
VII — Bossuet 25
VIII — No millenario do rei Alfredo 26
IX — Raphael 28
X — Rembrandt 29
XI — No centenario de Milton 30
XII — Molière 31
XIII — No 3.º centenario de Molière 32
XIV — Luiz XI 33
XV — A Oliver Cromwell 34
XVI — Galileo 36
XVII — A Isaac Newton 38
XVIII — Gall 40
XIX — A' Santa Thereza de Jesus 41
XX — A Don Miguel de Cervantes Saavedra:
I — Lendo "Don Quixote" 42
II — Os sete passos de Don Quixote, por Annibal Falcão 44
III — Don Quixote transfigurado 47
XXI — Cid — O campeador 48
XXII — A Leonardo da Vinci 49
XXIII — A Leonardo da Vinci 50

		Pags.
XXIV	— Camões	
XXV	— A' Natercia	51
XXVI	— Jáo	52
XXVII	— Avè, Camões!	53
XXVIII	— No tricentenario de Francesco Petrarca	54
XXIX	— No primeiro centenario da morte da Lord Byron	55
XXX	— A Vasco da Gama	56
XXXI	— Goethe	57
XXXII	— Madame de Sévigné:	58
	I — Traducção do artigo do "Novo Calendario dos Grandes Homens", por Fr. Harrisson	59
	II — Soneto	62
XXXIII	— Beethoven	63
XXXIV	— No centenario de Diderot	65
XXXV	— Kant	67
XXXVI	— No centenario de Condorcet	68
XXXVII	— A' Isabel de Castella:	
	I —	69
	II —	70
	III —	71
	IV —	72
	V —	73
	VI —	74
	VII —	75
XXXVIII	— Pombal	77
XXXIX	— No segundo centenario de Benjamin Franklin	78
XL	— Novo Prometheo	79
XLI	— No centenario de Washington	80
XLII	— A Francia	81
XLIII	— A José Bonifacio	82
XLIV	— Danton	83
XLV	— No centenario de Lincoln	84
XLVI	— Na morte de Giuseppe Verdi	85
XLVII	— Prosit !	86
XLVIII	— A Ricardo Wagner	88
XLIX	— Christo	89
L	— Aretino	90

LIVRO QUARTO — IMMORTALIDADE SUBJECTIVA

(Segunda parte)

I	— A cidade da morte	93
II	— No campo santo de São João Baptista	94
III	— Carta ao Sr. Dr. Raul Machado	95
IV	— "Ultimo Numero"... Numero Sagrado!:	

INDICE

		Pags.
	I —	97
	II —	98
V	— Aere perennius	100
VI	— Depois da morte	101
VII	— Depois de tudo	102
VIII	— Na morte de Augusto dos Anjos	103
IX	— Subjectiva viuvez eterna	104
X	— Bocage:	
	I —	105
	II —	106
XI	— Evocação litéraria:	
	I —	107
	II —	108
	III —	108
XII	— Tiradentes	109
XIII	— A visão de Tiradentes	110
XIV	— Perpetua mineira	111
XV	— Ante o leito de Tiradentes	112
XVI	— Avê, Tiradentes !	113
XVII	— A mocidade republicana a Tiradentes	114
XVIII	— Tiradentes aos Tiradentes	115
XIX	— A Tiradentes	116
XX	— Pedra d'ara	117
XXI	— Agonia e morte de um Astro	119
XXII	— Agonia y muerte de un Astro	121
XXIII	— Agonie et mort d'un Astre	123
XXIV	— Na cratera do Vesuvio:	
	I —	125
	II —	126
	III —	127
XXV	— Quis talia fando...	128
XXVI	— Carta a Ferreira Vianna	129
XXVII	— Resurreição	132
XXVIII	— Onde existira a ave...	134
XXIX	— Na morte de Ferreira Vianna	135
XXX	— No tumulo do Tenente-Coronel Madureira	136
XXXI	— Perennius aere monumentum:	137
	— Em vida	138
	— Na morte	139
	— No seio da morte	140
	— Rememorando Alfredo Coelho Barreto	141
XXXII	— Infelix puer	142
XXXIII	— Junto á sepultura do Bernardo	143
XXXIV	— Carta a um pequenino morto:	
	I —	144
	II —	145

HUMANIADAS

		Pags.
	III —	146
	IV —	147
XXXV	— A' inolvidavel memoria de meu pai	148
XXXVI	— A' pura e santa memoria de minha mãe	149
XXXVII	— Na sepultura de minha mãe	150
XXXVIII	— A' noticia da morte de minha mãe	151
XXXIX	— No verso de uma photographia:	
	I —	152
	II —	153
XL	— Alpha & Ómega	155
XLI	— Photophonia	156
XLII	— Morta !	157
XLIII	— Consolação na dôr	158
XLIV	— No enterro de Edgard	159
XLV	— Um punhado de rosas	160
XLVI	— Pobre mãe !	161
XLVII	— Saudades e lagrimas	162
XLVIII	— No enterro de uma santa	172
XLIX	— Na morte de Ibsen	173
L	— Morto !	174
LI	— Gravetos de História Patria	175
LII	— A' desoladora noticia do suicidio de Anthero do Quental	177
LIII	— For ever, Teddy	178
LVI	— A morte do Cysne	180
LV	— Dans la mort de Zola	181
LVI	— Na morte de Mistral	182
LVII	— Ad perpetuam rei memoriam	183
LVIII	— Na morte de Ferreira da Costa:	
	I —	185
	II —	186
	III —	187
LIX	— A etapa da morte	188
LX	— Na morte de Henrique Samico	189
LXI	— Subjectiva posteridade:	
	I —	191
	II —	192
LXII	— Primus inter pares	193
LXIII	— Getulio das Neves	195
LXIV	— Na morte de Pethion de Villar	197
LXV	— O Juizo Final	199
LXVI	— A' noticia da morte de Sarah Bernhardt	200
LXVII	— Na morte e sahimento de Carlos Gomes	201
LXVIII	— Na morte de Belisario Augusto	202
LXIX	— Cantando-lhes a Buena-dicha	203
LXX	— Ignoto Marte	205

INDICE

		Pags.
LXXI	— Na Morte de Barbosa Rodrigues	206
LXXII	— Palavras sentidas	207
LXXIII	— No penosissimo exicicio	208
LXXIV	— Na morte de Luiz Pereira Barreto	209
LXXV	— Na sepultura do "Cidadão Polycarpo"	210
LXXVI	— Na subita transformação objectiva de Mauricio Jobim	211
LXXVII	— Ante o cadaver de um vencido	213
LXXVIII	— Na desoladora morte de Madame Gabriella de Campos	214
LXXIX	— Ubi ingemiscit umbia	215
LXXX	— Palavras sinceras a um morto	216
LXXXI	— Na morte de Elizeario Pinto	217
LXXXII	— Indelevel recordação saudosa	218
LXXXIII	— Problema insoluvel	219
LXXXIV	— Juvenilia	220
LXXXV	— Entre flôres e fructas	221
LXXXVI	— Pluminhas ao vento	222
LXXXVII	— Na morte de Luis Leitão	223
LXXXVIII	— Na morte de um mendigo	224
LXXXIX	— Na morte de Estevam Labo	225
XC	— No enterro de um soldado	226
XCI	— Érico Costa	227
XCII	— Miserrima creança !	228
XCIII	— Na irreparavel morte de Amaro Augusto de Barros Correia	229
XCIV	— Na sepultura de Napoleão Freire	231
XCV	— Na morte de Augusto Vigelim	232
XCVI	— Na desoladora morte de João Zeferino Rangel de São Paio	233
XCVII	— Suprema ironia	234
XCVIII	— Na morte de Bellarmino Carneiro	235
XCIX	— Dentro de uma saudade	236
C	— Palavras sinceras	237
CI	— Ultimo adeus	238
CII	— Na morte de Aïda	239
CIII	— Mocidade morta	240
CIV	— Na morte de José Leão	241
CIV	— Ad Posteritatem	242
CVI	— Boabab	244
CVII	— Mucio Teixeira	245
CVII	— Ubi deficit Ars...	247
CIX	— A' noticia da morte de Joaquim Serra	248
CX	— Na sepultura de Guilherme Martins	249
CXI	— Eterna união subjectiva	250

		Pags.
CXII	— Na morte de Yôyô	251
CXIII	— Na morte de Luis Rossi	252
CXIV	— O ultimo calice de armagura	253
CXV	— O ultimo termo de uma fracção continua	255
CXVI	— Na morte do Dr. Cosme de Sá Pereira	256
CXVII	— A Raul Guedes	257
CXVIII	— Ad subjectivam immortalitatem	258
CXIX	— Marcha funebre	260
CXX	— Na morte do Major Borges Fortes	261
CXXI	— No passamento de Bittencourt Sampaio	262
CXXII	— Na morte de Felizardo Junior	263
CXXIII	— Flôr estiolada	264
CXXIV	— Pindudo	265
CXXV	— Olhos saudosos	267
CXXVI	— Na morte de Raul Braga	268
CXXVII	— No enterramento de Istey Pacheco	269
CXXVIII	— Mors-Amor	270
CXXIX	— No enterro de Edgardo	271
CXXX	— Causerie	272
CXXXI	— Aquella que se foi	273
CXXXII	— A lugubre tragedia de Jacuêcanga	275
CXXXIII	— Na sepultura de Dona Amelia Fernandes	275
CXXXIV	— Na morte de La Peña Gusman	276
CXXXV	— Ao exicio do Maestro Henrique de Mesquita	277
CXXXVI	— Na morte de Hemeterio Maciel	278
CXXXVII	— Na morte do "Almirante João Candido"	279
CXXXVIII	— O Padre Azevedo	280
CXXXIX	— Na sepultura de Charlote	281
CXL	— A' noticia da morte de Fernando de Sá Vianna	282
CXLI	— Na morte de Carlos Accioli	283
CXLII	— Ultimo clarão	284
CXLIII	— Na morte de Fernandes de Barros	285
CXLIV	— Sobre o tumulo de Maria Leonor Lamenha Lins.	286
CXLV	— Na sepultura de Alberto Silva	287
CXLVI	— Coelho Lisbôa	288
CXLVII	— A Rosalina Coelho Lisbôa	289
CXLVIII	— Como Alphêo Meyrelles	290
CXLIX	— No thalamo esponsalicio de um morto	292
CL	— Subjectivo amor eterno	294
CLI	— A' Deusa	296
CLII	— Mocidade Morta	297
CLIII	— Eternidade subjectiva	298
CLIV	— O Tenente-Coronel Benjamin Constant	299
CLV	— Ære perennius	300
CLVI	— Em romaria ao tumulo de Benjamin Constant	302

INDICE

		Pags.
CLVII	— In Aeternum	303
CLVIII	— No lançamento da pedra fundamental da Estatua de Benjamin Constant	305
CLIX	— Gomes de Castro	306
CLX	— No centenario do Duque de Caxias	308
CLXI	— Ao Marechal Deodoro	309
CLXII	— No prestito civico de Floriano	310
CLXIII	— Suprema Ironia	311
CLXIV	— Ao Marechal de Ferro	312
CLXV	— João Caetano	313
CLXVI	— Nerone	314
CLXVII	— Medalha antiga	315
CLXVIII	— João de Barros	316
CLXIX	— O ultimo abencerragem	317
CLXX	— Esteves Junior	318
CLXXI	— Na morte e sahimento de Patrocinio:	
	I —	319
	II —	320
CLXXII	— Remembranza	321
CLXXIII	— Estatuario d'almas	322
CLXXIV	— Um post-factum a "Nomades e Sedentarios"	323
CLXXV	— Na morte de Luiz Delfino	324
CLXXVI	— Antigos conhecimentos	325
CLXXVII	— A' ultima cigarra anachreontica da Abolição	326

LIVRO QUINTO — MARMORES E BRONZES

I	— O infante D. Henrique	331
II	— Dias	332
III	— Gilianes	333
IV	— Leonor de Sepúlveda	334
V	— Dois sonetos:	335
	— Soror Mariana	336
	— A' noticia da morte de Camillo	337
VI	— In morte di Giosué Carducci	338
VII	— A' noticia da morte de Victor Hugo	339
VIII	— Gustave Daré	340
IX	— Gavarni	341
X	— Na morte de Ibsen	342
XI	— A aguia do Neva	343
XII	— A' Heredia	344
XIII	— A Sadi Carnot	345
XIV	— Far ever, Lindebergh and Chanberlain	346
XV	— A Georges Clemenceau	347

		Pags.
XVI	— A Mme. Lucie Dreyfus:	
	I —	348
	II —	349
XVII	— Al Leon di Caprera	350
XVIII	— Togo . . .	351
XIX	— Ao General Cronge	353
XX	— Na morte de Castagnetto	354
XXI	— Peregrina . . .	355
XXII	— A Maciel Monteiro	357
XXIII	— Em plena luz da gloria	359
XXIV	— For ever, Maciel Monteiro	361
XXV	— "Doutor cheiroso"	363
XXVI	— Avè, Pirajá !	364
XXVII	— No pedestal da estatua de Castro Alves:	
	— Excelsior . . .	366
	— A cavalgada dos mortos	368
	— Coup d'étrier	369
XXVIII	— A Junqueira Freire	370
XXIX	— Na sepultura de Teixeira de Mello	371
XXX	— A Casemiro de Abreu	372
XXXI	— Salve José de Alencar	373
XXXII	— Excelsior ! . . .	374
XXXIII	— Só ! . . .	375
XXXIV	— Soneto . . .	376
XXXV	— A' noticia da morte de Guimarães Junior	377
XXXVI	— No centenario de Porto-Alegre	378
XXXVII	— No centenario de Antonio José	380
XXXVIII	— No centenario de Gregorio de Mattos Guerra	381
XXXIX	— "Harmonias errantes"	382
XL	— No centenario do Polygrapho "Macedinho"	383
XLI	— Na morte de Eunapio Deiró	384
XLII	— Pudor inde miseratio	385
XLIII	— A vida e a morte	386
XLIV	— No centenario de Garrett	388
XLV	— No centenario de Herculano	390
XLVI	— A João de Deus, os Brasileiros:	
	I —	391
	II —	392
	— A cavalgada dos mortos	368
XLVIII	— Junto á herma de Gonçalves Dias:	
	I —	394
	II —	395
	III —	396
XLIX	— A Dom João VI	397
L	— A Frei Leandro do Sacramento	398

INDICE

		Pags.
LI	— A Frei Custodio Alves Serrão	399
LII	— A Frei Mariano da Conceição Velloso	400
LIII	— A Mestre Valetim	401
LIV	— Palma-Mater	402
LV	— Victoria Régia	403
LVI	— Inscripções	404
LVII	— Belgium	405
LVIII	— A' Albert, Roi et Premier des Belges	406
LIX	— A Alberto, Rei dos Belgas	407
LX	— On ne passe pas !	408
LXI	— Saint-Père Mercier	409
LXII	— La Regina Bianca	410
LXIII	— Notre Dame de la Croix Rouge	411
LXIV	— La Marne	412
LXV	— Le roi d'Yser	413
LXVI	— O Marne	414
LXVII	— A Alberto, o Grande	415
LXVIII	— A Albert, Roi des Belges	416
LXIX	— Reims	418
LXX	— A Albert, le premier des Belges	419
LXXI	— Avè, Albion ! Morituri te salutant !	420
LXXII	— Adieu ! Merci !	422
LXXIII	— Pacis imposuit mores	423
LXXIV	— Joffre, o taciturno	424
LXXV	— Emile Després	425
LXXVI	— Leman	426
LXXVII	— Junto á estatua de Strasburgo	427
LXXVIII	— A Pedro Alvares Cabral	428
LXXIX	— José de Anchieta	429
LXXX	— Felippe dos Santos	430
LXXXI	— Suum cuique tribuere	431
LXXXII	— Tributo de gratidão	432
LXXXIII	— Coup d'étrier	433
LXXXIV	— Irmãos d'Armas	434
LXXXV	— De Pinedo	435
LXXXVI	— A Mam'Zelle Violette Thïbaud	436
LXXXVII	— O rei dos bandeirantes	437
LXXXVIII	— No primeiro centenario do Padre Diogo Antonio Feijó	438
LXXXIX	— Annita Garibaldi	439
XC	— Padre Antonio Vieira	440
XCI	— A' mãi dos brasileiros	441
XCII	— "Independencia ou morte"	442
XCIII	— No jubileu litterario de Theophilo Braga	444
XCIV	— Ahasverus	445

	Pags.
XCV — No centenario do nascimento de Victor Hugo	446
XCVI — Al Señor Saens Peña	447
XCVII — A Gil Vicente	448
XCVIII — 6 de Março	449
XCIX — Rememorando...	450
C — No bi-centenario de Ouro-Preto	451
CI — No centenario de Saldanha Marinho	452
CII — A Torna	453
CIII — Surrectio Poloniae	454
CIV — A divina Irrisão	455
CV — Jenner	456
CVI — Guathemoch	457
CVII — No centenario do immortal Osorio	458
CVIII — A Santa Thereza de Jesus	459
CIX — A' Inclyta Imperatriz Leopoldina	460
CX — Henrich Heine	461

ADVERTENCIA

Neste dous livros de versos, reunidos em um volume, Generino, elaborou seu quinhão de culto aos mortos, illustres pelos feitos remotos ou recentes (1.ª parte) e tambem deixou extravasar o coração pelos que lhe eram caros. (2.ª parte). Não cabe critica, mas apenas explicação. Na balburdia reinante, foi collecionado dentro dos dois titulos por elle preestabelecidos, tudo quanto ahi poderia caber, sempre obedecendo ás disposições testamentarias que mandam tudo publicar. Este é o livro funebre. Culto aos mortos, repito, tão ardentemente presado por elle, crente na religião da Humanidade, onde tão grande lugar destacado merece a veneração dos que se foram.

Rio, 24-1.º-1938.

L. F. V. S.

LIVRO QUARTO:

Immortalidade subjectiva

PRIMEIRA PARTE

Grandes typos da Humanidade

ARCHIMEDES

Medidor das areias do oceano,
Que carecem de numero e de conta!
Na sciencia antiga o nome teu desponta
Como arche-typo do saber humano.

Mas, nem por isso, em ti, Syracusano,
O amor da sciencia o patrio amor transmonta;
E, por vingar uma immiga affronta,
Ustorisaste a armada do Romano.

E' que o amor da Patria e o amor da sciencia
Eram-te n'alma o mesmo amor profundo,
Que vai do coração á consciencia

E, agindo firme, encontra lá no fundo,
Com o dever — a alavanca da existencia,
Ponto de apoio para mover o mundo!

A JULIUS CESAR

O FUNDADOR DA POLITICA MODERNA

Quando volveste emfim das Gallias triumphante
E a Pompeo em Pharsalia indomito venceste,
Immortal dictador! Roma acclamou-te: "— E' este
Quem cingirá do Imperio a purpura brilhante"!

E aguia do Quirinal, azas batendo, ovante,
Voou do Capitolio; e, onde quer que houveste
Fama, gloria e poder, que tanto ennobreceste,
Levou-te a acclamação ao ponto mais distante.

Roma domina o mundo e tu dominas Roma,
Pelo amor que submette os corações e os doma:
Surge a Patria e o Civismo: é livre toda gente.

"Civis Romanus sum!" exclama: é o grande fruto
Dessa missão que, escapa á ingratidão de Bruto,
Sociocratisará Roma, a França e o Occidente.

SÃO PAULO

Saulus! quando da Fé tocou-te o dedo,
Bem sentias que o amor, no peito humano,
Tem a força dynamica do oceano
Que é capaz de mover duro rochedo.

E, dando ao Christo, que vingava a medo,
Teu ideal de cidadão romano,
Fallaste ás gentes d'almo e messiano
Amor, que tudo vence, tarde ou cedo.

Vencido desse amor, venceste o mundo.
E o Christo, desde então, por mais que faça,
Surge através do genio teu profundo.

Pois tu desceste á região escassa
Onde o altruismo vence o egoismo immundo,
E, em vez da perdição, nos déste a graça.

GUTTENBERG

"Dá-me um ponto de apoio e eu moverei o mundo"
Archimedes bradára á sabia Grecia um dia;
E, seculos depois, Mayence respondia,
Dando a lume a invenção do genio mais profundo.

A imprensa appareceu: e, logo após, do fundo
D'alma humana, jorrou a luz, que hoje irradía;
O Oriente deixou de ser noite sombria;
Descobriu-se o vapor, a bussola e o Novo Mundo.

E, de então para cá, que faina! que progresso!
A sciencia penetrou no intimo recesso
Da natureza e expoz, completo, a olho nú,

Tudo o que a terra engendra e tudo o que o homem
[pensa.
—A alavanca encontrou ponto de apoio—a imprensa—
E o mundo se moveu. — Moveu-o a sciencia: Tú!

WILLIAM SHAKESPEARE

A natureza humana é intermino oceano
Que se espraia, agitando a esphera cerebral,
Em calmaria pôdre ou rouco vendaval,
Quando rompe o equilibrio o pensamento humano.

E, si em pompas d'altruismo, ao sol meridiano,
Sáe da graça elevar-se ao amor universal,
Tambem se cava e abysma em fundo tremedal,
Onde rugem paixões do egoismo — o monstro insano.

Audaz mergulhador do abysmo da loucura
Protheica, em que se perde a humana creatura
Podeste, como Yorich, emfim, surprehender

Do escaphandro do genio, o que era a natureza
— E nos déste "Romêo" e o "Mouro de Veneza",
"Macbeth", "Lear" e "Hamlet" — o Sêr preso ao não
[sêr!

NO CENTENARIO DE SHAKESPEARE

Quem quer que sejas, Bacon ou Shakespeare,
E' bem mister que tenhas sido um genio,
Para que, enchendo secular proscenio
Com teu tragico e artistico sentir,

Inda possas comnosco repartir,
Sem *ficelles* de scenico convenio,,
Todo este estado heroico ou pathogenio
D'alma humana, que fazes resentir.

E' que, no largo sopro de loucura
Ou heroismo que passa no teu drama,
Sente-se que ali passou toda a cultura

Antiga, como o sangue pela trama
Vaso motora, que inda Harvey procura:
— E — Novo Orgam — nova luz derrama!

L. da G. — Rio 1-VI-912.

BOSSUET

Quando a barca de Pedro, a matrocar
Entre parceis — negativismo e sciencia —
Em sua dogmatica inconsistencia,
Sem disciplina, em revoluto mar,

Arrastando, em sua organica impotencia,
Todo o antigo regimen secular
Catholico feudal que abriu fallencia
E, com ella, no pégo ia afundar:

Por entre a grita da maruja inquieta
— Fénelon e Montesquieu, legista e poeta —
Um eloquente Antão se viu de pé

Tomar-lhe o leme; e, pelo mar da Historia
Levando-a embora á ephemera victoria,
Salvar do naufragio então: — foi Bossuet.

NO MILLENARIO DO REI ALFREDO

Aos co-religionarios positivistas inglezes

> "Puz toda minha vida em viver dignamente, na esperança de legar á Posteridade a recordação do bem que fiz" — Rei Alfredo.
>
> Quasi que iguala a Cesar, Carlos Magno e Frederico, no genio guerreiro e organisador, e de muito lhes excede em candidez e belleza moral. Em previsão, perseverança e sagacidade pratica, anda de par com Richelieu, Cromwell e Guilherme — o — Taciturno; mas não tem igual na santidade, simplicidade, serenidade e perfeição de todas as qualidades moraes, — e no attractivo.
>
> — Frederico Harrison — *Novo Calendario dos Grandes Homens*.

Tú que, dos ancestraes Egberto e Carlos Magno,
Toda a Inglaterra houveste e o genio transcendente
Com que a incorporaste ao Imperio do Occidente,
Sobrelevando aos dois n'alma pureza d'agno;

Immortal creador desse fatal pentágono,
Que, d'Anglia e Escocia e Irlanda, invade a Australia [e o Oriente,
E, como um polvo, audaz tentaculo afferente
Inda estende ao Transwaal — por que se torne... he- [xágono:

Combatendo a invasão normanda ou scandinava,
Tú fizeste-a christã, — jámais tornaste-a escrava;
Lhe enfeodaste a Inglaterra, — e o Wessex renasceu!

Quanto o Bretão possue de bom, — de ti deriva:
Lettras, sciencias, leis, commercio e força viva.
— Perduras dignamente; — elle, porém... — morreu!

113-1901.

RAPHAEL

Quem quer que observe a tua Fornarina
Talvez diga que, em rosto de burgueza,
Pozeste um *ar* de angelica belleza,
E, no olhar, de teu genio a luz divina.

E' que o teu ideal da peregrina
Fórma que mais seduz na natureza,
Foi sempre humano, embora explenda accesa
Da luz de todo o amor que o amar ensina.

Mas, quem contempla a Virgem da Sixtina
Verá que aquella humana natureza
Já tem alguma coisa de divina.

E' a maternidade que illumina
Aquelle olhar de angelica burgueza
Que transforma em Madona a Fornarina.

L. G. — Rio 16-VII-912.

REMBRANDT

Rembrandt! — Alto Factor do Claro-escuro
Do contraste entre — ou contra — a luz e a sombra,
Que nos fere a retina e nos assombra
Pelo jogo da luz, vivo e seguro.

Teu buril ou Claireau, n'um golpe ou a furo,
D'uma agua-forte ou fundo que se ensombra
De meias tintas ou nocturna alfombra
Faz jorrar um clarão suave e puro.

E, assim, "Ronda Nocturna" nos empolga
Teu "Burgomestre" impõe-nos o seu jugo
"Lição de Anatomia" o hodierno apuro

Tens *ar* de Dürer e antitheses de Hugo
— E eis por que, aos mais, o genio teu se colga,
Rembrandt, Mestre Immortal do Claro-escuro.

L. G. — Rio 16-VII-912.

NO CENTENARIO DE MILTON

Poeta que o "Perdido Paraizo"
Encontraste no amor á liberdade
De tua Patria — humana divindade —
Por quem, cegando, aprimoraste o juizo!

Puritano immortal que, a ser preciso
Renegar, por salval-a, a Eternidade,
Com Satan — livre exame e austeridade —
Perderias de novo o Paraizo!

Não te foi tanto a gloria — algo sublime —
Do Rei Carlos Primeiro em face ao crime,
Seres o Dante que o condemna á morte...

Mas a estrella polar da dictadura
De Cromwell que, ao baixar á sepultura,
Nos deu Danton e a America do Norte!

Rio, 09.

MOLIÈRE

Immortal Molière! O' moralista eterno!
Eterno domador da grande besta humana,
Que, arrancando a vergasta á Muza Eschyliana,
Como Plauto, zurziste-a em teu risonho inferno.

Eil-a, ainda a sangrar, em teu rival moderno,
Atrelada á carreta, onde a guiaste, insana,
Através do teu tempo, á troça deshumana
Do bom senso gaulez, cosmopolita e eterno.

Eterno viverás, que, eternamente, o vicio
E o crime e as más paixões hão de viver com ella,
Emquanto outra moral lhe não guiar o inicio;

E tu'obra immortal, que o genio teu revela,
Comtigo ha de viver, bem como, num hospicio,
Em camisas de força, insana clientela.

NO 3.º CENTENARIO DE MOLIÈRE

Poquelin, genial censor d'airada gente
Que embarga o passo á Evolução Humana,
Castigando-a com satyra mordente
Aristophanica ou rabelaisiana!

Tres vezes já se vio, secularmente,
Passar tua carreta puritana,
Conduzindo, funambulescamente,
O teu *guignol* da natureza humana:

— "Sabichonas", "Ridiculas Preciosas"
"Medico a Páo", "Burguez e Gentilhomem"
E tutti quanti, em scenas deliciosas.

— Passam pela ribalta e se não somem,
Como Don João, por noites voluptusoas,
A chasquear Tartufo... — Ai! pobre homem.

LUIZ XI

IMPRESSÃO NOVELLI

"Salus populi suprema lex est"
"Quem não sabe simular,
"Jámais póde governar" — *Luiz XI* —
"C'est verger des bon Roi Louis!" — *Ballade.*

"Bom Rei Louis", condemne-te a memoria
O que em ti não mais vê que o scellerado
Hypocrita e poltrão; razão de Estado
Te absolve, porém, perante a Historia.

Teu animo fanatico mau grado,
Mau grado a tua fé sempre illusoria,
Contra o senhor feudal — e é tua gloria! —
Foste da realeza o braço armado.

E, rapazinho astuto simulado,
Tartufo a Machiavel, homem de Estado
Rectilineo e fatal, mesmo na morte,

— Dever pelo remorso torturado —
Vencendo o feudalismo colligado,
Morres, sonhando a França unida e forte.

Theatro Municipal — Rio 31-VIII-912.

A OLIVER CROMWELL

No terceiro centenario do seu nascimento

> "On y representerait (dans une *Histoire de la révolution anglaise au point de vue positiviste*, afin d'établir la connexité sociologique des deux énergiques explosions républicaines respectivement personnifiées chez Cromwell et Danton) Cromwell et les siens sous leur vrai jour, comme les précurseurs de la révolution française, et celle-ci comme le prolongement de leurs aspirations à la régénération universelle."
>
> *Lettres d'*Auguste Comte *à* Henry Dix Hutton.

Immortal Dictador! Genio assombroso
Que, dirigindo a revolução ingleza,
Jungiste o parlamento e a realeza
Ao teu poder central victorioso;

E, dominando o clero faccioso
Como o jesuita e a hypocrita nobreza,
Da Grande Crise Occidental franceza
Esboçaste o problema religioso:

IMMORTALIDADE SUBJECTIVA

O que, em Ti, glorifica a Humanidade
Não é teres jugulado o odioso
Feudo, mas fundado a liberdade

Civil no livre — exame e na igualdade,
Como a Hollanda a fundára na equidade.
— Immortal dictador, genio assombroso!

111-1899.

GALILEO

Ao Astronomo Pereira Reis

"A Terra tem dois movimentos: um, de translação em torno do Sol; e outro, de rotação em torno do seu eixo".

— Galileo Galilei —

Galileo jaz de pé, perante o Santo-Officio,
De Newton meditando a lei universal
E o géo — antropocentrico erro pelo qual,
Parada a Terra, é o homem fim do proprio inicio.

Recorda as duas leis de Kepler; por igual,
Quanto a observação lhe deu de mais propicio;
E, vendo que tudo isso o leva a triste exicio,
Conclue... — que tem razão Copernico, afinal.

"Si todo corpo cae para outro, na razão
Directa da sua massa e inversa do quadrado
Das distancias... — tudo é geral gravitação."

E, tendo-o o Santo-Officio — "em seu bem" — [convidado
A renegar "seu erro"... Elle, estendendo a mão:
"E pur se muove!" disse.
— E o Sol quêdou parado!

Morro da Gloria — Rio XI-913.

A ISAAC NEWTON

O FUNDADOR DA MECHANICA DO SYSTEMA SOLAR, CUJA GEOMETRIA FUNDARA KEPLER.

Commemorando o 2.º centenario de sua Immortalidade subjectiva, depois da mallograda aventura chauvinista tedesco — Einsteiniana

Para o encyclopédico scientista brasileiro R. Teixeira Mendes e em memoria do sabio astronomo patricio Manuel Pereira Reis.

"Ninguem igualará jámais a gloria de Newton, porque só havia uma lei da gravitação a descobrir: — e essa, descobrio-a Elle."

— *Sentença de* AUGUSTO COMTE —

Tú que viste, ao cahir de um corpo grave,
De todo "grave" a lei universal,
Com Galilêo — mau grado alludindo o entrave
Que o impedisse cahir na vertical;

E, applicando-lhe a trina lei geral
De Képler, por que a quéda lhe desbrave,
Viste-o, sem que o espaço e o tempo aggrave,
Cahir, com movimento desigual,

"Na directa razão da sua massa
E inversa do quadrado das distancias",
Como ainda hoje cahe... em nossa raça:

Gloria a Ti! — Não mais ha quem n'a desfaça;
Pois descobriste, em sideráes constancias,
A lei da attracção mundial: Newton, graça!

Rio, 139-73 — 1927.

GALL

O desdenhado Gall — o "phrenólogo insano" —
Que a Flourens reduzira o audaz Napoleão,
Contempla, absorto, um craneo e o tinha sobre a mão,
Como um mundo onde habita o pensamento humano.

"Aqui é a região do instincto mais tyranno;
A das paixões, alli; alli, da inclinação..."
E ia localisando, assim, cada funcção,
Segundo as depressões do orbe craneano.

E achou que, se a funcção reflecte, como espelho,
O orgão que a produz e o organismo o consente,
Era o cerebro humano esplendido aparelho,

Sujeito ás reacções das visceras sómente.
— Estava aniquilada a lenda do Evangelho,
Que lhe fizera d'alma... um sopro omnipotente.

A' SANTA THEREZA DE JESUS

No tricentenario de sua morte

Como candido lyrio matutino
Que trescala suavissimos perfumes,
Do sol nascente aos carinhosos lumes,
De umbrosa selva ao orvalho crystalino;

Teu coração, ardente e peregrino,
Se abriu, Thereza, em lyricos queixumes,
A Amor, que obriga a amar e ter ciumes
De quem zelos não tem, com ser divino!

E amaste muito e muito! E amaste tanto,
Que, em delirios de amor allucinada,
Cuidaste amar a um Deus... Sublime encanto!

E esse Deus, de quem foste amante e amada,
Não era mais que um mytho sacrosanto
Da Humanidade, ó alma enamorada!

Rio.

A DON MIGUEL CERVANTES SAAVEDRA

LENDO "DON QUIXOTE"

No tricentenario de sua publicação.

Ao amigo Dr. Teixeira Brandão

(Commemoração sociolátrica)

"Ai genio! O teu livro não é para mim a parodia de "Amadis de Gaula", o romance da lealdade e do amor: — é a comedia da morte".

—ANNIBAL FALCÃO —

Onde foste aprender a cerebral theoria
Que prende á mesma lei bom-senso e oura obscura;
E, do humano equilibrio ou da sua ruptura,
Faz depender — fatal — loucura ou idiotia?

E viste que, si intenso egoismo desvaria,
Desvaria igualmente altruismo que se apura;
E a sanidade está na submissão segura
Do "Ideal" ao "Real", regrando a fantasia?

Não sei. — Bem longe andava ainda a biologia
Com Bichat, Gall, Broussais, Blainville e Augusto
[Comte:
Do exhausto theologismo a sciencia mal nascia.

Fundára "Don Quixote" a actual psychiatria?
— Talvez... Tú sorprendeste a insania em sua fonte
E eternisaste um typo onde um só caso havia!

Rio, 7-V-05.

OS SETE PASSOS DE DON QUIXOTE

(LENDA)

(Servindo de Prefacio)

Conta-se que um dia, por principios do seculo XVIII, fôra Don Quixote visto a um canto mal alumiado e poento de certa biblioteca da Coruña. A pallida tristura do cavalheiro era tal que, ao lado de sua face terrosa, pareciam roseos e brilhantes os velhos pergaminhos usados de seculos. Não se sabe como alguem veio a conhecer a essencia do seguinte soliloquio.

PRIMEIRO PASSO

Um dia cahira eu extenuado e ferido em larga charneca desolada e calva. O sol, que encandescia o ferro da minha armadura, abrasava a planicie e o meu gorjal parecia uma golhilha de fogo a estrangular-me. Durante o meu deliquio, acompanharam-me as minhas visões — crueis e ferozes companheiras. Sonhei pugnas tremendas, acções de esforçado valor, e embalaram-me a alma enlevada as puras scenas de amores, e acariciaram-me os ouvidos sons de apaixonados cantares. Despertei. A sêde, exarcebada pelas feridas e pela canicula, martyrisava-me as entranhas. Soergui-me. Um bando de creanças passava. Vinham da escola da aldeia. Chamei-as a mim com paterno amor: atiraram-

me seixos, a mim e aos reptis que corriam aos pés de Rossinante solto na planura.

SEGUNDO PASSO

N'uma aldeia, ao domingo, no largo, dansavam as moçoilas, ao som de guitarras e pandeiros. Os mocetões robustos pareciam dispostos a uma justa cavalheiresca. Approximei-me ao trote do Rossino: "E' uma côrte de amor!" bradei. Quando me ajoelhei aos pés de donas e donzellas, correram todas rindo ás gargalhadas e fazendo gestos impudicos.

TERCEIRO PASSO

Louvei o nome de Deus, e com meu braço defendi a fé. Um dia, ao sahir da missa, o cura disse aos fieis que eu era endemoninhado.

QUARTO PASSO

Defendi o meu rei; prestei-lhe respeito e menagem: mandou que os agentes do seu fisco pozessem em almoeda as terras do meu solar.

QUINTO PASSO

Protegi os meus fámulos e domesticos; trahiram-me e roubaram-me. Rossinante, o meu querido ginete, nos seus dias metaphysicos, chamava-me sandeu.

SEXTO PASSO

Amei uma dama. Dulcinéa! Era perfida, má, impura. Não me trahiu: zombou do meu amor. Morri.

SETIMO PASSO

Resurgi hoje e vim ver se a velha ternura voltára ao mundo. Estou aqui. Leio esta novella de Don Miguel Cervantes Saavedra. E' a minha vida escripta por um genio com uma gargalhada insultuosa e dura. Ai genio do pensamento que não comprehendeste o genio do meu amor!... O teu livro abriu-me os ouvidos e oiço agora a mofa secular, a perenne chacota, o chasque interminavel que me apupa e mata. Ai genio! O teu livro não é para mim a parodia de "Amadis de Gaula", o romance da lealdade e do amor: é a comedia da morte.

E viram pouco a pouco sumir-se a figura esgalgada do cavalheiro de "los Leones". Tempos depois, um empregado dessa bibliotheca da Coruña, abrindo o exemplar de Cervantes, notou nelle uma illuminura estranha: representava o lidador morto; e, na sua physionomia, uma expressão de amara e desoladora tristeza.

ANNIBAL FALCÃO.

DON QUIXOTE TRANSFIGURADO

Soneto commemorativo do tricentenario da publicação
da immortal novella de cavalheiria

DE DON MIGUEL CERVANTES SAAVEDRA

"Ai genio do pensamento que não comprehendeste o genio do meu amor!..." — ANNIBAL FALCÃO.

Quando já moribundo, o olhar vidrado
N'algum sitio embebido, êrmo e saudoso,
O "Heróe Manchego" anciava, angustioso,
No amigo seio do Escudeiro amado;

Como si — Rossinante allucinado —
Lhe vôasse o "Ideal" por valle umbroso
Empós a Dulcinéa de Toboso...
Por quem justára, ardente e apaixonado:

Recordando, com magua e com ternura,
Tanto "Punto de Honôr" que, á media-idade,
Legára amarisissima cultura...

Ao "Engenhoso Fidalgo" a morte invade...
— E seu ultimo alento é sã mistura
De heroismo... de amor... e de saudade!

Rio, 7-V-05.

CID O CAMPEADOR

No 8.º centenario da morte de Don Ruy Diaz de Bivar
1099-1899

"Tout Paris pour Rodrigue a des yeux de Chimène".

Aquelle, cuja fama, em peito valoroso,
Como elmo ao sol, reluz d'Alhambra ao Escurial;
Tão immortal na paz, quão na guerra immortal;
Mais temido em perdões, qu'em armas temeroso;

Era da raça ariana o typo mais formoso
Que jámais produzira, á luz meridional,
Pelagio sangue, em damno a Boabdil: — fatal
A quem justa d'imigo; a quem de amor, piedoso.

Pois, ultriz, foi de amor — penar delicioso
Que é lagrima a sorrir, dor e supremo gozo,
Sedenta aspiração de intermino ideal —

Que, uma só vez, tremeu Rodrigo — o melindroso:
— Quando, entre o de Ximena e o de seu pai, receioso,
Cuidou ver um dos dois matar o seu rival.

Maio: 111-1899.

A LEONARDO DA VINCI

ATRAVÉS DO SEU APROVEITADO DISCIPULO DECIO VILLARES

Da Vinci, estrenuo artifice da forma,
Tantálico Poeta do Ideal,
Que tinhas, no teu cerebro genial,
Poder que um cahos em mundo nos transforma!

Si não tiveras mais que esse "Immortal
Sorrir" que, em Mona Lisa mal se fórma,
Assás te fôra! — E fôra exemplo e norma
A quem quizer pintar sorriso igual.

Mas, como um Deus, não foste o torturado
Pai da Gioconda só, — déste em Voador!
Monge sagrou-te um Mestre consummado!

E dir-se-hia ter sido o teu labôr
Um sonho d'Arte, sempre perturbado
Pelo desejo de fazer melhor!

Rio, 1912.

A LEONARDO DA VINCI

Da Vinci! Artista eximio e sempre em briga
Com o supremo ideal que te tortura,
Que o rochedo de Sisypho e a urdidura
De Penélope encarnas n'arte antiga!

Tudo quanto segreda alma natura
E sciencia humana a pesquisar obriga,
— Tudo concretisou tu'arte amiga!
— Tudo em tu'obra colossal fulgura!

Mas, tudo inacabado! em meio tudo!
— E' que, anciando a perfeição final,
Estacava febril teu genio rudo!

Ah! como fôra ella sem rival,
Si não soffreras tú, em gráo agudo,
A sublime tortura do ideal!

Rio, 08.

I

CAMÕES

(COMMEMORANDO O SEU TRICENTENARIO)

Poeta, cavalheiro e enamorado,
Rude no aspeito; e, n'alma, alma belleza
D'ũ'alma feminil, que é a portugueza,
Palpite embora em peito de soldado...

Quando dobraste o Tormentorio irado,
Fugindo do infortunio á correnteza
Que te impellira ás Indias... com certeza,
Te não cuidaras tão afortunado!

Que, emquanto abrindo as portas do Oriente
Em busca d'oiro em pó e especiarias
Gama levava o Lacio á molle gente,

Tú com teu verso d'oiro, construias
— Mais que um poema — o verbo omnidiscente
Em que, com elle, aos evos chegarias.

II

A' NATERCIA

Aos montes ensinando e as ervinhas
O nome que no peito escripto tinhas.

— CAMÕES — *Luziadas.* —

Que impia mão ancestral, rude e indiscreta,
Pôde arrancar-te á isenta formosura
D'alma essa occulta, retratada e pura,
Sensitiva do amor do teu Poeta?

Não lh'a arrancou, porém, a dor secreta;
Pois, repassada d'intima amargura,
Da Gruta de Macáo na crypta obscura
E eil-o que um poema cyclico o architecta.

E tão grande, tão forte, tão sublime,
Que, zombando das leis da propria morte,
Da tua e a patria ingratidão, que é um crime,

Pôde conter, com teu soberbo porte,
Todo o Oceano Indico que opprime
A nossa raça, mareante e forte.

III

JÁO

Veneração do fraco pelo forte
Que humanamente ao fraco se dedica,
Tão só rival do amor que sacrifica
Tudo ao objecto amado, até á morte.

Que si amar é servir, de toda sorte,
Quem comnosco se acclima e identifica,
Esse amor tanto mais se dignifica,
Quanto mais se ama... aquelle que foi forte!

E, misero Indiano, quem diria
Que, suppondo o Occidente e a Humanidade,
Tua existencia a delle proveria!

Sê bemdicto, por toda a eterna idade,
Jáo! — que, sem ti, não sei si existiria
A Epopéia da Humana Integridade!

AVÈ, CAMÕES

POR OCASIÃO DE SE LHE ERIGIR UMA ESTATUA EM PARIS

Paris, emfim, consagra-te a memoria
Cantor da nossa raça e lusa gente,
Que ao mundo abriu as portas do Oriente
E do Brasil, por onde entrou na Historia

Agora é planetaria tua gloria!
— Sagrou-a Augusto Comte no Occidente;
Mas não tinhas Paris: — Paris, sómente,
Defere ao genio a laurea da Victoria.

E Paris — a só herdeira soberana
Da Civilisação Greco-Romana —
Te erige um bronze — emfim! — donde transpões

Para o Porvir a humana natureza:
Porque, creando a lingua portugueza,
Eternisaste o Lacio: — Avè, Camões!

Rio, 14-VI-912.

NO TRICENTENARIO DE FRANCESCO PETRARCA

Alma que, eternamente apaixonada,
Cantas o Amor que vive eternamente,
Synthetisando o amor de toda a gente
Que, comtigo, suspira enamorada;

E, assim, cantando vais intimamente,
Com um éco, em cada alma emocionada,
Que, em Laura, a Mulher vê symbolisada,
Que amou na vida e vive eternamente.

"Fiel d'amor", que nos legaste o exemplo
De quanto póde intenso sentimento,
Que se vota a quem ama e lhe ergue um templo!

Teu verso anda immortal n'aza do vento!
— Canta-me n'alma e, ouvindo-o, me contemplo
N'ala dos namorados de Sorrento!

Rio, II-05.

NO PRIMEIRO CENTENARIO DA MORTE DE LORD BYRON

(COINCIDENTE COM A PROCLAMAÇÃO DA REPUBLICA NA GRECIA, ONDE MORREU BATENDO-SE PELA INDEPENDENCIA)

1788-1824

Bardo que as tradições da tua raça
Subordinaste á evolução humana,
Negando o que á razão não satisfaça,
Com Bacon e a novação carteziana;

Toda tu'obra colossal perpassa
Revoltosa espansão voltaireana,
Que irrita a hypocrisia puritana,
Mas libertaste a consciencia, em massa.

Qu'importa, "Child Harold" aventureiro,
Não seja o verso teu Shakesperiano,
Si nelle canta Goethe e o Lacio inteiro?

Romantico poeta anglo-italiano,
Foste da Independencia o pioneiro
— E és da Grecia o maior republicano.

A VASCO DA GAMA

EM NOME DE AMERICA PORTUGUEZA

Celebrando o 4.º centenario da descoberta do caminho das Indias.

Si, ultra-columnas d'Hercules, houvesse
Prestes — João mirifico reinado,
Onde, em eburneo leito auri-incrustado,
Do Indo ao Ganges, Christo amollecesse;

Dobrando o "Tormentorio", o têl-o achado,
Talvez que maior gloria te não desse,
Que, á Asia, fazer que o Lacio se estendesse,
E a nós, ter-nos o Oriente revelado.

Que mais val, que oiro ou gemma e especiaria,
A cultura que as almas nos irmana;
Trato de amor, que sciencia, arte ou poesia.

E a missão desta ferol da raça ariana,
Que, sem ti, nem Camões produziria,
Foi poz mantido o affecto n'alma humana.

109-1897.

GOETHE

Goethe! quando no Olympo de Weimar
Relacionaste as substancias vivas
Em leis de "affinidades electivas",
Fizeste sciencia e synthese exemplar.

Quando, em Fausto, chegaste a demonstrar
Que as nossas concepções subjectivas
Só são reaes, si forem affectivas;
— Completaste essa synthese sem par.

Mas quando, como Werther a Carlota,
Herman a Dorothea, entraste a amar
Mignon... Goethe! tu'alma que se embota

Vendo-a morta, sem lagrimas, passar...
Fez Arte... E ergueu-te a potestade ignota
De Jupiter... no Olympo de Weimar!

MADAME DE SÉVIGNÉ

(N. Marie de Rabutin Chantal)
1626-1696

Na commemoração sociolátrica do terceiro centenario do seu nascimento, no templo da Humanidade, pela Igreja e Apostolado Positivista do Brasil

Filha unica do Barão de Chantal, de uma familia que se distinguiu na paz como na guerra.

Nasceu em Paris, a 26 de Fevereiro de 1626.

Seu pai morreu no anno seguinte, combatendo os inglezes na ilha de Ré, e sua mãe poucos annos lhe sobreviveu.

Desde dez annos de idade, foi educada pelo bonissimo abbade de Coulange (o sabio auctor da "Cidade Antiga"), de cujos paternaes desvelos recebeu esmerada educação.

Teve, entre seus mestres, o lexicographo ethmologista Ménage e o poeta Chapelin.

Aprendeu latim, italiano e espanhol, e passou alguns annos na requintada côrte de Anna d'Austria.

Aos 18 annos de idade, esposou o marquez de Sé-

vigné, militar, oriundo de antiga e rica familia Bretã, mas prodigo, debochado e brutal.

— Diz-se que "Ella o amou, sem respeital-o, e que elle respeitou-a, sem a amar"...

Morreu em duello por volta de 1651, deixando sua joven esposa com um filinho e uma filinha.

Enviuvando ainda em plena flor da mocidade e da belleza, rica e já celebre, votou-se ella de corpo e alma a esses dois filhos e durante 45 annos, só viveu para elles, mormente para sua filha.

Volveu, porém, no anno de 1664, ao que havia de mais distincto em França. E sombra alguma de murmurio explorou jámais sua conducta; nenhum proposito, em tempo dado ao escandalo e á satyra, attingiu sua memoria.

Foi cortejada, em vão, por Turenne, o principe de Conti, o super-intendente Fouquet, o poeta Ménage, seu primo — o fátuo e leviano Bussy, Rabutin — o celebre libellista aventureiro audacioso, e por grande numero de seus admiradores.

E a todos a bella viuva repelliu, sem crear um só inimigo.

— "Vós sois a unica mulher, em França, capaz de constranger um amante a se contentar com a simples amisade" — lhe escreveu o imprudente Bussy.

Mme. de Sévigné fazia parte da sociedade litteraria do palacio Rambouillet e foi classificada entre as Preciosas; ella, porém, foi apenas explorada pelo sopro da sua affectação: sua natureza simples e exquisita graça a preservaram disso.

Casou, quando foi tempo, sua querida filha com o Conde de Grignan, gentil-homem provençal, viuvo e já passado da meia idade, mas de alta posição, bom caracter e muito merecimento.

E só quando, nomeado governador da Provença em 1669, se viu elle forçado a deixar, com sua familia, Paris, para habitar o castello de Grignan (Dôme), foi

que mãe e filha se separaram, para dar ao mundo as mais bellas e deliciosas de todas as cartas que a intimidade tenha produzido.

E, durante 27 annos, Mme. de Sévigné continuou a escrever, quasi que diariamente, á sua filha, quer estivesse em Paris, quer nas suas terras dos Rochedos, na Bretanha.

Succumbiu a uma erupção variolosa em Grignan, aos 70 annos de idade, — feliz por pensar que não sobreviveria á sua filha.

Suas cartas, que enchem 14 volumes, são, talvez, as mais bellas de toda a litteratura: são real adjutorio á habitual leitura: seu estylo é esquisito, simples, delicado, vivo e engenhoso.

Ellas resultam da inflexão de um espirito puro, sensivel, observador e fino, relatando, sem artificio, dia a dia, quanto se passava na mais brilhante e rica sociedade.

Como pintura da vida e dos costumes contemporaneos, nada as supera na litteratura moderna.

FREDERICO HARRISON — *Novo Calendario dos Grandes Homens*, II, 238.

MADAME DE SEVIGNÉ

"Deveres é mister, que engendrem sentimentos"
"Que prazer sobreleva o do devotamento".

— CLOTILDE DE VAUX — *Maximas* —

Por que, não sei! Si tuas cartas leio,
Tão finas e vivamente estylisadas
Com donaire, em que vejo retratadas
Todas as nobres graças do teu seio,

Máo grado, em suas paginas iriadas,
Trave ironico humor contra teu Meio,
Cuido estar lendo "Lucia": — o mesmo enleio,
Notandas differenças despresadas.

E' que, entre o de Clotilde e o teu fadario
Ha semelhança, enchendo o tempo e o espaço,
Que lhe alarga o teu intimo horizonte.

Não teve filha, mas amou-a Comte
Que lhe immortalisou o amor, num traço
De penna: — a que te poz no Calendario.

BEETHOVEN

No 2.º CENTENARIO DE SUA MORTE

Rememorando as 138 composições que o immortalisaram e nomeadamente a "Nona Symphonia", com o côro final da "Ode á Alegria"; e, com "Fidelio", as sonatas "Aurora", "Ao Luar", Pastoral", "Primavera", "Apassionata", "Pathetica", "Na morte de um Heróe", em que o caracter sobrelevou-lhe o Genio, e a "Missa em Ré", sua ultima composição, que o levou á sepultura.

Aos que sentem, comprehendem e amam Beethoven.

"Não ha regra que se não possa sacrificar e violar em prol do bello.

"Porque escrevo? Porque preciso espandir o que tenho no coração — e isso me faz escrever.

"Crêde que escuto um violino sagrado quando o espirito me falla e eu escrevo o que elle me dicta.

"Segundo o meu modo de compôr, mesmo em se tratando de musica instrumental, tenho sempre o conjuncto ante meus olhos.

"Entre os musicos de outro tempo, só Haendel e Sebastião Bach tinham genio.

"A musica approxima todas as pessôas e, bem máo ainda, os verdadeiros artistas."

— BEETHOVEN — *Passagens diversas.*

"Foi este grande musico (Beethoven) quem primeiro desenvolveu, na parte instrumental, um elemento que seus predecessores tinham cobiçado apenas. A esse elemento se pode dar nome de "pessoal ou subjectivo". — E' que elle soube in-

quebrantavelmente soldar, uns com outros para que formassem um todo systematico, phrazes que não tinham ligação entre si, passagens que bruscamente mudam de expressão, de modo a reflectirem as operações magistraes de uma imaginação forte e caprichosa. Por numerosa que sejam as obras de Beethoven, suas côres são por tal modo variadas, que não ha duas que assemelhem. Na multidão dos que lhe seguiram o methodo, acham-se alguns nomes illustres; quanto, porisso, á potencia creadora e grandeza, Beethoven ficou sendo unico: — ninguem se lhe approximou.

— F. HARRISON — *Novo Calendario dos Grandes Homens.*

"A concepção musical, em Beethoven, como em Wagner (opera omnia), Verdi (Othelo, Falstaff), Saint-Saens (Samsão e Dalila) e Massenet (Werther), passou por tres estados (estylo), segundo a lei geral de todas as concepções humanas e sua complementar classificação das artes e sciencias, descobertas e formuladas por Augusto Comte.

— Applicação GENERINO.

Beethoven, Gran-Fautor da Symphonia,
Que a memoria do som concretisaste;
E, com mais viva e exotica harmonia,
Sonata a drama lyrico exalçaste.

Subordinando a pura melodia
A' trina evolução por que passaste,
De Bach a Haendel e a Mozart, chegaste,
Com Berlioz, a actual polyphonia.

Mas teu excepcional merecimento
Foi teres convertido em pensamento
Toda auditiva phraze musical.

Sem tua "subjectiva Symphonia",
— Wagner, Verdi ou Saint-Seens não surgiria,
Com Massenet, a Lyrica Integral.

Rio, 26-III-927.

NO CENTENARIO DE DIDEROT

1713-1784

"Em meio a um mundo lettrado, e vivendo como podia da litteratura, tornou-se (Diderot) o chefe de um grupo de pensadores e escriptores que se votaram a obra da destruição e renovação sociaes com um zelo sem igual na historia. Voltaire foi o chefe acclamado do exercito dos criticos e demolidores. Mas o genio de Diderot era essencialmente constructor, comquanto não fosse ainda tempo de uma construcção duravel... Obra alguma de Diderot dá sufficiente idéa do seu genio synthetico e sympathico. Comte o distingue como o espirito mais encyclopedico que, desde Aristoteles, jámais se viu — J.H.B.

Mais que Voltaire, fautor da Encyclopedia
Que o saber do seu tempo encorporou,
— Menos a evolução da Idade Media,
Razão por que, com Condorcet, falhou;

Paradoxal Shakespeare d'alta comedia
Em que a sciencia a arte fecundou...
Para abortar na Occidental tragedia...
— Constructor temporão — tal foi Diderot.

Tendo á surdo-mudez como á cegueira
Assignalado a influencia verdadeira
Que Cabanis, sobre o moral, formou

Ensina a interpretar a Natureza
Aos que vêem; mas, quem vê, viu, sem sorpreza,
Que inteiro vive em "Neveu de Rameau".

Rio, X-913.

KANT

COMMEMORANDO O 2.º CENTENARIO DO SEU NASCIMENTO

— Nebel est in intellectu quo non fuvitin pensu. (Aristoteles) poster intellectun epouno (Leibnitz).
— O cerebro é dupla planta collocada entre o mundo e a Humanidade. Entre o homem e o mundo é melhor a Humanidade.

AUGUSTO COMTE.

Tú que subordinaste a razão pura
Da pratica razão a realidade
E chegaste, com Hume, a esta verdade
Que é relativo tudo o que perdura.

Pois quanto a analyse as conserva pura,
E' impressão mental a idealidade
Que não synthetisa a objectividade
Do que, a priori, ver se se lhe afigura.

Chegaste á noção de lei pela igualdade,
Mas não viste que a synthese objectiva
Escapa a mais genial mentalidade;

E nos deste uma sciencia instrutiva
Baseando sobre ella a sociedade,
— Faltou-te a coordenação subjectiva.

NO CENTENARIO DE CONDORCET

1743-1794

"Foi durante sua proscripção (92 a 94) que elle escreveu sua obra immortal sobre o "Progresso do Espirito Humano" que tão fortemente estimulou o espirito de Comte, que sempre fallou de Condorcet como de seu "pai espiritual".

J. H. B. *Calendario dos Grandes Homens.*

Tú que, esboçando o "Quadro do Progresso
Do Espirito Humano", honraste o seu passado,
Religando-o ao Porvir, que lhe é connexo,
Porque d'elle o Presente está pejado;

Mas empiricamente, porque o accesso
A' sciencia integral te era vedado:
— Foste — Encyclopedista afortunado —
De Augusto Comte precursor confesso.

Porém; o que te faz mais glorioso,
Foi teres, já votado á guilhotina,
Composto a "Arte de Contar", cioso,

Menos da vida, que te foi mofina,
Do que guiar o passo descuidoso
Dos que hão de vir á sua sã doutrina.

Rio, 1892.

A' ISABEL DE CASTELLA

A REAL PROTECTORA DE CHRISTOVÃO COLOMBO
No quarto centenario da descoberta da America
Pernambuco agradecido.

Abre os olhos e vê, da cripta em que tú dormes,
A terra de Colombo, ex-reino teu, Senhora.
— Babylonica, ao norte, a industrial Pandóra
De enormes cabedaes e povoações enormes.

A' léste, o grande Oceano Atlantico inda chora
O sonho de Pdabão, em vagalhões disformes;
Emquanto o Chimborazo, a oeste, aclara informes
Sombras — Incas, de um lado, e Astecas, d'outro, agora.

Eil-o o Chile que desce, ao sul, longo espinhaço
Do antropoide, a oscillar entre a anarchia e a morte
Reptando a Flor do Prata e o Uruguay escasso

Mas onde o coração bate mais vivo e forte,
O cerebro inspirando e dirigindo o braço,
E' aqui, no Brasil, em Pernambuco, ao norte.

Rio, 24 de Guttenberg de 104 (5 de Junho de 1892).

A' ISABEL DE CASTELLA

REMEMORANDO O SEU VALIMENTO A CHRISTOVÃO COLOMBO

No quarto centenario da descoberta da America

O Brasil reconhecido.

Vingando do teu tempo a ingrata indifferença
Com que povos e reis chrismaram de utopia
Esse sonho immortal de um'alma que bem via
A' flu do mar-oceano a America suspensa;

Tú, rainha e christã, vencendo a força intensa
Das paixões que a alma humana, indomita, incendia,
Lhe deste, com teu nome e apoio, o quanto havia
De regeu em teu poder, de eterno em tua crença.

E emquanto, a velejar entre ilhas de sargaço.
Ia a "Pinta" ao porvir, como por verde giésta,
Scindindo a onde amara e avassalando o espaço...

Eil-a que surge a Atlanta. E eternamente em festa,
Installa a Humanidade em teu vasio paço:
E' esta a tua obra, a tua gloria é esta!

Rio de Janeiro, 24 de Guttenberg de 104 (5 de Julho de 1892).

A' ETERNA GLORIA DE ISABEL — A CATHOLICA

PELA PROTECÇÃO QUE DISPENSOU A CHRISTOVÃO COLOMBO

No 4.º centenario da descoberta da America

O Brasil agradecido.

Quando a America jazia
— Alva, em mares, inda immersa —
Sendo a Christandade adversa,
Só Colombo a perqueria.

Para achar, como acharia,
Toda a Atlantida dispersa,
Em ti só então conversa,
A esperança posto havia.

Onde amor viu empecilhos?
— Deste-lhe o oiro de teus filhos,
E, elle a Ti, eternos brilhos!

Avè, coração jocundo,
Por todo o Orbe rotundo,
A quem deste um novo mundo!

AD ETERNAM CATHOLICAE ISABEL GLORIAM PROPTER SUAM PROTECTONEM CHRISTOFORO COLOMBO

In quarto centenario Americæ invencionis

Brasilia grata

Dum America latebat,
Alba maribus immersa,
Christianâ gente adversâ,
Illam Colombus quærebat.

Inveniendi, ut oportebat,
Regna Altantida dispersa,
In te solum, jám conversâ,
Spem et exitum ponebat.

Quae amori impossibilia?
Ei dedisti grata auxilia;
Ille tibi, murabilia.

Avè, Mater, cor jocundum,
Per totum orbem rotundum
Cui desdiste novum mundum.

Januarius fluvius, V Descarte (12 Octobre 1892).

ALL' ETERNA GLORIA D'ISABELLA LA CATTOLICA

PER MOTIVO DELLA SUA PROTEZIONE Á CHRISTOFORO COLOMBO

Nel quarto centenario dello scoprimento dell'America

Il Brasile riconosciuto.

Sei tu, piú che regina, alma pietate
Chi, volgendo gli occhi al suo pensiero,
Hai dato al mondo un'altro, e piú altiero,
Di belle selve e di ricchezze grate.

Colui dormeva ancor sull'onde infiate
Del mare-oceano, al suo volar, severo,
Là dove fú giammai pié di straniero
Essendo il uomo della prima etate.

Mas tu l'udisti al immortal vidente;
E, pieno il cuore d'amoroso encanto,
Hai seguitato sua vizione ardente.

Eccola America scoperta in tanto,
Ove, doppo morir, sei piú potente
Che in vita ancora, e sul tuo regno santo.

Rio de Janeiro, 24 di Guttenberg di 104 (5 Settembre de 1892).

A ISABEL DE CASTILLA

POR MOTIVO DE SU VALIMENTO Á CHRISTOBAL COLON

En el cuarto centenario del descubrimiento de America

El Brasil reconocido.

SONETO DE CONCURSO

No fueras tu mujer, reina y cristiana,
Cuya lógica es siempre el sentimiento,
Que todo inspira al sabio entendimiento
Haciendo todo lo que de él dimana;

No fueras más mujer que soberana
De heroico pueblo á sua renombre atento
Y tu gloria con su descubrimiento
No celebrara la familia humana.

Que si, reina y cristiana, has tu borrado
De dos cristianos reyes la severa
Duda con que concurso le han negado,

Tu corazon, mujer, con su profundo
Amor y pocos buques que le diera,
Al mundo viejo ha dado un nuevo mundo.

Rio de Janeiro, 24 de Guttenberg de 104 (5 de Setiembre de 1892).

A' LA GLOIRE D'ISABELLE LA CATHOLIQUE

POUR SA PROTECTION Á CHRISTOPHE COLON

Dans le quatrième centenarie de la découverte de l'Amérique.

Le Brésil reconnaissant.

(SONNET DE CONCOURS)

Pour bien chanter ton oeuvre et ta gloire immor-
[telle,
Femme dont le grand coeur a fait sortir un monde
Du cerveau de Colon et de la mer profonde,
Je prends mon luth encor: Salut, reine Isabelle!

C'est à toi que je veux, dans mon vers qui ruissele,
Roulant ses rimes d'or sur cette mer qui gronde,
Porter dans ce moment, malgré ta foi qu'on fronde,
L'hommage triomphal de ma foi qui étincelle.

Car ton oeuvre n'a pas eté la belle chance
D'avoir prêté ta force et mainte caravelle,
Qui ont permis d'accomplir son entreprise immense.

C'est d'avoir dédoublé vers nous, source éternelle
D'amour, ta noble foi, reglée par la science.
— Voilá ta gloire à toi, grande reine Isabelle.

Rio Janeiro, le 24 Guttenberg 104 (5 Setembre 1892).

POMBAL

Ao seu eminente ensaista-sociologo Antonio de Souza Pinto.

Quando elle appareceu, como se um sopro ardente
De morte o annunciasse ao clero e á burguezia
Poz-se a tremer Lisboa e fez-se em ruinaria,
Num calefrio atroz de combustão latente.

E então, justo e fatal, punindo a felonia
De uns e provocando o pasmo em toda gente,
Viu-se o grande estadista erguer no braço ingente
Um mundo — Portugal — que já no occaso ruia!

Era o tempo em que Deus, minguando no Occi-
[dente,
Abandonava os reis e as legiões da Cruz,
Clero e nobreza, á acção da sciencia inda nascente.

Pombal não trepidou na lucta em prol da luz:
D'um só golpe extinguiu a casta omnipotente
E d'outro a Companhia espuria de Jesus.

NO SEGUNDO CENTENARIO DE BENJAMIN FRANKLIN

TURGOT

Benjamin Franklin! Tú que arrebataste
O raio ao céo e o sceptro aos reis tyrannos;
E, embaixador de austeros Puritanos,
Paris electrisaste;

E, sob Paris, com Washington fundaste
Livre Patria a milhões de Americanos;
Pois colonia em Estados Soberanos
E Unidos constellaste:

Emquanto, ao sabor d'Edison ou Marconi,
Esse raio vibrar onde haja um phone
Anthena ou hertziano dardo

Has de viver na humana convivencia;
Mas, bem mais, moralista, pela "Sciencia"
Do "Bom Homem Ricardo".

NOVO PROMETHÉO

(Em honra de Benjamim Franklin)

"Erupuit fulmen cœlo sceptrimque tyrannis".

Dizem que Promethêo encadeiado
Fôra ao Caucaso, em era que se afasta,
Por ter, trahindo a fé de sua casta,
Com o fogo, a sciencia e a arte divulgado.

E, emquanto, tendo assim beneficiado
A Humanidade, o seu amor contrasta
Por essa dor cruel, que a alma lhe gasta,
Era por fero abutre devorado.

Mas tú, sabio sublime e patriota,
Que viveste entre povos soberanos
A quem traçara a sciencia humana róta;

Tú, desvendando ao mundo os seus arcanos,
Roubaste o raio ao céo por dal-o á grotta
— E arrebataste o sceptro dos tyrannos!

1890.

NO CENTENARIO DE WASHINGTON

O Immortal Fundador das Patrias Republicanas dos Estados Unidos da America do Norte

"E pluribus unum."
— Divisa Norte Americana —

Quando o poder central, com a dictadura
De Cromwell, sob Ricardo, ruiu por terra,
Mais ao seu vão temor que á crua guerra
Do rei, do clero e da nobreza impura;

Quanto o Puritanismo, de fé pura
E independente, havia na Inglaterra,
Emigrou para a America — que encerra
Quanto sonhara Aguia Saxonia, á altura.

Mas soldados de Cromwell — vencedores
De Stuarts — jámais curvam-se a vencidos:
— Nunca milhafres prearão condores!

E, em prelios de Titães, por Ti movidos,
Raio e sceptro empolgado a vãos senhores,
— "Um por todos" — em Ti contemplo unidos.

Rio, 111-1899.

A FRANCIA

ANTE O PAINEL DE EDUARDO SÁ

Commemorando sociolatricamente a independencia do Paraguay no festival celebrado pela Commissão Benjamin Constant.

"Elle iniciou suas reformas, reformando sua propria vida."

S. H. SWINEY, *d'après Carlyle*

Immortal Dictador! Genio immortal!
Quando surgiste — e o Paraguay surgia —.
Já no Occidente declinado havia
O regimen catholico-feudal.

Posto estava o problema em que, integral,
Cada Patria ás demais se unir devia
Em plena e universal sociocracia
Pela fraternidade universal.

E a Deus e ao Rei, ao Jesuita e á Hespanha,
Resistindo — alma a Luis XI! alma a Pombal! —
Como á anarchia e do estrangeiro á sanha,

Na paz e industria o teu poder central
Fundaste — e a Patria. — Eis tua gloria estranha,
Immortal Dictador! Genio immortal!

114-1901.

A JOSE' BONIFACIO

O Patriarcha da Independencia

Dominando, immortal, o tempo escasso,
Tú que fundaste a Patria Brasileira
Na hegemonia de uma raça inteira,
Que, a evoluir, se desdobrou no espaço;

E aqui, ligando em solidario laço
O indio e o negro á occidental bandeira,
Fundiu-a numa só e verdadeira
Raça social, que tem o amor por traço:

Hoje que, sob o lemma do Cruzeiro,
Fez ella o que jámais fazer podeste
Com teu grande saber e amor primeiro,

Na bronzea forma que a alma te reveste,
Patriota sem par! vive altaneiro:
— E que a nossa grandeza ao mundo o atteste.

7 de setembro. 1890.

DANTON

Dominando, imponente, á voz da Enclclopedia,
Que é a voz de D'Alembert e a voz de Diderot:
Condorcet a esmagar, no altar da idade media,
"O Infame" de Voltaire e "O Pacto" de Rousseau:

Em meio á Grande Crise, a Occidental tragedia,
Onde Marat delira ouvindo Mirabeau —
Conduzindo o corsel da Carmagnole á redea,
Surge o immortal Danton das cinzas de Turgot.

Surge! E a golpes de "Audacia! Audacia! e mais
[Audacia!"
Carnot, Hoche e Marceau, vencendo em pertinacia,
Consegue organisar sem Deus, — sem Deus nem rei.

Mas, quando Robespierre o leva á guilhotina...
Na curva que descreve a lamina assassina,
Foi que entreviu Danton da evolução a lei!

NO CENTENARIO DE LINCOLN

Immortal Lenhador, que derrubaste
A austral floresta negra dos escravos,
Que era o maior de todos os aggravos
A' estrellada bandeira que empunhaste!

Mau grado á resistencia que encontraste
Dos Estados do Sul nos homens pravos
Que oppunham seus corsarios aos teus bravos,
— Como Wilberforce, a Humanidade honraste.

E não mais houve em todo o territorio
Da America do Norte um só escravo!
— Nem cidadão a quem se não escute,

Inda um seculo depois, "Lincoln, bravo!"
Tú que ascendeste ao humano Promontorio
Pelo revolver passional de Booth!

Rio, 09.

NA MORTE DE GIUSEPPE VERDI

Ave d'oiro, que, um dia, no Busseto,
Ensaiaste almo canto alviçareiro...
E teu seculo encheste, e o mundo inteiro,
Com teu cantar — sonoro mel do Hymmetto!

Dir-se-hia que, coando, feiticeiro,
Pelos jardins em flor dos Capulletto,
Sorprendera em flagrante o humano affecto:
— O amor, o ciume, a ira, o odio traiçoeiro!

E' que teu genio, omnimodo e profundo,
Como teu coração todo bondade,
Sentiu e fez sentir a todo mundo.

O que a alma sente, em plena intensidade:
— Por isso ha de acordar sempre no fundo
Da nossa — ecco immortal — viva saudade.

Rio, 901.

PROSIT !

A RICARDO WAGNER

No 1.º centenario do seu glorioso advento a immortalidade subjectiva.

"Melodiam ex tribus constare: oratione, harmonia, rhythmo.
Harmonia educere, melodiam.
Leit-motiv: principium, medium et finis omnis musicalis dramatica actionis.
— Brevis notus vel intercorrens expositio ad sensum omnis musicalis dramaticæ actonis explicandun."

— RICARDUS WAGNER — *Musicalis Genesis.*

Tú, que, do Genio á provida esthesia
— Arachné, mais que Ariadna suprema —,
Tessituraste o lyrico poema,
Fazendo-o resaltar d'ima harmonia;

E as leis do contra-ponto ás da euphonia
Subordinando, como á orchestra o thema,
Tranfiguraste-a em sonoro schêma
D'onde emerge, discreta, a melodia:

Hoje recebes o triumpho antigo.
— Eil-as que, uma após outra, vem comtigo
Pairar no mundial proscenio augusto

E "Parsifal", "Lohengrin", "Tannhäuser" — flores
Juntam á voz com que "Mestres cantores"
Engrinaldam de "Lieder" o teu busto!

Rio, 22-V-913.

A RICARDO WAGNER

O CREADOR DA "MUSICA DO FUTURO".

Como de uma paysagem mysteriosa
Rompe lendaria voz dentre a harmonia
Que lhe traduz a plastica e a esthesia
N'uma larga caudal melodiosa,

Assim, na tua musica assombrosa,
Contra-ponta erudicta symphonia
N'uma orchestração em que se alia
Ao drama o canto, em téla harmoniosa.

Dir-se hia largo Oceano, que marulha,
E onde, de quando em vez, n'um claro-escuro,
Um vagalhão rebenta e após mergulha

Afogando um idylio em barco obscuro!
— N'ella, ha do Genio a electrica fagulha:
Canta... e enluara o pégo do futuro!

Rio.

CHRISTO

Ha dois mil annos já que tú morreste, ó Christo,
Dois mil annos de dôr, de magua e d'anciedade,
Legando, com teu dogma inocuo da igualdade,
A unidade moral que havias entrevisto.

E, no entanto, apezar do nome teu bemquisto,
De São Paulo e da Igreja em toda a média idade,
A escholastica veiu e aluiu-te a divindade:
Já não podes guiar a Humanidade, ó Christo.

Olhando para o céo, não viste aos pés o abysmo!
— Faltava um *fim real e humano* ao Christianismo...
Calmo; mas, como o sol, rasgou-nos o horizonte.

Já celebra o homem novo agora a nova missa.
Se a critica te nega, a sciencia faz justiça:
— Tú nos deste São Paulo — o precursor de Comte.

S. Paulo, abril — 1877.

ARETINO

Este deprava ás vezes as sciencias

— CAMÕES — *Luziadas*, VII — 43.

Despiste a ardente tunica de Nessus
Que te escorchava a pérfida existencia,
Entre uns rictos de cruel malidicencia
E da "divina forma" os vãos processos.

E, abusando da verga decadencia
De uns tanto mil espiritos reflexos,
Poetisaste eróticos successos,
Prostituindo do amor a pura essencia!

Que vale? A geração que amolentaste
Com o satyrismo de teus versos;
Ha de passar tambem, como passaste...

E, dos louros ephemeros dispersos
Da obra d'arte insincera que deixaste,
Só restarão... uns disticos perversos?

SEGUNDA PARTE

A CIDADE DA MORTE

"Os mortos, mais e mais, governam sempre os vivos".

Quando eu entro a Necropole sagrada
Donde os Mortos governam sempre os vivos,
Sabia e amorosamente compassivos,
Em continua existencia eternisada.

De cada valla ou sepulchral morada
Que habitam mudos, quêdos e passivos,
Eu, subjectivamente redivivos,
Vejo-os surgir na Historia humanisada

E então, sobre o que foi, nova existencia,
Como de enorme dique sem comportas,
A evoluir do amor para a sciencia,

Irrompe desta Thebas de cem portas,
Onde paira — saudosa Providencia —
A alma pura e ideal das coisas mortas!

NO CAMPO SANTO DE SÃO JOÃO BAPTISTA

Menospresando a dôr vulgar que arrasta
A turba humana, agora, ao Campo Santo,
Volvo a mim mesmo e mal represo o pranto.
— E' minh'alma necropole mais vasta!

A' proporção que a vida só me gasta,
Povôa a morte o funebre recanto
De sombras immortaes — e tanto... e tanto...
— Que para os vivos quasi já não basta!

Dos ancestraes é aqui a álea sagrada...
Ali, santas reliquias da amizade...
— Metade da minh'alma mallograda...

Além... E' noite e já não vejo... nada!
— Sinão — infindo Oceano — a Humanidade
Que me conduz á ultima morada!

906.

SR. DR. RAUL MACHADO

Saudações.

O original destes versos que, por sua captivante e excepcional deferencia, a aprazimento da Directoria do "Centro Parahybano", foi emocionadamente lido (e condescendentemente applaudido) ao pé da tribuna das conferencias da Bibliotheca Nacional, — em precavida attenção a alguns immortaes, dyonisiacos — esthetas — oscarwildeanos do Syllogêo, e outros aristarchos adjacentes do "The-tango" Assyrio ou folicularios — vaselinas de certas alfurjas succursaes da Rua Tobias Barreto... (abre-se um parenthese: que não sabem que, para ler e entender Augusto dos Anjos e toda a escola materialista, a que se filia e da qual sou convicto e conhecido adversario, não basta ostentar apollinea vaidade empavonada e infinitesimal saber bibliographico, mas é necessario ter real talento e solida cultura scientifica e litteraria — fecha-se o parenthese)... soffreu algumas indispensaveis modificações, no meritorio intuito de se lhes melhorar o fundo e supprir a inocuidade da "divina forma".

— Que lhes prestem! — E' o que, em nome do anonymo Generino, que não fez desleal concurrencia alguma ás academicas pastorinhas da Sra. Angela Vargas, mais deseja,

Com muitos agradecimentos.

GENERINO DOS SANTOS.

Rio, 28-VIII-920.

N.B. Remessa retardada, por ter perdido o endereço do "Centro Parahybano."

Em 4-IX-1920.

G.

"ULTIMO NUMERO"... NUMERO SAGRADO

A Augusto dos Anjos, bem julgado pelo Poeta Doutor Raul Machado, no festim sociolatrico e mundano do Centro Parahybano.

Para Esther, Gloria e Guilherme: sua viuva e seus dois filhos, que hão de manter os fulgurantes brilhos do Poeta do "Deus-Verme".

I

"Habent sua fata numeri"
"Habent sua fata libelli".

"Hora da minha morte... Hirta, ao meu lado,
A Idéa estertorava-se... No fundo
Do meu entendimento moribundo
Jazia o Ultimo Numero cansado!

Era de vêl-o, immovel, resignado,
Tragicamente de si mesmo oriundo,
Fóra da successão, estranho ao mundo,
Com o reflexo funebre do Increado!

Bradei: — "Que fazes ainda no meu craneo?"
E o Ultimo Numero, atro e subterraneo,
Parecia dizer-me: "E' tarde, amigo!

Pois que a minha autogenica Grandeza
Nunca vibrou em tua lingua presa,
Não te abandono mais... Morro comtigo!

II

Não! não morreu comtigo! Está presente
O teu "Ultimo Numero cansado"!
Vive! E, onde teu livro houver chegado,
Has de viver, com elle, eternamente!

Que teu livro — Hœckel-Spencer — bem rimado,
De wagneriana orchestração cadente,
Não tem par em quanto, hoje ou no passado,
Nos tenha escripto nossa ou extranha gente!

Deixa que o zoilo — um crótalo... á páolada! —
Em tua extincta "carcassa" ferre o dente,
Te enlaive o nome com baldões e apôdos!

IMMORTALIDADE SUBJECTIVA

Nunca enfeudaste a alma, avassallada,
A' *"Coterie"* que se endéosa... e mente!
— Tú és quem és... mas és maior que todos!

Rio — Bibliotheca Nacional, 23-VIII-920.

Nota para o Dr. Raul Machado — Si fôr publicado, pede o maior cuidado na revisão, mantendo-se integralmente a disposição, orthographia e mais notações do original, o Generino.

AERE PERENNIUS

Em vida e sobre o livro do joven, extraordinario e originalissimo poeta materialista,
AUGUSTO DO ANJOS.

"Eu"

Eu li teu livro — um Hœckel bem rimado
Em que o humano sêr se anatomisa
E reduz á histologica divisa
Que não transpõe o sêr organisado.

E, como observador atordoado
Que de um laboratorio se deslisa,
Levando do "não sêr" noção precisa —,
— Por ambos nós! — fechei-o, desolado.

Pois que! Buscas phenomenos da vida
Na primitiva cellula ou monera,
Da viva carne em carne apodrecida?

E a funcção cerebral que a anima e gera
Todo o bem, todo o amor, que a amar convida!
— Não póde ser! — Teu Hœckel degenera!

DEPOIS DA MORTE

Ao digno sobrinho e grande poeta hœckelino
AUGUSTO DOS ANJOS
incomparavel auctor do mais original livro de versos
que conheço em todas as litteraturas

Ultima pá de cal sobre a epiderme
Do cadaver que encerra atro ataúde...
— E começa o trabalho, hediondo e rude,
Anatomo-histolisyco do verme.

Quanto o organismo humano, agora inerme,
Tinha de forte, em vida e com saude,
F' miolitica sanie em vil talude:
— Só resiste o esqueleto á acção do verme.

E, emquanto os corpos simples componentes,
Volvendo á Terra, engendram novos entes,
Que desaggregará, mais tarde, o verme...

Só o cerebro escapa á lei da morte;
Pois, quanto amou, pensou e agiu, é forte:
— Resistirá eternamente ao verme —.

DEPOIS DE TUDO

Para ser lido no 7.º dia e em todos os anniversarios da morte do grande poeta materialista Augusto dos Anjos.

Consumou-se o histologico trabalho
Do verme... E já, de ti, só resta Augusto,
Calcarea ossada, a articular-se a custo:
— Seja... a antropologia de um Carvalho!

Mas... é tua extrema lagrima, hoje, orvalho
Que chlorophille e irise um terno arbusto,
Como a primeira o "Tamarindo" adusto
Que te prestou, na infancia, amplo agasalho? (*)

Fulge na viva luz da errante estrella
Que te conduza, pela immensidade,
A' eterna gloria! — A tua inda é mais bella!

— Mais immortal, na sua idealidade:
Vive — humana — em noss'alma — e se revela
Na subjectiva dôr de real saudade!

Morro da Gloria, Rio, 19-XI-914.

(*) P.S. E' mesmo *é* ou *a*? — Estará certa essa interrogação? Estou copiando dos sonetos impressos na "Gazeta", e por isso não sei si estão completamente certos. Infelizmente não entendo de versos.
Nota de uma sobrinha de Generino, que copiou estes versos da "Gazeta de Leopoldina".

NA MORTE DE AUGUSTO DOS ANJOS

O ultimo grande poeta materialista da raça latina — Victimado por pneumonia, aos 30 annos de idade, longe de sua terra natal, no "Nirvana da Leopoldina" do Estado de Minas Geraes.

Volveste, emfim, á plastica materia
Inorganica, o organico arcabouço
Que fazia lembrar o de um molosso,
Cujo pulmão roesse atroz bacteria!

Ora, sulphurea chamma, deleteria,
De comburentes gazes, sobre um fôsso,
— Tão só! nos diz teus idéeaes de moço...
Aureo esplendor de animica miseria!

A primitiva cellula, que o genio
Te havia, em rythmos orchestraes, plasmado,
Não te é mais... que êrmo balão de oxygenio!

Mas quanto, amando, em verso articulado
E rebelde a escholastico convenio,
Cantaste... ha de ficar eternisado!

Morro da Golria, Rio, 12-XI-914.

SUBJECTIVA VIUVEZ ETERNA

A' Francisca dos Anjos

Pela morte de seu noivo, nas vesperas de seu casamento.

Isto é amor e d'esse amor se vive;
Isto é amor e desse amor se morre!

Gonçalves Dias — *Canticos.*

Dessa grinalda, em que a botão de rosa
Ias prendendo a flor da laranjeira,
Como a um sonho a illusão mais feiticeira...
Que resta já? — Recordação saudosa!

Ai, miseranda moça descuidosa,
Que amaste um dia pela vida inteira,
E... embalas um cadaver, á primeira
Jura de amor, em viuvez chorosa...

... — E eterna! — que este amor que sobrevive
Ao bem-amado e a tudo quanto occorre
Sem nada mais haver que o objective...

Basta a si mesmo e a nada mais recorre:
— "Isto é amor e desse amor se vive!"
— "Isto é amor e desse amor se morre!"

112-1900.

BOCAGE

Retrato icono-litterario

"Magro; olhos azues; carão moreno;"
Aquilino nariz; melena á testa;
Olhar, que ri; sorriso, que protesta;
Bocca, que é mesmo um favo de veneno:

Da téla do seu tempo — outeiro ameno —
Rompe da gola da quinzena em festa
Glosando um mote, em desafio, á sésta,
Ou motejando a viola de Lereno.

Dissereis, vendo-o então, que a natureza,
Como elle, entre mordaz e caprichosa,
Lhe pozera no genio a *vis* gauleza

De Gringoire, em compita licenciosa
Com Boccacio, rimando á portugueza...
— E assignara, talvez, Salvator Rosa.

BOCAGE

(Variante)
Commemorando o primeiro centenario de sua morte.

RETRATO ICONOGRAPHICO

"Magro; d'olhos azues; carão moreno";
Hirsuta grenha, esparsa sobre a testa;
Aquilino nariz, de enorme aresta;
Bocca... que é mesmo um "favo de veneno":

Da téla do teu tempo — outeiro ameno —
Como da gola da quinzena, em festa,
Surges, glozando um mote, ao ardor da sésta,
Ou motejando a viola de Lereno.

Mas, quem repara bem, vê que irradia
Teu doce olhar febril divina chamma...
E ouve cantar-te, á bocca, alma poesia...

Dissera, então, que és tú copia assombrosa
De um Cezar de Bazan, que o genio inflamma.
— E assignara — talvez! — Salvator-Rosa.

EVOCAÇÃO LITTERARIA

"Zoilos, tremei! — Posteridade és minha!"
BOCAGE.

1.º

Elmano, emfim! — Posteridade é tua.
Gloria já secular lustra-te o nome.
— O tempo, que alma e corpo nos carcome,
Mais te enaltece quanto mais recua.

E' que o molar do tempo não consome
Verso d'oiro em que o Genio se accentúa;
Verso, em que canta a Lingua e a Lingua estúa,
Como o aureo verso em que pintaste a fome.

E, "si é doce, em recente ameno estio",
Trépida lympha audir, que borborinha,
— Mais doce é ouvir-te o lyrico amavio...

Com que, inda hoje, á critica mesquinha,
Podes dizer, sem medo, em desafio:
— "Zoilos, tremei! — Posteridade, és minha!"

2.º

E' tua, sim! Si o estreito classicismo
Do teu tempo negou-te o engenho e a arte,
— Como a Camões, só tendo para dar-te,
Com o pão do exilio, o indico ostracismo;

E' que tu, Campeão do Messianismo
Litterario, em que a Lingua se biparte,
Do teu tempo e paiz viveste á parte:
— Tú foste um precursor do Romantismo.

Aretino ou Boccacio ou Bergerac,
Immergiste, no lodo ou na maldade,
A pena, envenenando-a para o ataque;

Mas, como de Gringoire á van piedade,
Nem desbotou-te a côr — pósthumo achaque —
"Pavorosa illusão da Eternidade!"

3.º

E ora transpões o tempo, enchendo o espaço.
Si não foste Camões — pois, sem compita,
A Epopéia da India estava escripta —
Nem, por isso, teu genio é mais escasso.

Cantaste, quanto o amor ou a gloria incita,
N'um verso que dir-se-hia feito d'aço
— Quente e sonoro — de Petrarca ou Tasso —
Lembrando abelha d'oiro que volita.

Eil-o que sôa agora inda mais puro,
Mais terso ainda, ainda mais canoro
— Voz do passado a ecoar pelo futuro —

Que se encorpora, humano, ao "Eterno Côro",
Onde, quem canta, ainda o mais obscuro,
Vibra de Homero e Dante a lyra d'ouro.

Rio, 21-XII-05.

TIRADENTES

COMMEMORANDO SUA EXECUÇÃO

"Patria! recebe o meu sacrificio".
SUAS ULTIMAS PALAVRAS.

Quando ao surdo uluar da *Loba soberana*,
Transfigurado heróe! Cordeiro immaculado!
A fronte altiva, altivo o olhar foste atirado
Do tripode fatal na luz meridiana;

Tú, que tinhas na mente a Patria Americana,
Tendo no coração aquelle amor sagrado,
Com que beijaste a mão ao algoz... por ter salvado
Do vilipendio os réos da Inconfidencia Humana:

Ao tomar-te, no espaço, a subita agonia,
Teu coração altruista que é que sentiria?
De que estranha visão se enchera o teu Calvario?

Não sei! Mas diz o Povo — eterno-visionario! —
Que, inda agora, assombrando, oscilla o teu sudario,
Entre a noite do escravo e o sol do livre dia!...

A VISÃO DE TIRADENTES

LENDA DOS TEMPOS DA CONJURAÇÃO MINEIRA

Resam chronistas que, da Inconfidencia,
Em suarenta noite de agonia,
Quando o Heroico Mineiro estremecia
Do seu livre ideal pela existencia,

Cosida á escuridão, sombra, erradia,
Em quem dedicação vence a prudencia,
Fôra bater-lhe á porta e dar-lhe sciencia
De estranha nova ou triste prophecia.

Que grato coração, amante e amado,
Poude assim afrontar a sorte ingloria
Do trahido e cruento *"baptisado"*?

Não n'o soube ninguem! não dil-o a Historia!
— Abantesma ou visão de allucinado...
— Uma mulher talvez... talvez a gloria!

PERPETUA MINEIRA

LENDA DOS TEMPOS DA INCONFIDENCIA

"Amor che muove il sole e l'altre stella."
DANTE — *Paradiso* — Canto XXXIII — fins.

Elle vinha, cançado da jornada,
Como Christo, a pregar de "Oitenta e nove":
Da lei do Amor que, para o bem, nos move
De liberdade á Patria escravisada.

Parou n'um *pouso*, aberto para a estrada.
E entrou. Poz-se a arengar, sem que n'o approve
Ninguem! — Só Ella o escuta... e se commove.
— Deu-lhe, ao sahir, perpetua rôxeada.

Horóscopo fatal — Desde esse dia
Velou por Elle como mãe solerte:
— Foi-lhe *a Visão* da *noite da agonia.*

E não mais o deixou! — Sombra erradia
De seu corpo, tombou com Elle inerte,
Quando exangue expirou: — morreu... — morria!

1899.

ANTE O LEITO DE TIRADENTES

Em exposição no Templo da Humanidade

A XIMENO DE VILLEROY e ARTHUR DE CASTRO

a Patria agradecida

"Locus ubi ingemiscit umbra..."

Aqui foi, neste leito, amplo e vetusto,
Que Elle nasceu comtigo, ó Patria amada!
— D'aqui radiou — ha um seculo! — a alvorada
De Novembro, a emergir de um sangue justo!

Foi aqui que immortal seio robusto
De mãe formou-lhe a alma afervorada,
Que Te amou mais que a vida atribulada
— Aqui foi, neste leito, amplo e robusto!

Ah! quanta vez aqui o Heróe Mineiro
— Penou por Ti, ao ver-te escravisada!
— E aqui... nem teve o somno derradeiro!

N'outro mais alto... em lugubre esplanada,
Morreu... — onde o contempla o mundo inteiro
— Viva estatua immortal, mas... enforcada.

111-1899.

AVÈ, TIRADENTES!

Esse, que vês, ao alvorecer do novo
Regimen, como Cezar, triumphante,
Não é da Inconfidencia o heroico Atlante:
— E' o Precursor da Patria Livre, ó Povo!

Este é teu Patriarcha, almo renovo
Dos Gracchos, que a sonhar, febricitante,
Porque se desse um novo mundo iriante,
Com seu sangue iriára o mundo novo!

Povo! revê-te bem no rosto amado,
Onde a alma da Patria esplende altiva:
— Este... és tú mesmo, ha um seculo passado!

Hoje és livre: elle outr'ora a viu captiva,
Mas se alguem captival-a houver sonhado...
... Que morra o alto traidor e a Patria viva!

A MOCIDADE REPUBLICANA A TIRADENTES

"Libertas quae sera tamen."

Oh! não! Essa que, em sangue generoso,
Não sangue de traidor nem de bastardo,
Plantaste junto á forca, como um cardo,
Que rompe á luz do sol, rubro e espinhoso;

Essa, por quem, modesto e melindroso,
Luctara Benjamim, como um Bayardo,
Contra a columna vil o vil moscardo
Que morde... o proprio ferro venenoso:

Ruja embora a paixão, mais desvairada,
Em coração, mais negro e tenebroso,
Que um coração de loba esfomeada...

Mata? — Não morrerá Facto assombroso!
Ella vive em noss'alma enraizada,
Como um cardo: — arrancal-a... é perigoso!

TIRADENTES AOS TIRADENTES

(SONETO PROSOPOPÉIA)

"Vós sim, que sois meus filhos bem amados!
E, pois vos vejo taes, no sacrificio,
Quaes vos sonhara — heróes — no meu exicio,
Nunca sereis assás glorificados.

"Que, quando o afflicto coração patricio
Geme de dôr, em éstos consternados,
Peitos de Patriotas e Soldados
Se aferem pelo ardor do sacrificio.

"E vós, n'onda sangrenta das batalhas,
Onde, ao trom dos canhões relampejados,
A ferro frio cosem-se mortalhas,

"Jovens e heroicos Cidadãos armados,
Sois da Republica invictas muralhas:
— Vós, sim, que sois meus filhos bem amados!"

A TIRADENTES

Alma pura e gentil que eternamente
Vives no coração da Patria amada,
Não mais como visão ensanguentada
Mas como sol de amor resplandecente;

Tú que inspiraste á alma *inconfidente*
Essa revolta audaz que é uma alvorada
De onde emergiu a aurora humanisada
Que em Benjamin Constant toca o occidente:

Vê bem que a sementeira que lançaste
Aos quatro ventos da alma brasileira
Dispersou-se no chão que ensanguentaste;

Cobre-lhe a tumba em fórma de bandeira,
Mas não produz os fructos que sonhaste!
— Será mister mais sangue, alma altaneira?

PEDRA D'ARA

Ao lançar-se a da estatua de Tiradentes na via dolorida que transitou até o Campo da Lampadosa, onde foi engalanadamente enforcado por amor da nossa territorial e politica Independencia.

— 21 de Abril: 1789-1928 —

Ao cidadão Amaro da Silveira — como das de Benjamin Constant e São Francisco de Assis — seu patriotico iniciador e patrono. E ao grande estatuario nacional Eduardo de Sá, que sentida e artisticamente a ideou e vai executar.

"A pedra de teu tumulo é teu primeiro altar".
ELIZA MERCOEUR.

Esta pedra que isento patriotismo
Aqui lançou por mão da Humanidade,
Não é a de seu tumulo — é verdade —
Que seu corpo, sumira-o o "Reinolismo"!

Morto e esquartejado, com crueldade;
Decapitado; e, em pasto ao servilismo,
Corvejado na "infida e rica herdade":
Seu corpo... onde é que jaz? Mudez de abysmo!

Mas é do seu altar primeira pedra
Onde seu sonho libertario medra
Em Republica Progressista e Ordeira;

Onde o unico Factor da "Inconfidencia
Mineira" engendrou nossa Independencia:
— No coração da Patria Brasileira.

Rio, 27 de Archimedes (Plutarco) de 140-74.
(21 de Abril de 1928).

AGONIA E MORTE DE UM ASTRO

Na lenta e penosa transformação objectiva de

DON BARTOLOMÉ MITRE,

Fulgurante e immorredoura gloria da America Latina: Jornalista, Poeta, Historiographo, Estadista e Guerreiro.

(Publicação commemorativa do 1.º centenario do seu nascimento).

A' BELLA PATRIA ARGENTINA

symbolicamente representada pelas accentuadas individualidades de: Jorge Mitre, seu digno successor jornalistico; Rafael Fraguero, adoravel poeta da "Ode E'pica al Brasil"; e Saënz Peña, o perspicuo estadista da bella fórmula poetica de Politica Planetaria: "Tudo nos une; nada nos separa".

Tutti torniamo alla Gran-Madre Antiqua!
FRANCESCO PETRARCA — *Rime.*

Alfim, morreste! Alfim te foi clemente
Quem te engendrou prodigamente amiga!
— E volves, desandando lentamente,
Ao coração da "Grande Mãe Antiga"!

Agora, sim! — que a morte desobriga
O que deve viver eternamente:
— Morto o guerreiro, a inveja o não fustiga!
O publicista adora-o toda a gente!

Porém o Historiador e Poeta ovante
Que ascendeu da Argentina á Humanidade
Vertendo Horacio e traduzindo Dante,

Si custou a morrer, é que, em verdade,
Tinha mais de uma vida agonisante
Para levar comsigo á Eterna Idade!

Rio, 2-VI-921.

AGONIA Y MUERTE DE UN ASTRO

En la penosa y lenta transformación objetiva de

DON BARTOLOMÉ MITRE,

Fulgurante e immorredora gloria de l'America Latina: Periodista, Poéta, Historiógrafo, Estadista y Guerrero.

Publicación commemorativa de su 1.º centenario natalicio

A' LA BELLA PATRIA ARGENTINA,

simbolicamente representada por las acentuadas individualidades de: Jorge Mitre, su digno sucesor periodista; Rafael Fraguero, adorable Poeta de "Ode E'pica al Brasil", y Saenz Peña, perspicuo estadista de la bella fórmula poética de Politica Planetária: *"Tudo nos une nada nos separa"*.

"Tutti torniamo alla Gran Madre antiqua".
FRANCESCO PETRARCA — *Rime.*

Alfin... es muerto! Alfin, te fué clemente
Quien te engendró, prodigamente amiga;
Y vuelves, desandando lentamente,
Al coraçón de la "Gran Madre antiga."

Ahora, si! — La muerte desobliga —
Lo que debe vivir eternamente!
— Muerto, al guerrero envidia no fustiga...
Y al publicista adora toda gente!

Pero, el Historiador y Poeta ovante
De Argentina que honrou la Humanidad.
Vertendo Horacio y traducindo Dante,

Si tardó a morir, es que, en verdad,
Tenia más que un'alma agonisante
Para entrares, de vez, Eterna Edad!

AGONIE ET MORT D'UN ASTRE

Dans la pénible et lente transformation objective de

BARTHÉLEMI MITRE

E'tincelante et immortalle gloire de l'Amerique Latine: Journaliste, Poéte, Historien, Homme d'E'tat et Guerrier.

Publication commemorative du 1er. centenaire de sa naissance.

A' LA BELLE PATRIE ARGENTINE,

symbolisée dans les remarquables individualités de: Georges Mitre, son digne successeur journalistique; Raphael Fraguero, l'adorable Poète de "Ode E'pica al Brasil"; e Saenz Peña, le clairvoyant Homme d'E'tat de la belle fórmule de Politique Planétaire: *"Tout nous unit; rien ne nous sépare."*.

"Tutti torniamo alla Gran Madre antiqua".
FRANCESCO PETRARCA — *Rime.*

Enfin... mort! Enfin te fut clément
Qui t'engendra, prodiguement amie!
Et reviens, retournant tout lentement,
Au coeur de "Notre ancienne Mère" ardie!

A' la bonne heure! La mort tout purifie
Ce que doit vivre, á l'éternel moment:
— Mort le guerrier, non plus — pas plus! — d'envie...
Et l'écrivain, l'adore toute gens!

Mais l'Historien, mais le Poéte ovante
Qui a fait de l'Argentine Humanité:
Versant Horace et traduisant le Dante,

Si a couté á mourir, en verité
Il avait plus d'une âme agonisante
Pour la porter dans son E'ternité!

Rio, le 26-VI-921.

NA CRATERA DO VESUVIO

Ultima scena de um drama politico: "A Campanha de um Propagandista".

COMMEMORANDO SILVA JARDIM

Mais lumes na bafagem levanta-se esta noite...
A fronte do vulcão traz ondas amarellas...
E, do sueste, ao longe, o mar geme ao açoite...
Quem é que ergues nesta espiral de estrellas?

JOSÉ JORGE DE SIQUEIRA FILHO — *A Visão do Orizaga.*

I

Surdo rumor... E' a fauce hiante do Vesuvio
Que vomita no espaço, em jactos de betume,
Metaes em combustão, fumo e sulphureo lume.
Em que o ventre da Terra abrasa... Igneo diluvio!

E seu habito é morte! E' morte o ácido effluvio
Que lhe empesta e creosata o asphaltitado cume!
E soterra Pompéia! E atrae — bipede implume —
Plinio ou Jardim que o affronte! — E... digere o [Vesuvio...!

"Que o deixem comburir, mas plutonicamente,
A alto calor de ferro-guza, esbraseado...
E' o abysmo? — Pois bem: sedul-o incandescente!

Tambem, no voluntario exilio, ardem-lhe a mente
E o coração de dôr — E foi subindo, ousado...
E, ousando mais subir... sorveu-se de repente!

II

Era, talvez, fatal! — Um cerebro onde o instincto
Destruidor, á impulsão do orgulho e da vaidade,
Sobre a veneração, sobre o apêgo e a bondade,
Dominador, primava, embora alto e distincto;

E trahia a ambição de mando um mal extincto
Preconceito vulgar de popularidade,
Que sóe tudo immolar — e a propria liberdade —
A ephemero poder que nada póde... eu o sinto!

Mas corajoso e ousado até o heroismo e a morte...
Em quem era firmeza audaz tenacidade
E prudencia impavôr — Um pequenino e um forte! —

Talvez — desequilibrio enorme de organismo
Que errava em convulsão — fatal temeridade! —
Quiz sondar o Vesuvio... "O abysmo atrae o abysmo"!

III

Mas, dentre os que, de dôr, morrem sentindo ainda
Quanta vida é mister para a immortal empreza
De, mais que a vida, amar esta Patria indefeza
Que se perde, ao nascer, n'uma anarchia infinda;

E, antepondo-a á familia, em cujo amor se guinda
A alma humana ao apogêo da humana natureza,
Se lançam na revolta, onde, á discordia accesa,
Movem-se os corações que o amor da Patria blinda;

Nesta vasa lethal d'homens, crenças e cousas,
Em que se decompõe o cadaver do Imperio
N'uma atroz combustão de gazes sob louzas...

Em meio a tanto pús, que anda a pedir cauterio
E descrever qual é, ó Juvenal, nem ousas...
— Elle era um Patriota; elle era um homem serio.

Rio, 111 (1899).

QUIS TALIA FAND...

Ultimo soneto de uma serie
commemorando a tragica e irreparavel morte de
SILVA JARDIM.

"Ironica, indignatio ferit versum".

Ha trint'annos — de olvido! — que partiste
Para o Vesuvio, que outro Plinio encerra...
Rodando o tempo foi... moveu-se a terra...
E já de Ti... nem mesmo o *hiate* resta!

Saturno devorou seu Filho... ai, triste!
E move á espuria prole iniqua guerra...
E, em seus anneis, que, caldeando, uniste,
Nosso systema intra-solar aberra!

De tudo quanto foi, bem pouco resta,
Jove desfez-se em chuva d'oiro... Pluto
Explora Ceres... polluiu-se Vesta...

Neptuno ameaça a terra de diluvio...
— E' um mundo que desaba, immerso em luto
Fizeste bem... morrendo no Vesuvio!

DESOLADISSIMO

Ao Exmo. Sr. Dr. Antonio Ferreira Vianna

Acabo de ser fulminado com a atordoadora noticia, que me deram as folhas de hoje, da morte do Arthur.

Sabia-o enfermo, já de alguns dias; mas não cuidei nunca que o medonho mal lhe desse a morte.

Ao contrario, nutria a mais viva e alviçareira esperança de vêl-o, dentro em pouco, restabelecido.

— Tristissima imprevidencia humana, que nos faz crer cegamente na realidade objectiva d'aquillo que mais ardentemente almejamos!

Não cheguei, pois, a vêl-o, no solemne e angustioso momento, em que devia elle — pobre Arthur! — se partir para sempre.

E nem mesmo me foi dada a consolação de cumprir o piedosissimo dever de acompanhal-o, — como em vida —, á cidade da morte.

Não importa! Para mim, que firmemente creio na eternidade subjectiva, o Arthur ha de viver eternamente, como uma recordação saudosa.

Elle foi meu amigo e eu fui amigo delle: amigo sincero, leal e dedicado, — fraternal, se da fraternidade se póde dizer assim, hoje em dia.

Nos ultimos tempos de sua angustiosa existencia, honrava-me com a confidencia da sua vida, e, porque não dizel-o? — das suas penas d'amor.

Eu retribuia-lhe, franca e lealmente, a confiança, com o que me parecia o mais salutar conselho, em tão afflictivos momentos.

A mais inteira e confiante intimidade nos prendia; nós nos queriamos, austera e respeitosamente, como irmãos.

Não era tanto a sua ardente e caprichosa imaginação, que o fazia romper audaciosamente os moldes da vulgaridade, o que nelle mais me impressionava.

— Era o seu nobre e generoso coração, franca e apaixonadamente arrebatado por tudo quanto ha de grande, de verdadeiro e de sublime.

— Era o seu energico e inquebrantavel caracter aventuroso, que, num momento dado, poderia fazer desse *pequeno selvagem civilisado* um verdadeiro heróe á antiga.

Ah! certo, era uma grande alma d'artista, duplamente forrada da de um heróe e da de um anjo, aquella misera creança que, á nevrose do genio, alliava a doçura da pomba e as energias do leão!

Pobre e mallogrado Arthur! — era bem mais digno que ora lhe cingisse a fronte uma corôa de louros ou de carvalho, do que a tristissima capella dos finados!

. . . . . .

Imagine agora, Sr., como me deve pungir e sangrar o coração, ao dirigir-lhe estas linhas, que choram, como saudades e goivos sobre a sua campa silenciosa, — o Sr. que, sendo seu pai, o amava tanto!

E, se ainda crê que possa haver vestigio de sinceridade sobre a terra, n'alma d'um desconhecido em-

bora, mas que amava tambem seu filho, e nunca mentiu á pureza de seus sentimentos, queira aceitar, com o mais affectuoso aperto de mão, esta lagrima ardente que a dor commum arranca ao

Seu mui respeitador

GENERINO DOS SANTOS.

Rio, 28 de Setembro de 1887.

P.S. — Esta carta deixou de ser entregue na data em que foi escripta, por ter sobrevindo, em pessôa de minha familia, molestia grave, que terminou pela morte.

GENERINO.

3 de Novembro, 87.

RESURREIÇÃO

Junto ao tumulo de Arthur Ferreira Vianna.

A SUE EXTREMOSO E DESOLADO PAI.

E' bem verdade, pois; é bem verdade: é morto...
E' morto! — Aquella nobre e ardente fantasia,
Qu'em nevroses de genio, indomita, se erguia
Em busca do ideal, que contemplára, absorto,

La onde finda a sciencia e começa a poesia...
La onde alma que soffre espera achar conforto...
Volvendo á mãe commum, demanda agora o porto
Do incantado paiz, onde adejar soía.

Agora é dia, alli; alli desponta agora
D'honrosa eternidade a subjectiva aurora,
Que espanca a densa treva ás *agonias do horto;*

E elle surge mais bello, em meio á leiva impura
Das paixões, como um Christo: a morte o transfigura;
— Resurge, pois, agora... — E' bem verdade: é morto!

ONDE EXISTIRA A AVE...

A pedido de Arthur Ferreira Vianna

PARA SUA PRIMA DÚDÚ.

Pobre "Vivi" — Morreu! E não se morre,
Quando morre um amor de passarinho!
Não se morre de dôr! Saudoso é o ninho
Tépido ainda, onde o meu pranto corre...

Quando morno luar n'alma se escorre
Somnolento amavío; e um borborinho
De citharas e beijos, como um vinho
Capitoso e traidor, meu ser percorre...

Na calada da noite, entre os suspiros
Da brisa e a voz quebrada e marulhosa
Da onda, a recortar em leves gyros

O céo (si um céo foi dado ao passarinho)
Teu alento final ouço, chorosa...
— E eu... sem ti, doce amor! — deserto o ninho!

NA MORTE DE FERREIRA VIANNA

"In marmore longis aevum"

Onde a palavra ardente e colorida
Que, num gesto inspirado de vidente,
Pompeava na satyra mordente,
Como na arenga e discussão renhida?

Onde o atticismo arguto e altiloquente
Que lhe imprimia frémitos de vida,
Ora escarninha e ora commovida,
Como um fakir domando uma serpente?

— Demosthenes que tinha, como Sócrates,
Um demonio a possuir-lhe o engenho agudo,
Immune á tentação, como Xenócrates,

Forrou o escravo, causticando tudo,
— Vivo aphorismo social de Hippócrates —
E... está muda a tribuna! o róstro é mudo!

NO TUMULO DO TENENTE-CORONEL MADUREIRA

O PRECURSOR DE BENJAMIN CONSTANT, JUNTO AS PATENTES SUPERIORES DAS CLASSES ARMADAS.

A semente ideal que, intrepido lançaste
Nas almas em que o amor da Patria é coisa sã
Não morreu, quando heroico ao tumulo baixaste;
— Vingou no coração de Benjamin Constant.

Sementeira de luz em céo austral, na haste
Do nosso pavilhão surgira temporã
E agora vai no azul do céo que tú sonhaste
Seguindo o grande sol do dia de amanhã.

Qu'importa houvesse exhausto a leiva em que me-
[drara,
Si é hoje o coração da Patria Brasileira
Quem n'a acolhe e contem, quem n'a cultiva e ampara?

A semente immortal tornou-se sementeira
D'homens cujo valor tem a tempera rara
De tú'alma immortal, immortal Madureira!

PERENNIUS AERE MONUMENTUM

Em vida e na morte de Alfredo Coelho Barreto, sepultado no carneiro n. 4561 do Campo Santo de São João Baptista da Lagôa.
1854-1909

"Longis tempora aevum".

EM VIDA

ANALYSE E SYNTHESE

(Amor e Odio)

"Toutes les grandes pensées viennent du coeur".

Onde vais tú voando, alado pensamento
Humano? Onde vais tú, avassalando tudo?
Interrogas si ha Deus? Tudo o que existe é mudo!
— E' fórma quanto vês ou tudo é movimento?

Tú mediste a extensão; sondaste o firmamento;
Os corpos submetteste ao mais severo estudo;
Escalpelaste a vida... E não és bom, comtudo!
— Tudo nos vem do mundo, excepto o pensamento.

Volve, pois, sobre ti; conhece-te a ti mesmo:
Que és tú? Ignoto Deus que se revela a esmo?
Que és tú? — Simples funcção do cerebro o mais rudo.

E o cerebro tem leis; e a lei que nos domina
O odio é a do amor, que, a amar, amando, ensina:
— Tudo o amor synthetisa; o odio analysa tudo.

NA MORTE

INDIZIVEL DOR POR OCCASIÃO DO SEU PASSAMENTO

"Tutti torniamo alla Gran Madre Antiqua."
FRANCESCO PETRARCA — "RIME".

A dôr, a grande dôr, a dôr sem nome, é muda!
E' a "Sphynge" da dôr que a alma nos devora,
Sem lagrimas na voz nem gritos de quem chora!
— E' a dôr que, em saudade eterna, se transmuda!

E' a dôr que me punge — e nada ha que a illuda! —
Ao ver incorporar-se á Humanidade, agora,
O amigo fraternal da minha extincta aurora:
— O amigo de quem ama e soffre ou pensa e estuda!

E tal foi esse livre e culto entendimento!
— Essa desordenada actividade aguda,
Que veio á Virgem-Mãe pelo almo sentimento

E em quem dedicação vasto saber desnuda,
Mostrando um coração maior do que o talento!
— Morreu ... Que mais direi? — A minha dôr é muda.

Rio, 20-III-09.

NO SEIO DA MORTE

OUVINDO DOBRAR A FINADOS POR ALFREDO BARRETO

"Caro data vermis".

Rolou sobre teu corpo a ultima pá de terra
Que o coveiro lançou, philosophando ou rindo,
E fôra, pouco a pouco, o esquife te encobrindo...
Já, do primeiro verme, o dente se te aferra...

E começa, na treva, o borborinho infindo
Da vermina, a ferir depredadora guerra...
Volve chimicamente á Terra o que é da Terra...
Só o esqueleto resta! — E'... findo! E' tudo findo!

Si tú podesse ver, porém, terias visto
Que esparsa multidão te chora, humanamente,
E outra pede por ti, prostrada aos pés do Christo.

Mas, cada qual, de ti, diz todo o bem que sente...
— Todo o bem que fizeste! E o que traduz bem isto,
Sinão que estás vivendo ainda em cada mente?!

Rio, 27-III-09.

REMEMORANDO ALFREDO COELHO BARRETO

No terceiro anniversario de sua transformação objectiva.

IMPRESSÃO SAUDOSA DE SUA ULTIMA IMAGEM PHOTOGRAPHICA.

A imagem normal é sempre a mais nitida e preponderante sobre as que nos desperta a agitação cerebral.

AUGUSTO COMTE.

Ha já tres annos que te foste, amigo,
Desta terrena vida de miserias
Em que todas as coisas — as mais serias! —
Se esbatem na poeira de um jazigo.

E aqui me tens a palestrar comtigo,
Ouvindo-te as *gaitadas* e as pilheiras,
Com que soias revidar as lerias
D'algum contradictor, alumno ou amigo.

Tudo... tudo se foi! Mas, sempre viva
Tua ultima imagem, já saudosa,
Me ficou a entre-olhar na retentiva.

Parece que a estou vendo... — Aberto em rosa
O coração, como flor decorativa
De tú'alma jovial e affectuosa!

INFELIX PUER!

JUNTO AO LEITO DE MORTE DO BERNARDO

Emfim! Mais pôde o impaludismo ardente
Que te foi devorando sem clemencia
Orgão por orgão, triste e cruelmente,
Do que toda a hippocratica sciencia.

No emtanto, em ti, a lei da persistencia
Contra o morbus agio tão fortemente,
Que só pôde vencer-lhe a resistencia
Toda a tensão do mal sempre crescente.

Miserrima creança valorosa,
Quem poderá dizer quanto soffreste
Nessa agonia intermina e horrorosa!

Ah! nem tú, coração que comprendeste
Aquella alma infantil, terna e amorosa,
Tú que o viste soffrer... e que o perdeste!

108-1896.

JUNTO A' SEPULTURA DO BERNARDO

NO DIA DE SEUS ANNOS

(Culto dos mortos)

"E' tão bom! tão agradavel ouvir fallar por toda
"parte, todo instante, do ente que nos é caro, e
"que amamos de coração!...

Pensamento materno.

Fazes dez annos hoje... E, sobre a leiva
Em que teu corpo se transforma em flores,
Vêm, chorando, colher teus bons cultores
A flor em que pozeste a melhor seiva.

Talvez, rosa ideal, pura e sem eiva
De humana sanie, humanos dissabores,
Nos possa ella dizer os sãos amores
Que baixaram comtigo á eterna leiva.

Talvez que, em suave onda perfumosa
Em que adeje a saudade, de mistura,
Tua recordação, meiga e amorosa,

Que, subjectivamente, inda perdura,
Nos diga com que amor, mudado em rosa,
Tú nos amaste, amada creatura!

108 (11 de Novembro de 1896).

CARTA A UM PEQUENINO MORTO

COM ENDEREÇO A BERNARDO GUTTEMBERG, NO CAMPO SANTO DE SÃO JOÃO BAPTISTA, N. 632

Ha um anno que te foste d'esta vida,
E sempre, e em toda parte, estás presente
Em nossos corações; — que amor ardente
Te não deixa esquecer, prenda querida.

E' que ainda perdura o adeus plangente
Do teu saudoso olhar da despedida;
E, tudo que nos cerca, nos convida
A ver-te e ouvir-te e amar-te, amado ausente.

Pois, quanto mais teu corpo se transforma
Em flores, nessa leiva que o depura,
Mais tua imagem, sob a antiga fórma,

Se torna viva e bella e meiga e pura,
Como um raio de luz que segue a norma
E, quanto mais intenso, mais fulgura!

CARTA A UM PEQUENINO MORTO

A Bernardo Guttenberg no Campo Santo de São João Baptista, sepultura n. 632

Pelo 3.º anniversario de sua morte

Morto son io e tu sei vivo ancora.
Francesco Petrarca — *Rime.*

Vejo-te ainda! Ainda a suave aurora
Infantil que alvorava no teu rosto
Pondo-lhe uns meigos tons d'intimo gosto,
Todo um beijo de luz... eu vejo agora!

Inda a mesma roupagem com que outr'ora
Te foste, em tarde flórida de Agosto,
Para o eterno *"ao de lá..."*, como um sol posto,
Reveste a tua imagem seductora!

Apenas... já não vives! Tão sómente...
Já nada resta do que foste em vida!
— Mas, que importa, se tenho-te na mente...

E te vejo... e te escuto... e tão querida
Imagem vive agora eternamente
N'uma infinda saudade indefinida?!

C. F. — 9 de Guttenberg de 111 (21 de Agosto de 1899).

CARTA A UM PEQUENINO MORTO

A Bernardo Guttemberg no Campo Santo de São João Baptista, n. 632

Ouve: Manhã de Agosto abre-se em rosas
Sobre a leiva em que immerges fundamente;
E talvez que de ti nem reste á gente
Mais que a vida ideal que eterno gozas!

No entanto, si não morres carnalmente,
Ora havias de ter quinze ruidosas
Primaveras em flor: — e que formosas
Da puberdade á seiva effervescente!

Mas tú, inda na aurora, ennoiteceste...
E, em vendo algum rapaz da tua idade,
— *Galant'uomo* infantil, como viveste,

E, qual morreste — um forte á heroicidade —:
— "Si vivesse, seria assim como este"
Digo, Bernardo; e então... ai que saudade!

113, 1901.

CARTA A UM PEQUENINO MORTO

A Bernardo Guttenberg no Campo Santo de São João Baptista, sepultura n. 632

Que longa e que penosa é a triste ausencia
Dos que se vão para o "Ao-de-lá" da vida;
— Só pela idéa e grande dôr medida,
De que não tornarão mais á existencia!

Ha sete annos que a nossa convivencia
Deixaste pela funebre jazida;
E parece que foi tua partida —
Ha um seculo... tão longa é tua ausencia!

— Longa e penosa, sim! pois, á medida
Que, com ella, te vai crescendo a idade,
Mais, negativamente engrandecida!

Tua imagem se esbate. — E então me invade
A alma uma tristeza indefinida
E amarga — ah! lancinante! — é a saudade.

C. F., 21-8-903.

A' INOLVIDAVEL MEMORIA DE MEU PAI

Pai, e não pai sómente pelo sangue,
Mas pelo coração, mas pelo exemplo,
E mais pela alma que era como um templo
Onde impera a virtude e o vicio entangue.

Quando teu vulto em meu scismar contemplo,
No teu leito de morte, anciando exangue,
Não sei que dôr saudosamente langue
Me incita ainda a te seguir o exemplo.

E' que tú, com tua austera honestidade,
Com tú'alma mais rija que teu braço,
Com tua suavissima bondade,

Do maternal amor concluiste a obra,
Pondo em minh'alma a tempera do aço
De Toledo, que parte mas não dobra.

A' PURA E SANTA MEMORIA DE MINHA MÃE

Como arvore que verga em flor por sobre a leiva
Fecunda, que a gerára, a gratidão do fruto,
Assim, ó minha Mãi, d'alma e amorosa seiva
Que me pozeste n'alma, este livro é o producto.

Bem o quizera extreme e são de qualquer eiva
Que possa marear-lhe o espirito impolluto:
— Trahio-me alguma vez a rima com quem lucto;
Outras vezes a forma o pensamento aleiva.

Embora! E' todo teu. Perpassa em cada verso
Tua alma encantadora, o teu divino alento
Que me embala a cantar, como amoroso scherzo,

E lhe imprime esse austero e puro sentimento
Fluido ideal de amor que, embora suave ou terzo
A plastica lhe adoça e alarga-lhe o andamento.

NA SEPULTURA DE MINHA MÃE

INSCRIPÇÃO

Aqui jaz nesta funebre devesa,
Onde tudo o que existe é transformado,
Um coração, que amou e foi amado,
Segundo as sabias leis da natureza.

Nasceu, viveu, morreu, na singeleza
D'um affecto sublime e recatado;
Foi seu mundo a familia e seu reinado
O brando jugo que o mais livre presa.

Providencia do lar! Mãi! Qu'és agora?
Bemdicta luz de enamorada aurora!
— Sol que fecunda a leiva da saudade!

Vós, que passais, parai ante esta cova!
— Aqui começa uma existencia nova
Minha Mãi, que honrou, amando, a Humanidade.

A' NOTICIA DA MORTE DE MINHA MÃE

Non é l'affezione mia tanto profunda
Che basti a render voi grazia per grazia.

DANTE — *Paradizo.*

Partiu-se emfim a urna crystalina,
Que o teu profundo affecto enchia inteira;
E nem pude colher a derradeira
Queixa d'amor de tua voz divina!

Evolou-se no espaço; e, peregrina,
D'echo em echo, saudosa e lastimeira,
Foi-se perder, talvez, na loira esteira,
Que teu amor prendera á minha sina,

E extinguiu-se... e morreu! Mas tua imagem,
Essa, em fechando os olhos, a contemplo;
Cuido que falla e escuto-lhe a linguagem.

No espelho cerebral, como num templo,
Tenho-a gravada e rendo-lhe a homenagem
Que o teu amor me inspira e o teu exemplo.

NO VERSO DE UMA PHOTOGRAPHIA

REPRESENTANDO O RETATO DE MINHA MÃE

Este, que vês, é apenas o retrato,
Que o Sol photographou sobre um cartão,
De minha Mãe — d'aquella que idolatro:
— O original... tenho eu, no coração.

O Sol — o Grande Artista Luminoso —
Estampou-lhe o perfil, deu-lhe á feição
Alma luz de um sorriso carinhoso;
Mas vida... só lh'a dá minha affeição.

— Affeição filial, que á Mãe querida
Restitue todo o amor e toda a vida,
Que lhe deu, em perenne gratidão.

Humano coração! não tens linguagem
Para dizer o que é a doce imagem
D'esta Santa da tua devoção!

Rio.

NO VERSO DE UMA PHOTOGRAPHIA

(LEGENDAS)

O Sol — o Supremo Artista —
Não pôde pintal-a, não!
— Faltou-lhe a amorosa vista
Que eu tenho no coração.

Minha Mãe e Anjo da Guarda!
Meu principio e ultimo fim!
— Meu coração é mansarda
Que habita um Deus — Tú em mim!

Essa. a quem sempre a mão, contente, beijo
E me encanta o viver com um só sorriso,
E' minha Mãe. — Humano Paraizo!
Ninguem te sabe ver como eu te vejo.

Contempla e vê... Não vês! — Porque é preciso
Ter no olhar, para vêl-a, um coração!
— Para mim, é, na Terra, o Paraizo:
E' minha Mãe! — Não vês? Ah! não vês, não!

Amem uns teu olhar ou teu sorriso;
Outros, do teu aspeito a distincção:
— O' minha doce Mãe! não te analyso...
Para mim, tudo em Ti é coração!

Quem nada ou pouco espera d'este mundo,
Para o Céo volve olhares namorados:
— "A Virgem-Mãe é o Idolo jocundo
Dos ternos corações desoccupados."

ALPHA & ÓMEGA

(N'UM POSTAL)

Mãe! Todo o Amor, que é Deus, si ha Deus na Terra,
N'esta tres lettras se resume. — E, assim,
Si Amor ou Deus mais uma lettra encerra,
Um, é principio d'ella; e, outro, o fim!

Rio, 910.

PHOTOPHONIA

Na brancura immaculada
D'este livro, amiga mão
Póde escrever, socegada:
— Que este livro é um coração.

E' cofre eburneo que encerra,
A' chave d'oiro, a expressão
De quanto affecto ha na Terra:
— E, no fundo, a gratidão.

Affeição filial que á Mãe querida
Restitue todo amor e toda a vida
Que lhe deu em perenne gratidão

Humano coração não tem linguagem
Para dizer o que é a doce imagem
D'esta Santa da minha devoção.

MORTA!

NA TRANSFORMAÇÃO OBJECTIVA DE MINHA IRMÃ EUGENIA

E', pois, certo, infeliz! Ah! cruelmente é certo
Que não mais hei de ver-te, ó alma irmã da minha!
Coração que eu amei como ave ama avesinha
Que do ninho e do amor se foi para o deserto!

Mal pousaste na terra e a terra um céo aberto
Te foi quando o sol morre e a morte se avisinha:
Immergiste na luz a ponta d'asa e... e vinha
Crescendo a escuridão de um tumulo entreaberto!

Nem saudades do lar, do esposo e da filhinha
Que chora, orphã de amor, o amor da Mamãsinha,
Nada pôde deter-te! — E tudo está deserto!

— Deserto!... — E si teu nome evoco, como ha
[pouco,
Grita-me o coração, chorando como um louco:
— Ah! tristemente é certo! Ah! tristemente é certo!

CONSOLAÇÃO NA DÔR

A' MINHA EMINENTE IRMÃ MARIA CHRISTINA, NA MORTE DE SEU ESPOSO, O DESEMBARGADOR PESSÔA DE MELLO.

"Bemdita sejas tú, lagrima santa
Que és a consolação dos desgraçados!"

GENERINO — Do *"Poema da Lagrima"*.

Chora, infeliz — que o pranto é allivio d'alma;
Chora, infeliz — que o pranto é desafôgo:
— Chuva em que se desfaz celeste fogo;
— Sedativo que a dôr mitiga e acalma.

Quando não mais que solitária palma
Nada resta n'esta vida... e murcha logo,
Joga-se inutilmente o intimo jogo:
— Rebenta o pranto onde existira a calma.

Mas, á medida que, se condensando
Em magua, a dôr, que punge, se dissora,
Tambem se vai espiritualisando.

E, como em céo de estiva tempestade
Rompe a lua, assim n'alma de quem chora
A dôr se faz tristeza e abre em saudade.

São Paulo, X-1898.

NO ENTERRO DE EDGARDO

(A' DESOLADA JOSEPHINA)

Vão a enterrar-te, amor! — pobre criança
Que mal surgiste do materno seio,
Como um sonho de um casto devaneio,
D'amor primeiro ultissima esperança!

Entre jasmins e rosas, já descança
Teu pequenino corpo — um riso em meio:
Paralysou-o a morte e a morte leio
No teu vidrado olhar de pomba mansa.

Tudo chora em redor. Já, resvalando
Pela mão do coveiro, és tú levado
Como um lyrio que a onda vai levando...

Adeus, ultimo bem de um mallogrado
Amor! — Amor, adeus! — E... miserando!
Ha neste mundo tanto desgraçado...

UM PUNHADO DE ROSAS

No sahimento de minha prima Innocencia Martyr

A SEU DESOLADO FILHO BELLARMINO

E' tudo findo já... começa tudo agora.
Agora, alma gentil, que amára a sã virtude,
Liberta da prisão desta existencia rude,
Vai-se erguendo ao alvorar de deslumbrante aurora.

Rosa de luz é já, sublime e redemptora,
A quem, de a não perder, nem mais a idéa illude,
A todos nós, por quem — humana angelitude —
Repartia esse amor que a divinisa agora.

Agora, amigo, é ella, em meio ao azul do Templo.
Cordeiro immaculado, a esplendida hostia d'oiro
Que te deve remir com seu saudoso exemplo;

A ti, que a amavas tanto e a quem su'alma adora,
Qual se fôras — só tú — seu unico thesouro!
— E' findo tudo já... começa tudo agora.

POBRE MÃE!

A' JOSEPHINA CAMPOS

(Vendo morrer o seu primeiro filho)

A joven mãe recorda o filho morto,
Em delirios de amor e de loucura:
"Parece que o está vendo... a creatura!
"— Toda su'alma e todo o seu conforto...

"Sim! era elle, nas *angustias do horto,*
"Quem lhe adoçava o calix da amargura:
"Que alegria! que graça! e que frescura!"
— E chorava sorrindo, o olhar absorto.

Pobre mãe dolorosa, ingenua e bella!
Que thesouro de amor se não revela
Nesse teu dolorido desconforto!

"Inda hontem sorria o pobre anjinho..."
E tú soluças a *nanar* baixinho
Tua dôr, — dôr de mãe por filho morto!

SAUDADES E LAGRIMAS

A' MEMORIA DE MINHA MADRINHA.

Mais uma corda que se esvae da lyra,
Mais uma fibra que estalou, minh'alma!
Parece que um sorriso de ironia
Votou a morte ás esperanças loiras
Do pobre sonhador! Nuvem risonha
Que em meus sonhos passou airosa e bella,
Derramando diluvios de harmonia
No meu pobre viver, — vejo-a apagada
Fugir-me ao longe — estrella que não volta
Nas ondas do areial a mão do fado.
Foi uma sombra que ficou na eterna
Gravada bem no fundo de meu peito...
Depois a taça de abysintho amargo,
Taça de morte, porque a vida é apenas
Uma gotta de dôr no oceano eterno,
Libei de um sorvo mas no fundo ainda
Eu devia encontrar lethal veneno!
Assim devia ser: que fôra o pranto,
Si dôr mais funda o suffocasse n'alma!
Após uma illusão, — o desengano!...
Um tumulo é a vida, e por maior castigo,
Quando da morte a poeira sacodia,
Inda um golpe fatal, um tumulo ainda!

Eia meu pranto, orvalho de minh'alma,
Gottas de magoa que destilla a vida,
Correi, oh pranto meu, já que consolo
E'-me em silencio concordar convosco.
Si da vida a cruel melancolia
Sonhos e flores desterrou-me d'alma,
Inda bem que o deserto de meu peito
Se alimenta aos orvalhos da saudade!
Maninho não será; — vós sois fecundas,
Lagrimas santas; e a um materno affago
Não pode a ingratidão medrar de um filho!
Um gemido de dôr, um thrêno d'alma,
D'esses que a magoa não consente aos labios,
Emb'hora em solidão, tardio emb'hora,
E' sempre um fructo que a aridez desterra!
E eu, um fraco sêr, verme de um dia,
Concha que o mar aos vendavaes sacode,
Sinto-me homem, porque sois a vida,
Porque ainda correis, lagrimas sanctas!
Eia meu pranto! Si o passado é um tumulo,
E á pedra tumular só valem prantos
Correi triste e saudoso que dois tumulos,
Confundidos n'um só, tendes por leito!

Meu peito era um castello abandonado,
Onde a mão do Senhor gravou piedosa
Dous nomes que o infinito resumiam.
Amava-os ambos, porque o amor na vida
E' tudo quanto a dôr consente aos pobres:
Amava-os com afano era um delirio!
Um a morte roubou; — sosinho o outro,
Muda atalaia destes lares êrmos,
Apenas lembrará que é cinza e nada
Sonhos dourados que a esperança alenta.
Entrae cuidoso; retardae os passos,
De medo que o edificio desmoronasse.
Que dirieis — dizei viajor piedoso —

Si visseis destacar como um phantasma
Nautiga barbacan desamparada
A sombra de uma cruz, e em vez do nome,
Desse mundo de amor que alli sorria,
Visseis o outro só!... mais nada visseis!...
A hora que se abraça caprichosa,
Parasita de amor, ao muro negro
De meu pobre viver, crescendo um dia,
Cobrira o vacuo que occupára o nome;
Mas sempre a hora lembraria ao mundo
Amores divinaes que alli moráram!
Não fôra o nome, mas seria o arbusto
Nome que o tempo convertera em hora!
Prendera um só sentir, dous prende agora:
Duplo sentido tem de nome e arbusto;
Si o amor na vida aquelle nome erguera,
Mais vale o arbusto que eternisa o nome,
Que a planta humilde que sombreia a louza
De um pobre coração morto na infancia
Tem da tristeza o sentimento eterno,
E' o emblema da dôr, é a saudade!

Quem já soube dizer, quem, de que modo,
Passa-se n'alma esse mysterio augusto
Que prende á morte os sonhos do futuro?
A hora da saudade é um sonho rapido,
Reluz precipite co'o luzir do pranto!
Ah! Quem podesse prescrutal-a ao fundo!
Sómente encontraria a dôr da vida.
Dizem-na amarga... pobre lingua humana!
Si no calice da vida alguma gotta
De esperança e de mel se encontra ainda,
E' no teu seio anhelo dos que soffrem;
E' no teu seio, pranto; és tú, saudade!
Nuvem rouxa que corre e se esvaece
Tinta de amor e fel, banhada em magoas!
Pallido amor que vai! Crepusculo d'alma

Onde a esperança agonisante brilha,
E o quadro do passado se illumina
Ao pallido clarão do sol que morre!
Saudade, unico alivio dos que soffrem,
Quem teus echos maldiz, jámais no peito
Sentiu o coração pulsar gostoso,
Que da vida cruel que orvalha o pranto
Nas horas da tristeza e d'amargura
O fel mais doce és tú, meiga saudade!
Tú que o passado no presente incarnas,
E fazes resurgir do chão do olvido
Desmaiadas visões que o tempo insolve,
Estende as azas, pouza no meu seio
— Todo cheio de ti, dos sonhos d'oiro
Que envolve na penumbra o esquecimento,
Para aquecel-as ao calor dos prantos
Do pobre trovador que soffre e espera!

Tal de Palmira nas poeirentas ruinas,
O tardo viajor que busca um pouzo
Onde as fadigas da jornada abrande,
Tactea a treva e só encontra tumulos
Onde a fronte repouze, e a voz rouquenha
D'ave agoureira a recordar-lhe as maguas
Que vê petrificadas n'esses asas
Onde o terror e o esquecimento habitam;
E corre louco, espavorido foge,
Volve e retorna, hirtos os cabellos,
Ao lugubre clarão da lua cheia;
E vê sómente ruinas, 'spotras quêdas,
Brancas columnas, esboroados tectos,
Frias caveiras — epigramas mudos
A' dôr e ao medo que lhe vão no peito; —
Cruzes partidas, idolos quebrados,
A morte e a vida que se nutre d'ella,
Involto tudo em confusão tremenda;
E no fundo, bem no fundo, alto gemido

Que pouco a pouco se esvaece e morre
P'ra dar logar aos prantos de su'alma;
E desmaia de horror, e só tem lagrimas
Ao despertar do plumbe pesadello:
Assim na selva escura de minh'alma
Fustiga a sombra a voz de uma saudade,
E só desolação, tristeza apenas,
Labareda fallaz que adorna um tumulo,
Relembra ao louco que houve outrora um peito,
E nelle um coração cheio de crenças;
Que alli moraram muito amor e esperança
Sonhos divinos, celestiaes encantos,
E que um dia cruel a mão da morte
Esfolhou-as no chão — as pobres rosas
De meu triste viver, cavou o abysmo
Que devia engolir-me a mocidade;
E quando o fado pranteava eu triste,
Triste, porque a vida era-me o pranto,
Rojou-me a face a ironia amarga
Do ultimo desdem; quebrou-me a lyra
Das poucas cordas que ella tinha a extrema!

Não se morre de dôr! Não, não se morre!
Essa que o corpo no sepulchro prostra,
Não é dôr, é mentira; é a propria morte
Que no arranco final geme e delira!
Si isto é dôr, é dôr que não tem nome;
E' dôr que tudo sente; é dôr celeste
Que parece exprimir o sol que morre,
E a aurora que no occaso se sepulta!
A propria creação ludibrio é della,
Quando o raio fustiga a immensidade:
E' que o sopro de Deus, creando o mundo,
Poz-lhe n'alma o soffrer, dando-lhe a vida!
Si é dôr, é o genio que preside ao berço,
E acompanha o mortal á sepultura.
O pobre passarinho que na selva

Ao por do sol suas tristezas canta,
E morrendo, desfaz-se em harmonias,
Tambem a soffre; soffre-a a planta humilde:
Não se morre de dor; não, é mentira...
A dôr que mata é o sol da eternidade!
E no emtanto, meu Deus, que na vida,
Seja mera illusão, verdade seja,
Tem soffrido que eu, tem mais gemido!
Compuz ao coração funebre lyra
Onde o anjo da dôr vem lacrimoso
Carpir desillusões, gemer saudades;
Do peito um tumulo; da tristeza um distico;
Gemendo acórdo; me anoiteço em maguas;
E me divirto em derramar chorando
Toda a minh'alma nas dhulias santas
Do psalterio da dôr que acórdo triste,
Como o vento da noite as casoarinas!

.....

Quando eu vi sobre as palpebras sombrias
O halito da morte bafejar-te;
E — flor — sugar a campa os teus perfumes,
Mal a aurora o zenith tocado havia;
Senti teu coração êrmo, gelado,
E a dextra, aquella dextra tam mimosa,
Que tanta vez beijei, que derramava
Bençãos de amor e luz sobre minh'alma,
Inerte como a flor murcha a noitinha;
E o teu rosto gentil, e as niveas fórmas,
Fórmas que um anjo revistira um dia,
Pois que anjo de Deus foste na vida,
Involto tudo no funereo manto
Que aos pés da cruz sagrára a Magdalena;
E prostrado á teus pés, ancioso e tremulo,
Evoquei-te a mudez; palpei-te o peito;
E como um astro sem orbita no espaço,
"Morta! E' já morta!" stridulei gemendo;
E ao som do bronze que saudoso echôa

Dizendo que és do céo eu vi atonito
Abrir-se a bocca azul da Eternidade
Para engolir-te, oh flor, p'ra alimentar-te:
Chorei, de dôr, chorei; porem da morte
Nem siquer escutei a voz tremenda
Não se morre de dôr, a dôr que mata
E' o sol da Redempção na voz do Christo!
Acórda-te, mulher! Desperta, oh sombra!
O sol da primavera ergue-se explendido,
Como um sultão vencendo almos pudores
Da odalisca gentil — a madrugada!
E' tam bella a manhã, e tú repousas,
Busto inerte do amor, sombra querida!
Que fazes que não vens? — ella te espera:
Talvez agora mesmo um teu sorriso
Raios d'aurora abrilhantar podesse!
O prado está deserto; o vale é mudo;
As rosas da manhã pendem seus calices
Orvalhados de luz a brisa errante;
Mas tudo é triste aqui, tudo é deserto,
Porque tudo eras tú, e tú murchaste,
Rosa de amor ceifada entre perfumes!
Tuas irmães, as unicas maravilhas,
Mimos do val, prodigios da natura,
Pranteam-te o sonhar, mas tú não voltas;
Brilhas no céo talvez... estrellas d'alva
De pobre viajor guiando os passos
Nos tremulos desertos d'esta vida!
Flor não serás mais que a aurora affagas,
Porque és a aurora que desabrocha em flores!

Falla, falla, oh cadaver venerando!
Porque fugiste assim, si eras o idolo
Que toda a natureza extremecia;
A luz bemdicta que doirava os êrmos
De meu triste viver; a ave mimosa
Que a selva inteira enchia de gorgeios,

E cujo canto o vento altas deshoras
Repete nas quebradas soluçando!
Si eras o orvalho que adoçava os males
Da pobre creação; o orgulho, a gloria,
A senha que teus bardos conduziam
Dos prelios do viver a senda impura:
Porque morreste assim, alma da esperança!
Foi-te a vida um desterro- — os desterrados
Na voz da propria magua acham consolo.
As portas o céo d'onde vieste,
Onde existes talvez, e os teus anjinhos
Eguaes aos mimos teus no mimo e graças?
E tú eras o céo que nos cobria,
A nós orphãos de amor com teus olhares,
Cheios de esperança luz, — bendicta sempre!
Porque te foste pois, pomba querida,
E o ninho abandonaste ermo de amores
Ao abutre da dôr que nos lacera?
Duas corôas conquistaste apenas,
E dous futuros desfizeste em tanto,
— Virgem — disseste ao mundo, e ao mundo — Santa
Dissemos nós amando-te as virtudes!
Noiva da morte, mal disseste — eu te amo! —
A morte veio arrebatar-te — a ingrata: —
Porque trocaste, oh virgens dos enlevos,
Teu véo de noiva pelo olvido eterno?
Inda os anjinhos que creaste ao collo
Abrem os braços, chamam-te debalde,
Triste e mudo é o lar — chorosa apenas
Occupa o teu logar feral saudade!
A' cada canto á morte em teu sorriso
O som de tua voz povoar-lhes;
E elles choram de dôr, porque fugiste
— Ave de esperança aos vales de além campo!

Morrer assim tam cedo e quando a vida
Era um hymno festival e bello,

Quando á porfia todas disputam
Cumprir-te uma illusão, matar desejos
Que teu peito infeliz triste anhelava,
E após ver tanto extremo suffocado
N'essa taça cruel que a morte inquina!
E quando um raio azul inda de crença
Vinda a esp'rança alentar dos que te amavam,
Ver sómente a mudar, a cinza e o nada!
Que te custara mais um soffrimento,
Exilada gentil dos mudos lares
Onde agora a tristeza informa tudo:
Que te custava, diz! Era mui tarde
Para a terra deixar, tinhas tú pressa
De tam cedo morrer: responde, ingrata?
Que te faltava pois? Não tinhas tudo,
Tudo a pés, e mais que regio d'altas corôas
Um chão de corações que te adoravam?
Porque morreste pois, porque te foste?
Viste os prantos de dôr e riste d'elles,
Porque eras do céo! E acaso o pranto
Não nos veio tambem da mesma fonte?
Christo chorou no val das Oliveiras
E em filtro de lagrimas que correm
Brota das chagas que lhe abrira o mundo:
Porque te foste pois, martyr divino,
E o lar abandonaste e os teus augentios?

Mas... não; tú vives inda como outr'ora,
Flor banhada de luz por entre flores!
Só a mão da morte espedaçou-te as pet'las,
Astro brilhas no céo, e tá contente
Velas a par do lar, velas teu ninho.
Ave, mudaste o vôo; creança, te elevas;
Sol allumias o futuro incerto
Do pobre trovador; nome adorado,
Jámais o olvido o riscara das laminas
De novos corações que inda te adoram!

IMMORTALIDADE SUBJECTIVA

Tú não morreste, não, mentira! — apenas
Entre nuvens de incenso alvo ser doce
Foste gozar no céo onde entre os anjos
Talvez agora brilhes como um raio
Da c'roa do Senhor que mais brilhante
Se ostenta por fazer-te assim tam pura.
Ao passo, que como a alma frente o corpo,
Tú ao céo prenderas meus dias triste,
Té que a morte cruel nos junte um dia
No val de Josaphá a voz do Eterno!
Paz a teu corpo, oh viajante eterna,
E longo o teu caminho, emb'hora florido,
E não serei que pulse a lyra eburnera
Pra turbar-te a mudez: oh não! repouza!
Porém emquanto o sol pendula eterna
Girar dos tempos na algidez sombria,
Tú que foste o consolo de meus dias,
Que foste o silpho alado de meus sonhos,
Nuvem em que o Christo se elevou sublime,
Junto ao throno de Deus ergue-te a vida,
Mostra-me a senda que conduz a gloria
Não te esqueças de mim, que te amo ainda

Janeiro — 1868.

NO ENTERRO DE UMA SANTA

AQUELLA QUE EM VIDA FOI BELLARMINA MACHADO

"Amor condusse noi ad una morte".
DANTE — *Inferno*. Canto V verso 106.

E morreste de amor... e da saudade
Que punge extincto sonho venturoso,
Como esgarrado passaro medroso
Aquem levou-lhe o ninho a tempestade!

Quando, ainda na flor da mocidade,
Foram levar-te ao derradeiro pouso,
Eras a mumia do que foste... idoso
Corpo de santa em altar da media-idade!

E, extincto coração, cerebro extincto,
Saudastes de teus filhos te acenando,
Em te vendo passar, chorei de dôr;

Diziam todos, como por instincto:
— Lá vai aquella que insanára amando...
— Lá vai a doida que morreu de amor!

110-1898.

NA MORTE DE IBSEN

O SHAKESPEARE SCANDINAVO

Ao seu eminente traductor, Conde de Prozor

Morto! — Ainda me sinto soterrado,
Dos "Espectros" á molhe esmagadora...
Pungem-me a "Casa da Boneca" Nóra...
De Hedda Gabler o *flirt* desvairado...

Em "Brand" e "Peer", meu sêr, polarisado,
— Pomba de Budha — um gavião devora...
Com "Catilina" e "O Pretendente" agora
Blue-dervilo é-lhe o néurico teclado.

Toda a gamma idéal que erige um templo
A' loucura, que ascende e — horrido aborto! —
Rue, paralysando — um vivo exemplo

Do que o genio produz, abstracto e absorto —
Em symbolica synthese contemplo
Em Solness... — E morreu... Solness é morto!

MORTO!

A NOTICIA DA MORTE DE JOSÉ BONIFACIO

Calou-se emfim aquella voz divina,
Que vibrava em teu nome, ó Liberdade!
Solemne, como a voz da tempestade!
E arguta, como o raio que fulmina!

Quando do Imperio a vasa bragantina,
Em preamar negreiro, a Patria invade
Lama ou sangue esvurmando... a austeridade
D'aquella voz não mais a recrimina!

A ultima cigarra impertinente
Da honra e do dever, da styge em meio,
Estalou a cantar o sol nascente...

... Aquelle sol, que, indo a surgir, não veio
Remir a negra e dolorosa gente:
— Não n'o lastimo, ó Patria; eu te pranteio.

GRAVETOS DE HISTORIA PATRIA

CAPISTRANO DE ABREU E SUA OBRA DISPERSIVA

Commemorando a transformação subjectiva do benedictino chronista sabedor indigena e disserto historiographo humanista brasileiro.

Ao seu bom e grande amigo José Pires Brandão, e ao selvicola tuchinin Luiz, seu dilecto e amantissimo filho adoptivo.

A' Illustre Familia da "Musa Bahiana" Adelia Fonseca, em que foi casado. E sua piedosa Filha, a irmã Carmelita, no seculo, Honorina, verdadeira, genial e, já agora, celebre poetisa, depois de ter lido o emotivo e emocionante, Therezino ou San-Bernardesco — positivista quasi, a Thomaz de Kempis, substituindo apenas o termo Deus pelo termino Humanidade (Augusto

Comte) "Soneto Brasileiro", escripto momentos antes que elle morresse.

"Por brenhas nunca dantes roteadas."

CAMÕES, *paraphraseado.*

"E, á noite, na taba,
A lenda narrava
Do moço emboaba
Do velho tupi.
E, a quem duvidava
Do que elle contava,
O velho tornava:
"Meninos! — Eu *vi.*"

GONÇALVES DIAS *y Juca-Pirama.*

Bandeirante dos incolas bravios
Da primitiva Historia do Brasil,
Que te perdeste nos meandros mil
Do povoamento dos sertões invios.

Talvez inda procures fugidios
Traços de extincta estrada mercantil
Que iniciára o Bátavo subtil,
Em Pernambuco, á margem de dois rios!

E foste vertebrando, assim, o schema
Da conquista interlando-brasileira!
E, ourives a montar gemma por gemma,

Chegaste a articular-lhe a Historia inteira!
— Faltou-te a evolutiva lei suprema
Que ha de moldar-lhe a fórma derradeira.

Rio, em 3 de Gutenberg (Gama, Magalhães) de 139-73 — 15 de Agosto de 1927.

A' DESOLADORA NOTICIA DO SUICIDIO DE ANTHERO DO QUENTAL

Tú, que rompeste a trama delicada
Da mais precaria e dolorosa vida,
Como û'ave que rompe, espavorida,
A golpes d'aza, a furia da nortada,

E vai fugindo, e foge allucinada,
Valle em fóra, a piar, de dôr transida,
Até que, á luz refracta, em branca ermida,
Tombe já morta, de revoar cançada:

Que profundo e amarissimo desgosto
Te não devera hervar a alma penada,
Quando a immergiste em sangue, alto sol posto!...

Eu te não louvo a acção desesperada;
Mas sei que só deserta o humano posto...
— Alma que se quedou nirvanisada!

Rio, 91.

FOR EVER, TEDDY

NA MORTE DE THEODOR ROOSEVELT

Em nome de Katanhára e seus sobrinhos rondonianos

A' Madame de Kermit Roosevelt

"Poz nelle a natureza todos os elementos, e por tal modo equilibrados, que, ao vêl-o, estou em dizer: Aquelle era um homem"!

SHAKESPEARE — Marco Antonio ante o cadaver de Bruto.

New-York, 8 (A H) "Em New-York, cidade natal do extincto, durante um minuto, foi suspensa toda a circulação dos tramways e toda a actividade industrial."

Teddy! Vão enterrar-te... E eu vejo agora,
D'Oyster Bay — lar desfeito em sepultura —
Projectar-se tua homérica figura
Na luz occidental da nova aurora!

Todo o Planeta, com New-York, chora
O "cow-boy" cuja energica bravura
— Aguia imperial de enorme envergadura —
A América integrou, em Cuba, outr'ora!

E, quando Wilson, sentindo a Humanidade,
Systematisa a força que creaste
E a "Liga das Nações" é realidade,

Uma embolia cerebral te invade...
E na caudal do rio que nomeaste,
Teddy! rola gemendo uma saudade!

Rio, 919.

A MORTE DO CYSNE

No subito passamento de Camille Saint-Saëns

"Qual será o Deus novo de amanha?"
Henrich Heine — *A Morte dos Deuses.*

Artistico avatar! — Viu luz no Sena
E cantou — Cysne errante — a vida inteira,
Desde a ópera comica ligeira
Ao poema sacro ou lyrico de scena.

E, a evocar de um piano a alma palreira
Ou d'um orgão soprando a voz serena,
Classicamente — e d'uma unica maneira
Saint-Saëns foi — Cysne que emplumou no Sena.

E morreu em Argel o Cysne errante
Que "O Diluvio" cantou! — E — dôr! — quem ha de
Ser "Novo Cysne" agora! — Debussy?

Não tem, no ruflo d'azas trepidante,
Da "Macabra" e "Sansão" a inalteidade
"Hélas! La Cathedrale est engloutie!"...

DANS LA MORT DE ZOLA

Il est mort! Ce cerveau, dont l'esthésie un monde
A petri du limon de nos infirmités;
Qu', ayant fait les "Rougons", a bati "Trois Cités"
Sur tous les detrictus qui lui rejectait l'onde:

Ce cerveau qu'enfanta — "Fecondité" profonde!
"Le Travail" qui demande à tous "La Verité";
Il est mort sans avoir la "Justice" enfanté!
— La Justice, em sphynx, le dévore... et on le gronde!

La Justice fait peur! Quel est ce minotaure?
On l'a vu torturer Dreyfus comme une hyène
Et laisser qu'on écrase un peuple qui l'adore!

La Justice... Voici la première scène
De son dernier roman: Mort! — Non! — vif encore
Dans son œuvre immortal: cessa de combatre à peine!

Rio, le 2 Octobre, 1902.

NA MORTE DE MISTRAL

O Bardo-rei dos Trovadores Provençáes

Non nobis, Domine, non nobis
Sed nomini tuo
Et Provinciæ nostræ
Da gloriam.

Auto-inscripção no seu tumulo.

Tú que, em Melánia, ao fundo da Provença,
Onde o Rhodano rola alva onda œgéa,
Pondo, da lingua d'Oc á renascença,
N'alma latina uns surtos de epopéa,

No amor da Patria e ardor d'avoenga crença
Tradicionalisando a nova idéa,
Homerisaste, com verdade intensa,
A felibrea e autochthone Miréa:

Inoculaste, assim, n'arte gauleza,
Com velho sangue, nova correntesa
De fórmas que lhe vêm do provençal.

E teu nome, transpondo o morto oceano
Que em nós revive — grande typo humano —
Em "Ilhas d'Oiro" além se vai, Mistral!

AD PERPETUAM REI MEMORIAM

Deixando cahir uma pá de cal sobre o ataúde de

LUIZ NUNES PIRES

Ardente e impeterrito propagandista da Abolição e da Republica, pomposamente sepultado segundo o rito catholico romano, embora, notoriamente, estivesse, em vida, empyricamente convertido á Religião da Humanidade.

"O amor regenerará a sciencia; a razão justificará a fé".
SÃO CYRILLO DE ALEXANDRIA.

Demitte eos quia nesciunt quod-faciunt.

Este, que baixa agora á sepultura
N'um halo de amarissima saudade,
Foi, nesta triste e depressora idade,
De um "Varão de Plutarcho" a imagem pura.

Fiel d'amor em medieva intimidade
Onde o caracter de aço se lhe apura,
Foi um republicano da estatura
De Bayardo, na austera heroicidade.

Pois, quando o Conde d'Eu levava ao Norte
O "Terceiro Reinado" em perspectiva...
Foi de Silva Jardim o braço forte

Que o suffocou, na sua defensiva
Afrontando, com elle, a propria morte...
— Por que viva esta "Ré..." — E eterno viva.

Campo Santo de São João Baptista, em 9-IX-923.

NA MORTE DE FERREIRA DA COSTA

Pernambucano illustre e espirito emancipado, belletrista e bellartista, historiographo e diplomata. Ministro brasileiro em Petersburgo com residencia em Roma, onde fez voto de, na morte, ser cremado.

Da Costa! Amigo leal da mocidade,
Que te partiste, da Arte e da Poesia
Petrarchiana, para a romaria
Infinda da amarissima saudade!

Inda te vejo, á caustica acuidade
Do teu olhar que, por "lorgnon", sorria,
A esquadrinhar a Historia prestadia
Da nossa Terra, em busca da Verdade!

E como, para um bom Voltairiano,
Essa intangivel Divindade é um ente
De razão, sempre exul mas soberano,

Foste buscál-a á Roma, onde, igualmente,
Habita o Quirinal e o Vaticano...
— Repousa em paz, si a achaste, eternamente!

II

Não! Volve ao pó, já que, bem mais que o abrigo
Da Mãe Commum, te é grato ser cremado,
Negando ao verme o pasto delicado
Do teu bondoso coração amigo!

Eu te não louvo o intento ambicionado,
Mas não póde tratar-te de inimigo
Quem já te absolveu e diz comtigo:
"Porque és pó e has de ser em pó tornado".

E, si és pó, por que, pó! negar-te aquillo
Que se não nega a "caro data vermi":
— Uma lagrima vã... de crocodilo?

Por que não suffragar-te a alma de inerme
Protocollista, que, infringindo o estylo,
Não quiz sobreviver... pela epiderme?

III

Despe, porém, da Costa, todo medo
A' pena eterna, ao eterno soffrimento,
Por teres, com o maior desprendimento,
Renunciado a um preconicio tredo.

Roma, que foi Amor e hoje é degredo
Da fé que expira em pompas de espavento,
Não transige jámais com movimento
Que a simonia lhe não marque a dedo!

Mas Roma... não é Roma a Humanidade!
— E quanto houveres feito boamente
Pelo amor, pelo bem, pela verdade,

Ha de viver no amor de toda gente,
Te valerá por toda a Eternidade,
— Embora subjectiva e eternamente!

Rio, 4-IV-910.

A ETAPA DA MORTE

COMMEMORANDO JULIO DINIZ

"Os puros e os bons, vão-se..."

D. FANY. B. DINIZ.

Mais um que tomba! E' morto mais um forte.
A velha guarda, impavida e aguerrida,
Só deserta a fileira com a vida,
Quando tem de pagar etapa á morte.

Então, na heroica e social cohorte,
Abre-se um claro enorme, e a mais querida,
Cabeça é quasi sempre a preferida:
Num coração cahiu agora a sorte.

Eil-o que passa! Envolve-lhe o athaúde
O pavilhão da Patria Brasileira,
Por quem justara, aparelhado e rude.

Este não tinha a theatral viseira
Com que o vilão de cavalheiro illude:
— Era um'alma sincera e verdadeira.

14 de julho 1891.

NA MORTE DE HENRIQUE SAMICO

O ultimo verdadeiro representante, talvez da Medicina Hippocratica.

A' SUA DESOLADA ESPOSA, FILHA E NETO.

> "Si eu cumprir fielmente o meu juramento, si nunca infringil-o, posso ter dias felizes, recolher os fructos da minha arte e viver honrado de todos os homens e da posteridade a mais remota".
>
> HIPPOCRATIS — *Juramento* — Versão Mariano de Oliveira.

Não venho memorar-te, integro amigo
E Varão de Plutarcho, o caso triste:
— Todo o saber que se partiu comtigo;
Todo o bem que fizeste e inda subsiste.

Quanto de bom sobre o Planeta existe
Teve em tu'alma o mais humano abrigo:
— Nunca tiveste um unico inimigo;
Todos te amaram; nunca alguem trahiste.

Venho, tão só, dizer-te, ingenuamente,
Que não morreste — não! — pois é verdade
Que homens, como tú, passam, somente,

Do seio da Familia e Sociedade,
A viver, quaes são, subjectivamente,
No grato coração da Humanidade.

Rio, 20-I-920.

SUBJECTIVA POSTERIDADE

Na pompa funebre do fraternal amigo Antonio de Souza Pinto

A' SUA CARINHOSA E DESOLADA FAMILIA

"Non omnis moriaris"

I

Tú, que n'um berço humilimo nasceste,
E, a golpes de energia e de talento,
Tão só por teu real merecimento,
Tanto lutaste até que alfim venceste;

Tú não terás na terra em que viveste
Jurisconsulto e poeta, o esquecimento:
Tal sempre foi teu alto valimento
Que a propria morte em triumpho converteste!

Pois tiveste a sem par felicidade
De morrer entre os teus, na Fé jurada,
Em toda tua austera integridade;

E, n'uma apotheóse de saudade,
Tú, que vieste a bem dizer do nada,
Te vais incorporar á Humanidade.

II

Volve, tranquillo, ao seio carinhoso
De nossa Mãe Commum: repousa, amigo!
— "Não morrerás de todo"; em teu jazigo,
Mais puro sêr, reviverás ditoso.

Teu grande coração, meigo e amoroso,
Ao transformar-se, em teu florido abrigo,
Nos lembrará como um perfume antigo,
Todo o bem que espalhou, nobre e piedoso.

Mas o que teu espirito altamente
Culto, te inspirou á actividade
Na sciencia ou n'arte, em prol da tua gente

Sempre despertará viva saudade:
— E viverás assim, posteramente,
No coração de toda a Humanidade.

PRIMUS INTER PARES

Na morte do vero scientista e ardoroso patriota

ANTONIO ENNES DE SOUZA,

Estrénuo propagandista da Abolição, da República e do Regimen pacifico-industrial da Humanidade, no Brasil.

"O amor regenerará a sciencia; a razão justificará a fé."

SÃO CYRILLO DE ALEXANDRIA.

"De todas as bellas qualidades que possuia Ennes de Souza ficará especialmente gravada na lembrança dos que o conheceram aquella que era nelle mais profunda: a sua grande, a sua immensa bondade, nunca desmentida. Delle se póde dizer com toda a justiça: — Passou fazendo o bem."

PROF. FERDINANDO LABORIAU — Discurso, ao substituil-o na sua cathedra de Metalurgia, na Escola Polytéchnica.

Patriota exemplar e scientista austero
Que esclerosaste o válido organismo,
Servindo a Patria com o maior civismo,
Votando á sciencia um coração sincero!

Foi-te a vida um crysol em que, severo,
Transmudaste o oiro estellar d'imo altruismo
Em radium de amor, mesclado de heroismo,
A' Terra, á Patria e á Espôsa — um só Deus vero.

E quando espuria sciencia, egoista, aberra;
E falsêa o destino á actividade;
E instrumentos de morte inspira á guerra:

Tú, cujo apêgo ao lar se fez bondade,
Votaste-a á industria, em bem da tua terra,
— E ascendes, pelo amor, á Humanidade.

Rio, 2-IV-920.

GETULIO DAS NEVES

Na transformação subjectiva do vero scientista e idoneo Professor amigo — um dos principaes e o ultimo sobrevivente do saudoso grupo polytechnico-discente Ezequiel Ortiz, Coelho Barreto e outros — joven substituto, cathedratico docente e director da Escola Polytechnica — exemplar cidadão e 1.º vice-presidente constitucional, com exercicio da presidencia, no Estado do Rio de Janeiro — director da Estrada de Ferro Central e do Banco do Brasil, da Cia. Ferro Carril Jardim Botanico — e vice-presidente actual do Club de Engenharia.

Cartão de pezames á Patria Brasileira, á Republica que serviu, e sua digna familia.

O amor regenerará a sciencia;
A razão justificará a Fé.

SÃO CYRILLO DE ALEXANDRIA.

"Sic itur ad Subjectivam Posteritatem".

Tú que, em flôr, professaste official sciencia
E vieste a ser scientista eximio entre scientistas;
E alcançaste, por ella, eméritas conquistas,
Desde a Industria ao Poder, do Banco á Presidencia;

Tinhas, a bem servir-te, aguda intelligencia
Que penetra e esclarece as mais confusas vistas:
— Caracter que age, oppondo ao "Meio" resistencia;
Patriotico ardor, com lances progressistas.

Venceste, integramente, a lucta pela vida.
— E, repousado Heróe na estima enternicida
Da esposa e filhos — com galdino e patrio humor —

Depois de teres, numa aurea oração singela,
Eternisado a effigie em bronze do Portella,
Morres do coração, como um Fiel de Amor!

Rio, 159 R. Taylor, Sta. Thereza, em 26 de Moisés (São João Baptista) de 140 74º — 26-I-928.

NA MORTE DE PETHION DE VILLAR

O Insigne e Polyglotta Poeta Bahiano
EGAS MONIZ BARRETO DE ARAGÃO,
que só agora consegue a "semi-immortalidade algebrica" da Academia Brasileira de Lettras.

A Julio Novaes, seu velho amigo intimo, e Afranio Peixoto, seu novo biographo posthumo.

Onorando l'altissimo Poeta,
Che sovra gli altri, com'aquila, vola.

DANTE — *L'Inferno.*

Tú que foste Scientista e, sendo Poeta,
Humanisaste a Sciencia com tu'Arte,
Cantando, em varias linguas, sabio estheta,
Quanto Natura á Arte pôde dar-te:

Levando, com tal Sciencia e Arte selecta,
O Livro-Brasileiro a toda parte,
Alargaste o Brasil — que antiga méta
Mais não tem, que as fronteiras de tu'Arte.

E morres — João-Ninguem! ao pé da estatua
De Castro Alves, que sombra te projecta,
Mas sem necrologia, espúria e fátua:

E' que a Bahia — e tua gloria a affecta —
Era exigua de mais — e aqui dilato-a —
Para conter-te, occidental Poeta!

Rio, 17-XII-925.

O JUIZO FINAL

Na morte do digno e austero diplomata brasileiro.
O ex-ministro em Paris GABRIEL DE PIZA
posto em disponibilidade pelo Barão do Rio Branco por
intrigas palacianas do Itamaraty.

"Sine ira aut studio".
TACITO.

Baixaste, alfim, ao tumulo que, em vida,
Habitaste, a morrer no esquecimento;
E donde fulminaste, em testamento,
Quem te devia tudo que ora olvida!

E bastou, para isso, mal tecida
Intriga de um relapso rebento...
E dama cortezã, d'altro espavento...
Por tua austeridade, reprimida!

Em vão lhe déste exemplo de humildade
Retratando-te, em bem da Humana Crença,
Do que della escreveste — e era verdade.

Foste posto em disponibilidade!
Mas ha de confirmar tua sentença,
Inexoravelmente, a Humanidade.

A' NOTICIA DA MORTE DE SARAH BERNHARDT

Commemorando Phœdra, Hamleto, Rei Lear, Cleopatra, Theodora, Santa Thereza, Fédora, La Dame aux Camelias, On ne badine pas avec l'amour, Le Passant, et *opera omnia*.

Morreu Sarah Bernhardt?!... Não morre o Genio
Que a alma humana encarnou, vivendo-a n'Arte:
— Passou... almo Prothêo que se reparte
Por turbilhões de estatuas no proscenio!

E, dando, a cada estatua, vida á parte,
Que lhe insuflava animico oxigenio,
Viveu, como em Minerva o proprio Marte,
Em cada avatar novo do seu genio!

Não morre Phœdra! Fédora não morre!
Desde a tragedia antiga á alta comedia,
— Voz d'oiro — lhe ouço a gamma passional.

Viva, artistica e humana encyclopedia,
Esta é a ultima scena que lhe occorre...
— Só faltava morrer... sendo immortal!

NA MORTE E SAHIMENTO DE CARLOS GOMES

Ouvindo vivamente emocionado a Protophonia do Guarany, executada por todas as bandas marciaes existentes no Rio de Janeiro sob a regencia do Maestro Henrique de Mesquita e reunidas por naipe em amphitheatro erigido á entrada do Arsenal de Guerra, quando foi o seu corpo trasladado para Campinas.

A Rangel de Sampaio

Calou-se a voz do passaro divino
Que, no larynge de um leão, cantava
Por solfa estranha aboriginario Hymno
Que os nossos corações electrisava.

Cambiara em ancias de estertor ferino
Quando longe da Patria a exercitava
— E' que atroz carcinoma a suffocava
No cantor de Pery... Cruel destino!

Evolou-se no espaço... — ultimo brado
De araponga, metalico e maguado
Cortando um céo crepuscular, o ouvi

Passar, morrendo aos poucos, lentamente,
Até encorporar-se intimamente
Na ouverture immortal do Guarany.

NA MORTE DE BELIZARIO AUGUSTO

"O Gardingo" ou "Mirabeau da Praia-Grande"

"Vir probus ac peritus arte dicendi".

Foi-se comtigo o ultimo rebento
Dessa raça de finos oradores
Que têm no verbo electricos fulgores
E que vencem a golpes de talento.

E' que o inspirava o vivo sentimento
Dos grandes ideaes libertadores,
Mesmo através dos mais conservadores
Que podessem cegál-o, um só momento.

Mas, bem mais do que isto, foi comtigo
Um coração sem jaça, alma de apuro,
O probo cidadão, o leal amigo

Que, olvidado de si e do futuro,
Talvez só fosse máo para comsigo;
— Que, para os mais foi bom, foi meigo e puro.

CANTANDO-LHES A BUENA-DICHA

No velorio do poeta tradicionalista MELLO MORAES FILHO

Opera omnia: Mythos e Palmas, — Cantos do Equador — Curso de Litteratura — Parnaso Brasileiro — Cancioneiro dos Ciganos — Festas e Tradições Populares do Brasil — Cantares Brasileiros — Altar encerrado.

Até nas flores se encontra
A differença da sorte:
Umas enfeitam a vida;
Outras enfeitam a morte!

MELLO MORAES — *Cancioneiro.*

Pobre Mello Moraes, que a vida inteira
Como cigano exul pelo universo
Levaste a rapsodiar, em prosa e verso,
O Folk Lore e a modinha brasileira!

Em vão cantaste, em lyra alviçareira,
Quanto pelo "Equador" ia disperso!
Quanto encerraste alfim — fado perverso!
No teu "Altar", tu'obra derradeira!

"De ti, só resta — leio — alguns "Reisados"
Que cantavas, dansando! E... "Ave indiscreta
Que tudo vê", — rymado amphiguri!

Deixa-os fallar... Ourives condemnados
A eterno maçarico... Emquanto Poeta,
Serás bem mais que auctor do "Bem-te-vi"!

IGNOTO MARTE

Na sepultura de um soldado desconhecido
Por occasião de ser trasladado o seu corpo para o Mosteiro da Batalha em Leiria, via Lisboa.

Nesta anonyma e negra sepultura,
Jaz um ignoto Heróe, jámais vencido!
A morte o eliminou, sem um gemido,
Que não geme, ao morrer, marcial bravura.

Quando, no Lys, teutonica "kultura",
A ferro e fogo, em gazes envolvido,
Luso sector cuidou haver rompido...
— Um por todos morreu. — E, eterno, dura!

Mas o Lacio deteve a onda tedesca...
E, hoje, aqui vem, sem distincção de casta,
Render-lhe culto á sepultura fresca!

E, exigua sepultura, como és vasta!
Contens de Lysia a frol cavalheiresca.
Que importa um nome? — E' o Heroismo! — E basta.

NA MORTE DE BARBOZA RODRIGUES

O naturalista espontaneo do Jardim Botanico.
Cartão de pezames á Familia e á Patria.

O genio é como a egua, de Virgilio,
Que, no cio, voltada para o Oriente,
Fecunda-se a si mesma, in-continente,
Sem precisão de sexual auxilio.

Este, não teve nunca o reluzente
Verniz d'Acádemo a queimar-lhe o cilio...
— Fez-se naturalista, amando o exilio,
Na Selva! — Este é da escola de Virgilio.

E morreu. — Quando a Flora Brasileira
Enriquecia... o genial abôrto
Transforma-se, talvez, n'uma palmeira!

Vai demandando agora o eterno horto...
"Victoria-Regia", accorre, alviçareira!
"Certa Palmarum", teu cultor é morto!

Rio, 6-III-09.

PALAVRAS SENTIDAS

Na sepultura do fraternal e dedicado amigo
ARTHUR OROZIMBO XAVIER DE AZEVEDO
Engenheiro Civil, operoso mathematico, eximio topographo, architecto, belletrista e poeta.

Extincto! — esse alto espirito atilado
Que as argucias do calculo domava,
Como doma um fakir, se o olhar lhe crava,
Um crótalo que houvesse fascinado!

E mais, si a mathematica versava,
Não lhe era d'Arte o ádito vedado;
Pois, no exemplar scientista apaixonado,
Um fino artista — em vão! — se disfarçava.

Mas, o que lhe offuscava o descortino,
Era a modestia e natural bondade,
Num caracter sem jaça e peregrino,

Com que, na desventura ou enfermidade,
Soube vencer o seu fatal destino
— E triumphar da pérfida maldade!

NO PENOSISSIMO EXICIO DO VARÃO DE PLUTARCHO E MAGISTRADO A D'AGUESSEAU QUE FOI AURELIANO DE CAMPOS

Generino. A' Gabriella, aos filhos, parentes e amigos, Saudades do Aureliano de Campos 26-VIII-908 — Cartão para ser entregue depois de sua morte.

Cumprindo o seu derradeiro voto.

Rompeste emfim, o intermino liame
Que te chumbava á morbida existencia,
O' alma de espartana resistencia
A tudo quanto é tyrannia infame.

Exegeta e exactor do livre exame
Em materia de fé e de sciencia,
Só amaste a *"feroz"* independencia,
Da Lei das leis ao basico dictame.

Custou-te a vida! — E esta sociedade,
Escravocrata e escrava, viu-te, pouco
A pouco, ir succumbindo... em liberdade!

Que te valeu a sabia austeridade?
Do teu culto á Justiça, ai pobre louco!
Que mais nos resta? — Um nome e esta saudade!

NA MORTE DE LUIZ PEREIRA BARRETO

Tú que, em Paris, tiveste a summa dita
De conhecer bem cedo Augusto Comte
E, com elle alargar o alto horizonte
De tua erudição cosmopolita,

Por que contradicção inda inaudita
Onde o Positivismo inda era insonte
Em vez de pespegal-o em sua fonte
Religiosa, tu'obra o delimita?

E tudo alternamente cultuaste
Com esmero e carinho sobrehumano
Merecendo de sabio as verdes palmas:

— Uvas, flores, café e o corpo humano
Menos — o moral do homem, que estudaste!
E te fora honra e gloria, — menos almas!

NA SEPULTURA DO "CIDADÃO POLYCARPO"

(João Ferreira Polycarpo)

Cartão de pezames á Patria e á Republica

"Pudor inde miseratis".

Tacito.

Alfim morreste, estrenuo Patriota
Popular "Cidadão", por excellencia,
Que votaste á Republica a existencia
E não passaste, nella, d'um ilota!

Jamais em coração que se absorta
Aos impulsos do bem, com mais violencia,
Pulsara o Amor da Patria, e, em sã consciencia,
Morreste, ao ver-lhe transviada a róta!

E após tal vida, trabalhada e seria
Em que o livre ideal se te desanda...
Eis-te volvido a cosmica materia

Paz, si ha paz, Cyrinêo da Propaganda!
— Nunca mais soffrerás, negra miseria!
Nem mais dos teus a ingratidão nefanda!

C. São João Baptista — 22-IX-916.

NA SÚBITA TRANSFORMAÇÃO OBJECTIVA DE MAURICIO JOBIM

O TRIPLICE ARTISTA EMOTIVO DO MALLOGRADO SYMBOLISMO N'ARTE BRASILEIRA

Cartão de pezames

A seus irmãos d'armas, os néo-cavalheiros da Tavola
Redonda e Poetas coriphêos symbolistas Nestor Victor, Pereira da Silva e Gonçalo
Jacome — a ala enamorada dos
Fieis de Amor.

Rosa-Cruz que velaste, a vida inteira,
D'Arte — a Grande Arte — o mystico Graal
E illuminaste, á medieval maneira,
As symbolicas folhas de um Missal,

Da Via lactea a scintillante esteira
Que perlustraste empós esse ideal
Alto falle de ti a quem se abeira
Do mausoléo do "Negro Parcival".

E com que brilho ainda se constella,
Da Cruz austral ao seguro adamantino
De Benjamin Constant na humana téla!

Como que paira e a anima o ambroseo hymno
Que escreveste, ensinando a infancia bella
A modelar... teu coração divino!

C. S. João Baptista, 923.

ANTE O CADAVER DE UM VENCIDO

COMMEMORANDO LINS D'ALBUQUERQUE

E pouco a pouco a vida tristemente
Viste — impassivel — transformar-se em morte!
Vergontea sem vigor de um tronco forte!
Flor que um veneno atroz tinhas latente!

Quando a votaste ao prélio encandescente,
— Retardatario! — só te coube em sorte,
Em vez de um gladio de acerado córte
Voltairiano riso de serpente!

E, com elle, serviste a luta ingloria
Dos que vencidos são, tendo vencido...
— Pois é derrota ephemera victoria! —

E, si consegues triumphar do olvido,
E, que perdura em todos a memoria
De quem tanto soffreu, sem ter vivido!

NA DESOLADORA MORTE

DA MINHA EMINENTE E INOLVIDAVEL AMIGA MADAME GABRIELLA DE CAMPOS

Rememorando o ultimo voto de que me encarregou Aureliano.

Emfim, alma spartana, heroica e forte,
Te vais reunir aos dois que mais amaste:
E, como eras humana, trespassaste,
Cumprindo a lei biologica da morte.

Tudo quanto de bom te coube em sorte
E na asperrima vida sublimaste,
— Rosa de luz que se desfolha n'haste,
Volve ao Planeta, em subito transporte!

Cultura espiritual, terna cultura
Affectiva, social angelitude,
Descem comtigo, é certo, á sepultura.

Mas não se extinguirá, no tranze rude,
Sem par dedicação que transfigura
Em coração saudoso este ataúde!

UBI INGEMISCIT UMBRA

NA MORTE DO FRATERNAL AMIGO E MALLOGRADO POETA DESEMBARGADOR ANTONIO FERREIRA DE SOUZA PITANGA.

Ao seu querido filho e desolada familia.

De quantos mais bemquiz na minha vida,
Tão desvivida — e trabalhada entanto —
Que é hoje subjectivo Campo Santo
Onde geme uma sombra dolorida,

Eras a derradeira e mais querida
Reliquia de um passado que amo tanto:
— E eis que desces, nas aguas do meu pranto,
Subitamente á ultima jazida!

Adeus, pois, poeta e amigo d'outras éras,
Que applicaste o Direito á Sociedade,
Como ao verso a harmonia das espheras!

"Não morrerás de todo!" que, em verdade,
Aos que te amaram, qual te amei, deveras,
Reviveras na dôr d'atroz saudade!

PALAVRAS SINCERAS A UM MORTO

JUNTO Á SEPULTURA DE OTHON MACHADO

No primeiro anniversario de sua morte
(Prestação de contas de um compromisso moral)

"Vitam imponere vero".

Eu te havia, ao morreres, promettido
Velar por tua esposa e teus filhinhos,
— Orphã de amor e orphãos dos carinhos,
Com que n'elles vivias confundido.

Ella... está morta! E a elles... coitadinhos!
Esqualida miseria os tem tranzido!
— Mas eu cumpri o meu dever — ferido
Na vida embora por mortaes espinhos.

Veio Nestor, com seus apaniguados,
E... foi ter á ante-camera da morte:
— O Hospicio Nacional de Alienados!

E alli morreu — de amor! — a mulher forte
Que não pude salvar com meus cuidados!
— E existe em Deus... e ha um Deus que isto supporte!

Rio, 1898.

NA MORTE DE ELZIARIO PINTO

O GRANDE E OLVIDADO POETA DE "SIRIGIPE".

Onde essa lyra d'oiro sonorosa
Que, no "Festim de Balthazar", vibrára
Como uma clava d'Hércules preclara
Em escudo suspenso á arvore annosa?

Emmudeceu no olvido, desdenhosa
Da ingrata geração que emocionára,
A Musa em cujos passos se embalára
Rhythmicamente a Héllade formosa!

Dir-se-hia que, tendo derrubado
A Druidica Floresta dos Encantos,
Lascando um tronco, a houvera pendurado.

Inda vibrante de emotivos cantos,
Em "Cedro-rei, bem como um Rei, tombado"...
— Não mais resôa! — Agora é muda! E... em Prantos!

Rio, 97.

INDELEVEL RECORDAÇÃO SAUDOSA

NA MORTE DA EMINENTE SRA. CHRISTINA BRAUNE GUSMAN.

Oh! Não! Não passará tua memoria
Honesta, com teu brando e ultimo alento,
Como um suspiro que dispersa o vento,
Apagando, com elle, intima historia.

Viverá no saudoso pensamento
Dos que poderam, alma merencoria,
Contemplar-te a modesta trajectoria
No lar, que enobreceu teu sentimento.

Pois essa quint'essencia de virtude
Que concentraste n'alma, suave e pura,
Rôto o equilibrio instavel da saude,

Ha de baixar comtigo á sepultura?
Oh! Não! — Em toda sua amaritude,
Ainda, além da morte, aqui perdura.

Rio, 27-VII-912.

PROBLEMA INSOLUVEL

NA MORTE DE JOÃO NAZARETH

Grande e mallogrado professor de mathematicas elementares, reduzido a conductor telegraphico de 2.ª classe

A seus ingratos discipulos

Tú, que a ensinar as leis viveste affeito,
Do universo, extensão e movimento,
Subordinando ao seu regulamento
Quanto sentia o coração no peito,

Num insoluvel calculo desfeito,
Foste achando, momento por momento,
Que o maior divisor commum, attento
No social problema, é o preconceito!

Mas, então, rôto o instavel equilibrio
Que persistia em organismo forte,
Do teu meio vital forte ludibrio...

E, alfim, depois de um padecer sem norte,
Achas que, para um tal desiquilibrio,
Natural divisor commum ... a morte!

JUVENILIA

A' NOTICIA DA MORTE DE JOÃO CANDIDO GOMES DA SILVA, O JOÃO DE DEUS PERNAMBUCANO.

João Candido! — o almo e lyrico poeta
Qu'em púberes e idyllicos amores,
Pairava, como em aura irrequieta,
Beija-flor, triscando azas sobre flores!

Cincoenta annos de ausencia e dissabores...
E, da Rua Formosa na saleta,
Inda lhe ouço a voz, doce e discreta,
Ciciar, febril, Delfinicos amores!

Foi-se após, como a rosa de Malherbe
A sua inebriada mocidade
Esfolhando... e ambos nós envelhecendo...

E, agora, leio que morreu! E, lendo,
Vejo-o amortalhado, em dôr que a acerba,
Nesta funda e amarissima saudade!

ENTRE FLORES E FRUCTAS

NA SUBITA E PREMATURA TRANSFORMAÇÃO OBJECTIVA E SUMPTUOSAMENTE CARINHOSO SAHIMENTO DE ESTEVÃO SILVA INEXCEDIVEL PINTOR DE PRETOS E DE FRUCTAS.

Passou bem como abelha diligente
Entre flores e fructas que pintava
Com tal viço e frescor que até nos dava
Gana... de as ver! que colorido quente!

Jámais pintor de raça e genio ardente
Observando-as como, sentindo, observava,
Lhes dera os tons de luz com que os tocava
O negro Zeuxis da brasilia gente.

E quando, a mourejar glori-sedento,
Mais illustrava o nome inaltecido
Que conquistara a golpes de talento...

Eil-o que morre! — E o vi, frio, inanido,
Cadaver já, no artistico aposento,
— E, morto, parecia adormecido!

Rio, 9-XI-891.

PLUMINHAS AO VENTO

NA MORTE DE SYLVIA

(Dois mezes de idade)

Para Maria do Carmo e Alzirinha Oliveira

Ave que vôa...
Que vôa ao vento...
E vôa á toa...
Vôa, sem tento...

Vôa e revôa,
Um só momento...
E já transvôa,
Por céo nevoento...

Tal do materno
Seio surgiste...
Ave d'inverno,

Passaste, triste...
— E te sumiste
No innoto eterno!

Rio, 913.

NA MORTE DE LUIZ LEITÃO

(GEMEDORAS SAUDADES)

Morreu! Mas, quem me diz que elle está morto
Si o vê meu coração, minh'alma o sente?
Si, em quanto amou, subsiste e está presente
N'uma saudade infinda e sem conforto?

Que só morre quem vive avaramente
Para si e em si mesmo inteiro absôrto:
— Para esse é que a morte é eterno porto,
Donde, quem vai não torna, eternamente!

Mas, quem, como elle foi, patriota honesto,
Uma alma de rarissima cultura
Em bem formado coração modesto,

Não morre, embora baixe á sepultura
Mas viverá — siquer como um protesto —
N'uma recordação suave e pura!

Rio, 23-VII-910.

NA MORTE DE UM MENDIGO

Repousa, emfim, miserrimo mendigo!
Tú não mais exporás, perante a Historia,
A velha cicatriz da tua gloria,
Conquistada a uma bala do inimigo!

Inválido da Patria!... A sós comtigo
Te achaste, ao ultimo éco da victoria!...
— E a mão que lhe traçára a trajectoria
Estendeste ao viandante... — eras mendigo!

Ah! quão melhor, no campo de batalha,
Te não fôra morrer, dando-lhe a vida,
Do que a vida pedir, tendo a migalha!

Heróe-mendigo!... Que destino rudo!
— Já não pedes! — Pediste, á despedida!
— Pediste a vida... E á morte deste tudo!

Rio, 96.

NA MORTE DE ESTEVAM LOBO

ESTUPIDAMENTE AFOGADO NO PEGO DO LEME

A' ingratissima "Minas Altiva"
cujas "alterosas montanhas" lhe não souberam aquilatar o excepcional merecimento.

Por que é que não perdura n'este "meio"
Alma de escól ou coração perfeito?
— Dir-se-hia — e com razão — que é muito estreito
Para conter o que ha de bom no seio!

Tú, eximio exegeta do Direito,
Do Morro Velho aureo filão sem veio,
Não escapaste á lei fatal do "meio"...
— E eis que te empolga um vagalhão desfeito!

A politica, "perfida como a onda"
Te impelliu para o mar, trêdo e profundo,
Onde, nem sempre, ha salvação nem sonda...

E em vão luctaste contra o mar... no fundo
Achaste a morte — aljofar de Golconda —
Que engastaste no olhar de moribundo.

Rio, 14-IX-08.

NO ENTERRO DE UM SOLDADO

Ao tenente Jesus, da Força Policial.

Vão enterral-o. Envolto na bandeira
Da Patria, o esquife vem descendo o "Morro
De Santo Antonio." Ia passando; accorro.
Plange banda marcial triste preghiera.

Já, pelas mãos dos seus iguaes, se abeira
Do coche, onde ha de ir, já agora forro
Da caserna, para o monte de soccorro
Da morte — sua etapa derradeira.

Soluça fogo triplice descarga
De um pelotão que, ao pé, está postado.
Uma corôa. E roda a feral carga.

E mais não ha do misero soldado,
Do que recordação, saudosa ou amarga,
D'algum serviço, bem ou mal, prestado!

Rio, 07.

ERICO COSTA

SUBITAMENTE FALLECIDO A 14 DE JULHO DE 1889

Cartão de pezames a seu amigo Martinho Botelho.

Era ũ'alma fortissima com o aço,
E um grande coração, meigo e piedoso!
— Fôra um heróe ou fôra um virtuoso,
Si um'outra educação lhe guiara o passo.

Erguia os olhos, ávidos de espaço,
E sentia-se preso ao chão lodoso,
Onde o arrastava um genio impetuoso:
— Queria voar e o ambiente era-lhe escasso!

Revoltava-se, então, contra o destino
Que o impellia a ser máo, quando, de instincto,
Só por amor, devera ser benino.

Ah! quanta vez n'aquelle olhar faminto
Não brilhara uma lagrima... E, ferino,
Rompia-lhe o epigramma, em sangue tinto!

Rio, 901.

MISERRIMA CREANÇA!

A' Alice Costa, no subito passamento de seu carinhoso pai o infortunado Erico da Costa

Tú não contas ainda aquella idade
Que tem a côr do pécego maduro,
E se vai aquecendo ao claro-escuro
Da alegre e avelludada puberdade...

Trajas, no entanto, o lucto da orphandade,
Pobre creança! — Que destino escuro!
Tens mais negra a incerteza do futuro
Do que este dó, do que esta soledade!

Ah! si viver por ti pudera ainda
Quem te amou mais que a vida... Orphã, si aquelle
Que tanto amaste houvera vida infinda...

Que feliz não seria — e tú com elle —
Ao ver-te esposa e mãi, creança linda:
— Elle, digno de ti; tú, digna d'elle!

Rio, 901.

NA IRREPARAVEL MORTE

DE AMARO AUGUSTO DE BARROS CORREIA

Um dos ultimos pernambucanos da velha tempera

Ignorado Varão de Plutarcho

E vão morrendo, assim, a fogo lento:
— Em vida, porque os mata o preconceito!
— Na morte, porque os mata o esquecimento!

GENERINO — *"Os Incomprehendidos"*.

De quantos mais amei na mocidade,
Entre Siqueira e Maciel Pinheiro,
Eras, Amaro Augusto, o derradeiro
Archetypo de altiva austeridade.

Teu heroico perfil de Cavalheiro
Mediévo, a esta vã Sociedade
Que perdeu a noção da dignidade,
Recordava a armadura de um guerreiro!

Dentro, porém, n'um relicario d'ouro,
Agitava-se "Ignota Divindade",
A quem rendeste um culto immorredouro...

— E eis por que — Medalhão da Antiguidade —
Has de viver, sem jaça e duradouro,
N'um halo de amarissima saudade!

OFFERTORIO

... E passaste, Spartano revoltado,
Envôlto em transparente obscuridade,
Pedindo paz, justiça, amor, verdade...
— Sem n'as ter encontrado!

Rio, 2-XI-06.

NA SEPULTURA DO ADVERSARIO E AMIGO GENERAL NAPOLEÃO FREIRE

"Sine ira aut studio".
TACITO.

Morre em paz, imperterrito soldado
Dos prelios do dever, sempre cumprido!
— Que, ao menos, morres tú sem ter trahido
O que juraste — e havias por sagrado.

A tua "fé de officio" é um attestado
De teu alto valor, nunca excedido;
Mas eras um valente e um convencido:
— Fazias sombra... e foste posto ao lado!

Deixa, porém, que a "onda movediça
Do adhesismo" rebente contra o Estado...
— Ha de sôar a hora da Justiça.

E, então... spectro vivo do passado,
Emquanto pungir-lhe a dôr d'esta injustiça...
— Teu nome ha de viver, modesto e honrado.

Rio, 9-X-07.

NA MORTE DE AUGUSTO VIGELIM

CONSUL RESIGNATARIO DA CONFEDERAÇÃO HELVETICA FALLECIDO, AOS OITENTA ANNOS DE IDADE, EM SUA PROPRIA CASA E RODEADO DE SUA NUMEROSA PROLE.

Cartão de pezames

Feliz quem todo o cyclo da existencia,
Segundo as leis biologicas, percorre:
Nasce; toca ao zenith da adolescencia;
E, como o sol, transluz, declina e morre.

E quando, ainda em plena florescencia,
Se reproduz e em cada filho occorre,
Revive em toda sua descendencia:
— E' como o sol que a ecliptica transcorre.

E assim elle viveu sobre o planeta:
— Reproduziu-se, como um sêr divino,
Que ama e se faz amar, como um poeta.

Por que choral-o, si viveu tão dino
E morre qual se apaga almo planeta?
— Este cumpriu na terra o seu destino.

Rio, 17-V-09.

NA DESOLADORA MORTE DE JOÃO ZEFERINO RANGEL DE SÃO PAIO

Não venho prantear-te banalmente,
Meu fraternal amigo e doce poeta,
Coryphêo redemptor da raça preta,
Que deste á branca o coração e a mente.

E' qu',entre a espúria e refalsada gente
Que ama e professa alto "snobismo" estheta,
Tiveste a austeridade d'um asceta
E o impulsivo ardor de uma alma crente.

E, porque muito amaste e mais soffreste,
Padeceste a tortura dos eleitos
E, pelo coração, é que morreste!

Não morrerão, porém, estes conceitos
Que, sempre e a toda gente, mereceste,
"Flumineo" Juvenal d' "Os Preconceitos".

Rio, 08.

SUPREMA IRONIA

NA MORTE DO MALLOGRADO POETA E EXEMPLAR CIDADÃO
PROF. JOÃO JOSÉ DE MENDONÇA CARDOSO

Retrospectivo varão de Plutarcho

Por que é que, nesta vasa de asphaltita
Em que chafurda e medra espúria gente,
Quem é bom, logo afunda abruptamente,
E, ao que é mau, mais se exalça e nobilita?

Eras, no *écran* desta brasilea fita
Em que tudo se move absurdamente,
Alma que pensa, coração que sente,
E um caracter de tempera... exquisita!

Pois, si é viver, viveste em guerra accesa
De morte ao "preto-branco e branco-preto"
E morres em miserrima pobreza

Como um leproso, desse mal secreto
De ser *pobre-soberbo*... — Que tristeza!
Como é triste este ironico soneto!

NA MORTE DE BELLARMINO CARNEIRO

Talvez... Morreu da dôr de ter vivido
Sem lograr, nesta vida, um só momento,
Esse intimo e sem par contentamento
Que gera um grande amor correspondido.

Era, no entanto, um grande e bem nascido
Coração, devotado ao sentimento,
Que lhe inspirava o acto e o entendimento
N'um isóchrono rythmo medido.

E padeceu, por isso, duplamente,
A tortura do golpe fementido
Que o ferira... e matava lentamente,

Até que, alfim, de todos esquecido,
Morreu por entre alienada gente!
— Morreu, — talvez! — da dôr... de haver nascido!

DENTRO DE UMA SAUDADE

Dolora, na morte de Nhanhan Pinto

PARA SINHASINHA JORDÃO

"E dizer que esta... é aquella"
CAMPO AMOR — *Dolora.*

Tú, que chegaste a ser a mais saudosa
Recordação da minha mocidade
— Flor da Luz — na academica cidade
Onde a garôa a serenata esposa;

Tricana, em cujo olhar a puberdade
Poz o fulgor de um diamante-rosa
A lampejar na densa escuridade
Da negra transa a cascadear cheirosa.

Tú vibraste, num Hers, triste e inspirada
No drama passional da tua vida,
De "Roberto — o Diabo" a cavatina...

E — vês? — jámais meu coração te olvida
— Recordação, mais viva, me domina,
Dentro duma saudade, amortalhada.

PALAVRAS SINCERAS

ANTE A SEPULTURA DO DESEMBARGADOR F. R. PESSÔA DE MELLO NO CAMPO SANTO DO ARAÇÁ — SÃO PAULO

"Morreu, como viveu — justo e piedoso"
Escrevi sobre a tua sepultura;
E este aresto, que em marmore perdura,
Ha de sagral-o o tempo, respeitoso.

Porque, bem mais que um bronze sumptuoso,
Synthetisa e enaltece a lenda obscura
De tua vida — "Uma alma austera e pura,
Posta á mercê de um coração bondoso".

E' que eram-te — justiça e alma bondade —
Termos de uma equação, sempre constantes,
Em que a compaixão fórma a equidade.

Por isso quem te amou — e foi ditoso! —
Vai repetindo, agora como d'antes:
— "Morreu, como viveu, — justo e piedoso".

São Paulo, 16-X-98.

ULTIMO ADEUS

Ao bom e fraternal amigo Desembargador F. R. Pessôa de Mello por acto de baixar á sepultura no Campo Santo paulista do Araçá

Adeus! si desta eterna romaria
A' região lá donde ninguem volve
Teu corpo, que em mais simples se dissolve,
Não mais volverá á vida e a luz do dia

Tú, que penaste em torrida agonia,
A quem te faz soffrer perdoa e absolve
Que o teu perdão em bençãos se resolve
Da mais viva e perenne sympathia.

Pois, quem foi, como tú, justo e piedoso,
(Que a piedade é o esmalte da justiça)
Terá póstero dia venturoso

Mas não te esqueças nunca alma inteiriça
Que vai comtigo o coração saudoso
Dos teus — hostia de amor da humana missa.

NA MORTE DE AIDA

(ROSAS, LYRIOS E MYOSOTIS)

Como um sonho, passou, suave e brando,
A' inconsciencia de um dormir infindo...
— Morta! — Aida parece estar sonhando!
— Morta! — Não! inda vive... está dormindo

Rio, 13-I 96.

MOCIDADE MORTA

EM RECORDAÇÃO DE LEONIDAS MARTINS

A seus irmãos, confrades e amigos.

Que triste é assim morrer na tua idade,
Em que tudo sorri e em que o sorriso
E' como subjectivo paraizo
Em meio á mais cruel realidade!

Morrer em plena flor da mocidade,
— E quando se possue seguro juizo
Que ensina a discernir, quanto é preciso,
O bem do mal, servindo a — Humanidade!

Morrer sem ter cumprido o seu destino!
— Nem visto mesmo o advento da verdade
Que te empolgou, talvez, inda menino!

Que esmagadora e atroz fatalidade!
Quem, moço extincto, ao ver-te resupino,
Não chorará de dôr e de piedade!

NA MORTE DE JOSE' LEÃO

O POETA DOS "GRITOS DA CARNE", DAS "AVES DE ARRIBAÇÃO" E DAS "COMMEMORAÇÕES", PROFESSOR DE MATHEMATICAS ELEMENTARES. E PROTO-MARTYR DA PROPAGANDA REPUBLICANA NO RIO GRANDE DO NORE.

..... Quis talia fando
Temperet á lacrymis!

— VIRGILIO — *Eneida.*

Miserrimo! — Passaste nesta vida
Como sombra que foge a corpo errante
E, quanto mais caminha, mais distante
Se acha do azimutho da partida.

Dir-te-hiam quantidade conhecida
Mas de signal contrario e tão constante,
Que, quanto mais se vai para diante,
Mais negativamente é decrescida.

No entanto eras funcção d'uma alma nobre,
Nobremente contraria a quanto opprime,
Rica de amor — só de egoismo pobre:

Funcção que tudo crêa e nada exprime...
— Sinão a maior hostia, que o sol cobre,
De feia ingratidão, que é mais que um crime!

Rio, 29-9-904.

AD POSTERITATEM

NA TRANSFORMAÇÃO SUBJECTIVA DO SAUDOSO AMIGO E VARÃO DE PLUTARCO
OSIÉL BORDEAUX REGO.

Preclaro Chefe da 4.ª secção (estatistica) do Ministerio da Agricultura e, por seus abalisados e inexcediveis trabalhos, Membro Honorario da "Sociedade Estatistica de Paris".

Pezames á Familia e aos amigos, á Patria e á Humanidade.
Em meu nome e tenção do seu digno e extincto "Irmão de Officio" Justiniano Martins Meyrelles.

Il avait, celui lá, le talent de bien-faire;
Et, le faisant du cœur, de l'amoindrir ou taire.

GÉNÈR — *Inscription iconographique pour un tombeau.*

Cumpriste, Amigo, a lei biologica da vida:
"Nascer, viver, morrer". — Morres, porém, entrando
A' memoria dos que te viverão, amando,
Fiel d'amor, a quem dever austero occida!

IMMORTALIDADE SUBJECTIVA

Coração puro e aberto, em mente esclarecida,
Aos pendores do bem, o altruismo cultivando,
Viveste a laborar, sacrificando a vida,
E, penando, morreste, Altruista miserando!

Mas, qu'importa o sentir de amiga ou alheia gente,
Si, cumprindo o dever, morres, de amor, contente,
Tendo o teu "bem-fazer" por intimo laurel?

Tú viverás, emquanto houver um unico ente
Que te haja conhecido ou visto agir sómente:
— Volve á Terra o que é della, immortal Osiél!

Campo Santo de S. João Baptista em 23-XI-926.

BOABAB

Ao fraternal amigo e inolvidado poeta
Aureliano de Campos
Affectuosissima recordação de "Um pensamento"

D'uma arvore ancestral sei eu, a cuja sombra
Vinham aves do céo seus ninhos pendurar,
Emquanto, em derredor do tronco, ao rés da alfombra,
Pousavam gerações humanas, como em lar.

Dir-se-hia que, a nutrir vegetação que assombra,
Briarêo, alteara o torso, a bracejar
Dentre a fronde que verga e larga zona ensombra,
Para roubar ao espaço o oxygenio do ar!

Mas remoinha o cyclône estortegando tudo
— Desde o cipó, que é ferro, ao musgo, que é velludo —
E esgalhado... a raiz ao sol... eis o Briarêo!

E, então, é que se vio que vida alli morrêra:
— Pelo vacuo, que abriu, na terra que o perdera!
E o vacuo, que deixou, quando morreu, no céo!

Rio 5-III-05.

MUCIO TEIXEIRA

NA SUBITA E SORPREENDENTE TRANSFORMAÇÃO OBJECTIVA DO ESPONTANEO, VERDADEIRO E GRANDE POETA — SUL RIO-GRANDENSE — OPEROSISSIMO POLYGRAPHO QUE, POR SI SÓ, VALIA TODO O PARNASO BRASILEIRO E MAIS A ACADEMIA BRASILEIRA DE LETTRAS, QUE LHE MOVERAM GUERRA DE SILENCIO.

Cartão de pezames á Patria, á Familia e á Litteratura Nacional.

"Ad subjectivam Immortalitatem".

Como nuvem que haurio toda a humidade
Que a Terra exuda, por sazão estiva,
E, condensando-a, vai, na immensidade,
Reflectindo o que estampa em perspectiva.

Mas, com tal relevo e mobilidade,
— Quanta a do ar que a propelle e luz que a aviva —
Que — megascopio egypcio na verdade,
Dir-se-hia alta miragem fugitiva;

Assim passou na vida, incerta e vária,
Condensando em su'obra litteraria
Quanto, vivendo e amando, o impressionou:

— Raio de luz solar, em paz plenária;
— Plumma ao vento, ao estridor da procellária.
Depois... foi-se occultando! E, emfim... passou!

Rio, 8-VIII-926.

UBI DEFICIT ARS...

AO GENIAL ARTISTA BRASILEIRO, DISCIPULO MENTAL DE LEONARDO DA VINCI, PINTOR E ESCULPTOR DECIO VILLARES, DE VOLTA DA SUA EXCURSÃO ARTISTICA Á AMERICA DO NORTE.

Amigo, a Arte — a Grande Arte! — foi-se embora
Com Miguel Angelo e Julio Secundo!
A arte industrial domina o mundo!
Não ha mais céos!... "arranha-céos", agora!

O supremo Ideal, sabio e fecundo,
Que a Capella-Sixtina" ornara outr'ora,
Ruio ante a "mão d'obra" que hoje explora
Da Arte Plastica o cyclo moribundo!

Teu Leonardo da Vinci ou Benvenuto
Celini... morriam bem de fome,
Si inda vivessem neste ambiente abrupto!

Arte não ha que, genialmente, o dome!
— Por isso a tua — intempestivo fructo —
Morre, como um Rossin... porque não come!

A' NOTICIA DA MORTE DE JOAQUIM SERRA

O ESFORÇADO MINEIRO DA ABOLIÇÃO

Sumida, ás vezes, sob a rocha abrupta,
Jorra a caudal, lavrando-a surdamente.
Ouve-se, a espaços, um tam-tam latente.
Ulúla ou ri? Não sei. — Cava-se a gruta.

Não sei! Fundo mysterio é a pedra bruta...
E a subterranea voz assombra a gente!
— E' o lugubre troar do *ariete argente*
Que está minando sempre a rocha abrupta.

Mas um dia, ao bramir da natureza,
Reflue, extravasando, — agua represa...
E a rocha estoira; e a gruta é lago enorme!

Então, é que se vê como era forte
Essa força dynamica que a morte
Paralysou no leito onde ora dorme!

(100-1888).

NA SEPULTURA DE GUILHERME MARTINS

O EXCENTRICO POETA DA "LYRA FELINA"

"Et plus je connais les hommes...
... Plus j'aime les animaux!"

Pobre Guilmar! — Descança em paz, amigo!
— Amigo do homem... mas — bem mais — do gato.
O homem... quasi sempre foi-te ingrato;
O gato... não: — fraternisou comtigo.

E com elle viveste, ao desabrigo
— Orfão de mãe — de todo humano trato.
Vias por toda parte o seu retrato:
O homem... chamou-te "... *lula*"; e o gato: "— [amigo".

No entanto, a passional "Lyra Felina"
Ahi 'stá para attestar ao *inimigo*...
Que tinhas coração e a *mens-divina*.

Morta a suave "Velhinha", que bemdigo,
Teu sol no occaso rapido declina...
Pobre Guilmar! — Repousa em paz, amigo!

110-1898.

ETERNA UNIÃO SUBJECTIVA

E... morreste! — Assim morre ave ferida
No coração, se caçador lhe abate
O par, que as azas carinhosas bate
Para o amor, para o ninho — para a vida.

Immerge então na dôr, como suicida
A quem corrosivo as visceras maltrate;
E... nada mais! Nada ha mais que lhe resgate
A lancinante dôr da despedida.

E... morre! — Qual morreste, ave abrasada,
Inda cingindo, á fronte immaculada,
Corôa — não de rosas — mas de goivos,

Para o eterno noivado subjectivo
Do eterno amor — o morto redivivo,
Em mortos corações — eternos noivos.

Rio — 13-I-05.

NA MORTE DE YÔYÔ

(ALEXANDRE RODRIGUES DOS ANJOS FILHO)

Ah! il mio pensiero fatidico!

SHAKESPEARE — *Hamleto* — Versão Emmanuel.

Que triste madrugada de Janeiro!
— Jámais esquecerei o aziágo dia
Em que, á tara de atroz paralysia
Geral, quêdaste morto por inteiro!

No entanto, inda me vem á fantasia
Teu boliçoso genio prazenteiro...
E *verve* arguta... e gesto condoreiro,
Com que Gottschalck ao piano se dir-te-ia!

Relembro tua exhausta mocidade
Que foi degenerando em *surmenáge,*
Como a minha em tristezas e saudade

E agora que estás morto, este *pensiero*
Me opprime o coração como uma tage!
— Que triste madrugada de Janeiro...

Rio, 13-I-05.

NA MORTE DE LUIZ ROSSI

O MISERANDO CONSTRUCTOR DO SARCOPHAGO DE FLORIANO PEIXOTO

Este soneto, apagado resumo da tua triste historia, recordará teu nome aos poucos que verdadeiramente te amaram.

Emfim repousas do teu triste fado,
Tú que tanto soffreste e amaste tanto,
Sem ter tido jámais o doce encanto
De viver d'esse amor, morrendo amado!

E tinhas tú, no entanto, um bem formado
Coração! E um coração, no entanto,
Tinhas capaz de dedicar-se, quanto
Se póde dedicar um abnegado!

Miserrimo, que fôste o espectro mudo
De ti mesmo... e autophago da dôr
Com que, em vida, perdeste tudo... tudo!

Teu coração — sensivel reflector —
Não pôde resistir ao golpe rudo:
— Partiu-se... como ardente combustor!

L. G. — Rio 7-VIII-912.

O ULTIMO CALICE DA AMARGURA

NA MORTE DO CO-RELIGIONARIO, VELHO AMIGO E OLVIDADO POETA DE "OS DOIS AMPHITHEATROS", JOSÉ EDUARDO TEIXEIRA DE SOUZA.

Soneto complementar do diptyco *"No symbolico tumulo de uma noiva"*, tumulo por mim idealisado e em granito esculpturado pelo grande estatuario Almeida Reis no Campo Santo de São João Baptista da Lagôa.

Por intermedio de Reis Carvalho que lhe assistiu os ultimos momentos, cartão de pezames á sua Terra Nativa, o glorioso Estado do Maranhão — outr'ora "Athenas Brasileira" — afortunado berço de Raymundo Teixeira Mendes, o immortal Apostolo da Religião da Humanidade no Brasil.

"Et nunc erudiminé".

Emfim te vais reunir á esposa amada
Sob o "rochedo asperrimo da vida"
Que lhe esmagara a trama dolorida
De serodia ventura mallograda!

E desde então, como ave mal ferida
Que perde o par e o busca desgarrada,
Nunca mais a alegria ensolarada
De viver em tu'alma achou guarida!

Mal te "formaste" — e o irmão perdido havias
Que te "formara" e a quem "formar" devias!
— Morreu-te, indo a casar, a Mãe velhinha!

E ora que, das angustias que soffreste,
Repousavas... — de subito morreste!
E, até na morte, a vida te é damninha!

Rio, 13 de Descartes (Cabanis e Georges Leroy) de 68-134. 22 de Outubro de 1922.

ULTIMO TERMO DE UMA FRACÇÃO CONTINUA

NA TRANSFORMAÇÃO SUBJECTIVA DO MALLOGRADO ARCHITECTO E ILLUMINURISTA HERCULANO RAMOS.

Cartão de pezames a Julio Novaes e sua Familia.

Alma estheta de artista, enamorada
De Celinio Ideal, nunca alcançado,
Que erraste a vida inteira, trabalhado
Por continua fracção, jámais aúnada!

Quanta vez, Bramantino mallogrado,
Não passeou tú'Arte requintada
Pelo marfim da torre alcandorada
Do teu sonho, jámais architectado!

Mas, si teu nome, á noite, não fulgura
D'algum "Arranha-Céo", á enorme altura,
Nuanceando no espaço o dorso iriado,

Ha de viver, siquer, na illuminura
Em que tua morta Filha se emmoldura
— E morres, no teu "meio", asphyxiado!

Rio, 17-I-19-140-74.
17-I-1928.

NA MORTE DO DR. COSME DE SA' PEREIRA

GRANDE MEDICO HIPPOCRATICO
MODESTO PHILANTHROPO PERNAMBUCANO
ILLUSTRE VARÃO DE PLUTARCHO

Na Cidade do Recife, aos 96 1/2 annos de idade.

Cedeste, emfim, á grã-fatalidade
Biologica da morte, immorredouro
Exemplo de ancestral longevidade:
— D'alma sadia em corpo duradouro.

E' que aúnavas, em plena integridade,
Amalgamadas como em barra de ouro,
A' saúde corporea — almo thesouro —
Animica e virtuosa sanidade.

Assim, viveste, alegre, e satisfeito,
— Bom — fazendo bem á humanidade,
Com teu "saber, mais de experiencia feito".

E ora, que vives já n'uma saudade,
Lembrando Fontenelle — homem perfeito —
Teus mais de novent'annos de bondade!

Morro da Gloria, Rio 19-I-914.

A RAUL GUEDES

"EX FRUCTOS E ORUM COGNOCERIS ERO"

Ao erigir-se solemne e excepcionalmente como devido premio aos inestimaveis serviços prestados e merecida homenagem ás suas raras virtudes civicas, e sociaes o retrato do Grande, austero e abnegado Cidadão-abolicionista e republicano Raul Guedes, ao lado da efigie do seu immortal Patrono, no salão de honra do Gremio Nacionalista Beneficente Floriano Peixoto.

Ahi tens, Raul, o fruto sazonado
D'arvore secular que aqui plantaste:
— E o coração do civico soldado
Que a Republica amou, bem como o amaste.

Integramente humano, a cultivaste
Com teu sangue, tu'alma e amor sagrado
Com que ao Porvir nos falla do Passado,
Como o alóes, abrindo em flor su'haste.

— Não morra o briaréo da liberdade
A que se abriga a Tradição agora
E frondêa ao rumor da tempestade...

Mas viva e cresça, emprindo a immensidade,
Como, em noss'alma, á dôr que nos devora,
A tua subjectiva eternidade.

AD SUBJECTIVAM IMMORTALITATEM

EMBLEMA: UMA ESPHERA INSCRIPTA NUM CYLINDRO (COMO NO TUMULO DE ARCHIMEDES), EMCIMADA POR UM BARRETE PHRYGIO.

Inscripção Iconographica.

Para a modesta sepultura — singelo monumento expressivo — que ao Grande Cidadão Raul Guedes, simples professor de Mathematicas elementares mas ardoroso, intransigente e abnegado Propagandista da Abolição e da Republica, fez abrir a piedosa gratidão da Sociedade Beneficente Floriano Peixoto, que fundou, presidio e beneficiou, no Campo Santo de São João Baptista da Lagôa.

"Antes de morrer, affirmou, perante sua familia reunida, todas as suas crenças e ideáes philosophicos, politico e religiosos".

Depoimento, BRICIO FILHO, *ad perpetuam rei memoriam*.

"Talis vita, finis ita".

Patriota exemplar, vero scientista,
Immolou ao altruismo a vida inteira,
Demonstrando que a Patria Brasileira
Sempre foi e ha de ser "Florianista".

E' que aprendeu, geometra e algebrista,
Que a linha recta é directriz certeira...
No triangulo, theocráta e irridentista,
Da inconfidente flammula mineira.

E achou, com Bonifacio — o — moralista,
Que uma esphera armillar por força dista
Da celeste, tão grata ao brasileiro.

E preferiu, ordeiro e progressista,
Com Floriano, de guarda a do Cruzeiro,
Morrer sem pão, mas sempre Florianista!

MARCHA FUNEBRE

(COMMEMORANDO OS GRANDES MORTOS DE JULHO: SILVA JARDIM, JULIO DINIZ, ERICO COSTA, E JOÃO FRANCISCO DE SOUZA

E assim, uns após outros, vão cahindo
Na campanha da vida os bons soldados
Da honra e do dever, — sempre varados
Pelo mallogro de um desejo infindo!

Quantos, a Patria amando e sendo amados,
Não vão longe da Patria succumbindo!
Quantos, a gloria: e a morte os vai trahindo!
Quantos, a vida: e todos esmagados!

Mas, apenas um claro na fileira
Se vai abrindo, eis surge um voluntario
Que aspira por mortalha essa bandeira.

O campo de cadaveres se junca,
Mas sempre o batalhão peleja inteiro:
— Que "a guarda morre e se não rende nunca".

NA MORTE DO MAJOR BORGES FORTES

BRAÇO ARMADO DO "MARECHAL DE FERRO" NA REVOLTA DE 6 DE SETEMBRO.

Junto a corôa civica collocada na sua sepultura

"Publicum meritorum proemium".

Onde ó nobre soldado valoroso
Guia e mentor na paz, heróe na guerra,
Que enchera com seu nome a grande terra
Que o viu nascer, e amara fervoroso?

Foi-se o ultimo chefe prestimoso
Dessa invicta phalange que não erra
Tiro contra inimigo que lhe aperra
O "kropatschech" audaz do revoltoso!

Morreu... quando periga a causa publica!
E da perfidia a bifida serpente
Arma o bote, a silvar, contra a Republica!

Mas tambem, fruste heróe, que ingloria sina!
Poupou-te a bala e... morres tristemente
De uma tuberculose que amofina!

112-1900.

NO PASSAMENTO DE BITTENCOURT SAMPAIO

Meigo e amoroso espirito inda crente!
Eterno sonhador que tanto amaste!
Talvez que aches agora o que sonhaste,
Si sonhaste viver eternamente.

Que, por pouco que um'alma ingenuamente
Tenha feito, na faina em que lidaste,
Isso ha de perdurar, nunca o pensaste?
— Si fêl-o o coração, de boa mente.

E tú, só com cantar "Flores Silvestres"
E pôr o Evangelista em versos d'oiro,
Rhythmados de musicas terrestres:

Traductor do "Hiawatha", eternidade
Subjectiva has de ter, pois que é um thesoiro,
N'uma recordação, n'uma saudade.

1895.

NA MORTE DE FELIZARDO JUNIOR

CARTÃO DE PEZAMES AOS POSITIVISTAS RIO-GRANDENSES

"Amor condusse noi ad una morte".
DANTE — *Francesca di Rimini.*

Si alma, que busca outra alma enamorada,
Encontra um coração, meigo e amoroso,
Que, inda mais no soffrer do que no gozo,
Bate á mesma synchronica pancada;

E, a desdobrar-se em prole abençoada,
Que perpetúa a especie e o par ditoso,
Cumpre na terra o escopo glorioso
De ver-se á Humanidade incorporada:

— Bem feliz! — que, mau grado a commovente
E dolorosa e misera orphandade
Em que a deixas, tenrinha, em pranto ardente,

Tens a rara e sem par felicidade
De deixar-lhe, volvendo á Mãe clemente,
Por pae e mãe solerte a Humanidade.

FLÔR ESTIOLADA

PARA O CO-RELIGIONARIO E AMIGO BENJAMIN BARRADAS.

Menina e Moça, pubere Creança
A quem crescera o cerebro sómente,
A' custa d'organismo deficiente:
— Flôr que se estiola e balsamo nos lança,

Nasceste sem a minima esperança
De viver como vive toda gente;
— E, mau grado essa organica tardança,
Morreu-te o coração... adolescente.

Porém, quanto mais te ias diminuindo,
Mais se te alargava a aguda mente
E só comtigo mesma algo aprendeste!

Foste Dionéa em flôr que vem se abrindo
E tudo prende ao musculo que sente
— E pelo coração foi que morreste.

7 de Descartes de 139-73 (14-X-927).

PINDUDO

RELEMBRANDO O BÓRÓRÓSINHO "BEIJA-FLOR" E O MAIS BELLO CASO DE MATERNISAÇÃO ADOPTIVA DE MME. MELLO REGO, QUE LHE POZ O NOME DE GUIDO.

> "Ha vinte e um dias que teu corposinho que a molestia tornou tão fraco e idealisou foi lançado nos braços da Mãe Commum, essa barbara e cruel mal que a esta hora de aperta avarenta e te devora".
>
> "Tu levaste comtigo, no teu vôo para a eternidade, minh'alma; tu tão pequenino, tão leve, a carregar um'alma tão cheia de dores, tão pesada para as tuas azas...
>
> Quanta irradiação no espaço!
>
> — E' o meu Guido que lá se vai, e com elle todas as gemmas do mundo, todas as alegrias possiveis."
>
> Adeus, meu beija-flor encantado...
> Adeus, meu Guido! Adeus!
> Tua mãe... tua mãe.
>
> MME MELLO REGO — Plaquette "Guido".

Foi — talvez! — na penumbra de velludo
De um sonho que lhe veio da floresta:
Inplumme ainda o "beija-flor" — "Pindudo"
E, enplummando — morreu! Que mais lhe resta?

D'uma saudade infindo a amaritudo
Que ao maternal instincto azas lhe presta
Para exalçar uns nadas... que são tudo,
Quanto a seu filho materno empresta!

E, azas ruflando em torno á imagem della
Que embebera em su'alma carinhosa
Qual si, entre as flores, fôra a flor mais bella,

Como célere flexa luminosa
Se foi "Pindudo"... como fila a estrella
Que cai, dentro da noite tenebrosa!

OLHOS SAUDOSOS

NA MORTE DE BRUNO FREDERICO, MALLOGRADO FILHINHO DE PAULO

Cartão de pezames ao Lupercio e Mme. Glorinha Hoppe.

Quando, em Março, os deixei... Meus olhos bellos!
Olhos felinos d'agatha, engastados
Em rosto oval, de uns tons amorenados,
Sob a loira pennugem dos cabellos,

Por entre collegiaes alvoraçados,
Jogava o foot-ball — seus vãos anhelos!
Seguido da mucama, ardendo em zelos,
Com seus pesinhos tropegos, pesados...

Morto se quéda agora! E aquelles olhos
— Olhos d'ágatha!... infindos olhos bellos! —
Que eram como dois pharoes contra abrolhos

E em que eu punha tantissimos desvelos...
— Aguas-vivas — sumiram-se entre escolhos
E não mais os verei! — Nunca hei de vêl-os!

NA MORTE DE RAUL BRAGA

FALLECIDO A 27 DE FEVEREIRO DE 1905 NA SANTA CASA DE MISERICODIA

Miserando Raul! Que triste sorte
A tua! E que miserrimo destino!
— Mallogrado talento peregrino!
Sargeta em vida... e rabecão na morte!

Dir-se-hia, ao ver-te demudado o porte,
Que esse organismo, anemico e franzino
Tarde cedera ao morbus assassino
— Dipsomania atroz! — tanto era forte!

Mas tu foste um producto do teu meio,
Baudelaire que passado em contrabando,
Entre Verlaine e Mallarmé nos veio

Dizer que tinhas coração — pois quando,
Um dia, me disseste um poema cheio
De amor de tua mãe, te vi chorando!

NO ENTERRAMENTO DE ISTEY PACHECO

O GRANDE PHOTOGRAPHO LUZO-BRASILEIRO E MALLOGRADO PESQUIZADOR DA PHOTOGRAPHIA COLORIDA.

Por chuvosa tarde de verão

Tú que, pintando á guäche a natureza
Com sentimento e amor
Nos deste, em cada téla, uma belleza,
Cada aspecto, um primor;

E — Daguerre da raça portugueza —
Paciente operador,
Conseguiste com velada justeza
Photographar a côr!

Após setent'annos de labuta
Nessa porfiada e gloriosa lucta,
Artifice de escol,

Immerges na final camara escura...
E nem te vai levar á sepultura
Teu companheiro — o Sol!

MORS-AMOR

A' Mme. Annita de Mendonça

Cartão de pezames pela desoladora morte do seu amante e bem amado filho, o meu jovem amigo e mallogrado academico de Direito, Jacyntho de Mendonça Dias.

Por que choral-o assim, si agora vive
Para sempre em tú'alma, como outr'ora
No teu seio vivêra — e, luz d'aurora
Transporta em luar saudoso, hoje revive?

Bem mais pura affeição desperta agora,
Que já viveu como astro sem declive:
— Nada mais ha que de ti amar o prive
Nem te prive de amal-o, como outr'ora!

E' como diamantina preciosa
Que se foi facetando e agora brilha
Como mais vivo fulgor, tirante á rosa,

Dentro em tú'alma, em lagrima saudosa
Que lhe reflecte o vulto, e — maravilha!
Te alegra a vida, á *Mater dolorosa.*

Morro da Gloria — Rio, 16-VIII-912.

NO ENTERRO DE EDGARDO

Vão a enterrar-te, Amor! pobre criança
Que mal surgiste do materno seio
Como um sonho de um casto devaneio,
D'amor primeiro ultima esperança!

Entre jasmins e rosas já descança
Teu pequenino corpo, um riso em meio:
Paralysou-o a morte e a morte leio
No teu vidrado olhar de pomba mansa!

Tudo chora em redor. Já resvallando
Pela mão do coveiro és tú levado
Como um lyrio que a onda vai levando!

Adeus, ultimo bem de um sonho amado
Adeus, Amor! adeus! — E... miserando!
Ha neste mundo tanta desgraçado!

CAUSERIE...

NA MORTE DE CARLOS FRANÇA.

Sabes qual seja essa arte deliciosa
De parlar quasi a sós, com "verve" e humor,
Em que os labios se fazem beija-flôr
E vão, de assumpto a assumpto, em leve prosa,

Sempre a pairar, deixando em derredor
Impressão, mais ou menos curiosa,
De riso ou dôr... que faz lembrar da rosa
O espinho ou perfume enervador?

O tempo corre... e, deslembrada, a gente
Vai indo ao tom da murmura corrente...
— Até que acorda... ouvindo inda o melhor!

Sumiu-se o tempo... e o tempo não repete!
— E eis que á dura expressão de "k + 7",
Ora se extingue o seu maior cultor!

Rio, 10-I-07.

AQUELLA QUE SE FOI...

CARTÃO DE PEZAMES A ALFREDO MADUREIRA

Aquella que se foi — tão cedo! — desta vida
Para o seio da morte, em romaria eterna,
Era ûalma gentil — meiga, amorosa e terna —
Sob a forma ancestral de *lady* endurecida.

Mas, nessa Puritana esgalgada e comprida,
Batia um coração de pomba, afflando á interna
Acusmata d'amor, do som n'aza galerna
Que sabia arrancar do piano á alma ferida.

Hoje... o austero ambiente, artistico e saudoso,
Que recortava em sombra o seu perfil londrino,
Ermo está... cheira á myrrha o espaço silencioso...

Calou-se a voz do piano... ao pranto crystalino
Da desolada mãe, do desolado esposo...
"Pequenina", a ganir, lembra o dobrar de um sino!

Rio, 5-7-94.

A LUGUBRE TRAGEDIA DE JACUÊCANGA

(Episodio Dantesco)

Em prol das victimas do "Aquidaban"

"Bate horror sobre horror no pensamento"...
Bocage

Na funda escuridão da noite mysteriosa
Onde estrella não luz nem viração suspira,
— Tradicional esquife — o "Aquidaban" se mira
Na onda negra do mar, tranquilla e marulhosa.

Dorme tudo em redor da mole silenciosa
Donde — solerte olhar de Cyclope, que gyra
Em orbita sangrenta — um pharól além se estira...
— Calara uma *habanera* a musica chorosa.

Subito, em convulsão suprema, entre estampidos,
Pôpa a adernar, d'un jacto, em meio á agua espumosa,
Mergulha, emprindo o ar de pavidos gemidos...

Igneo é o céo; ignea a terra: — e o mar — ignea
[ventosa —
Sorveu e sepultou trezentos malferidos
Na funda escuridão da noite mysteriosa.

Rio, 23-I-06.

NA SEPULTURA DE Dª. AMELIA FERNANDES

(Para o Pedroso Souto)

Dorme teu somno em paz, miserrima creança,
Que passaste na vida a vôo de andorinha,
E deixas no teu ninho invalida filhinha
Que era, no teu diluvio, o ramo da esperança:
— Nunca mais has de ver o olhar da pobresinha!
— Nunca mais outro amor! Repouza em paz! creança!

Rio, 30-11-903.

NA MORTE DE DE LA PEÑA GUSMAN

Pobre Petit! — Que miseranda sina!
Morrer na idade d'oiro do talento
Sem ter substractado o sentimento
Que te ia n'alma em musica divina!

No entanto, inda resôa-me, em surdina,
Aqui no ouvido, intimamente attento,
Todo o amavio, todo o encantamento
De tua execução nitida e fina.

Onde agora a subtilima doçura
Com que sobre o teclado azas ruflavas,
Petit-Chopin, beija — florando tudo?

Tudo morreu comtigo... que amargura!
E quedou-se o piano em que scismavas...
— Como uma esphynge: eternamente mudo!

AO EXICIO DO MAESTRO HENRIQUE DE MESQUITA

Tal do lascado tronco a margem expreme,
Em vez de pranto, sangue... mas, em vão!

DANTE, *Inferno*.

Repousa em paz, misérrimo precito,
Cuja vida falhou como tua arte.
— Tiveste n'alma o rhythmo esquisito
D'uma *"chanson grivoise"*? — Eil-o a embalar-te.

Talvez que a morte agora o estranho ricto
De um supremo desdem venha apagar-te
Dos labios, que jámais tiveram grito
Vingador contra quem veiu a matar-te.

Devera ser, porém, mais compassiva,
Essa de "Ali-Babá" mendaz cohorte,
A quem rhytmaste a marcha progressiva...

Não foi tua arte; como tua sorte,
Cantor do "Vagabundo", negativa...
— Foi uma *"suspensão"*... até á morte!

NA MORTE DE HEMETERIO MACIEL

INCAUTA VICTIMA DE UM ESPECIALISMO INTRANSIGENTE

A' sua desolada irmã Mme. Maciel Oliveira.

Cartão de pezames.

"Ubi stimulus ibi fluxus".

Por que furtiva lagrima erradia
Te assoma á flor dos olhos macerados
Que parecem doer, de tão magoados,
N'uma alheiada e atroz melancolia!

Choras intimamente a sorte impia
Do irmão que deixa os lares bem amados
Para morrer, na flôr dos mallogrados
Annos, á cerebral apoplexia?

Mespo depois de punccionada a espinha,
Talvez que sanguesuga ou revulsivo
O podesse salvar — salvada tinha

Matou-o a cura em vez da enfermidade!
Por que choral-o, si resurge vivo
N'um halo de vivissima saudade?

M.G. 7-X-912.

NA MORTE DO "ALMIRANTE JOÃO CANDIDO"

PEZAMES Á MARUJA NACIONAL.

"Esse foi o unico Almirante — verdadeiramente digno d'esse nome — que, durante a insurreição da Armada, soube imperterritamente cumprir o seu dever." *Postulado Historico.*

PERENNIUS AERE.

Emfim morreste... Emfim custou-te a vida
Intrepida e magnanima bondade,
Negro Heróe da mais branca integridade,
Vingada d'uma classe envilecida!

Quando, em plena bahia estarrecida
De medo, drednophtica unidade
Commandavas, com arte e com lealdade,
Evoluindo-a em curva indefinida,

Encheu-se a urbe atlantica de assombro:
— "Esse quem é, que, tendo em mão possante,
O "Port-Arthur" da nossa hegemonia,...

Não nos esmaga, reduzindo a escombro?
— E quem n'o promoveu logo a Almirante:
"Foi João Candido... é o Stoicel da Amnistia!

L.G. — Rio, 29-VI-912.

PADRE AZEVEDO

ESPOLIADO INVENTOR DO TYPE-WRITER

Sic vos non vobis
VIRGILIO.

Era um typo, mesclado de Herculano
Mais do Padre Vieira, o de Azevedo.
Orphão pae maçon pobre e bem cedo ficara;
Fel-o a "Viuva — Hiran", padre romano!

Mas, com ser padre, era o parahybano
Mathematico e artifice em segredo
E tanto fez que construiu a dedo
Stenographo — mechanico piano —

Como, suspenso d'ordens, lhe faltasse
Com que o modelo em obra converter,
Confiou-o a sagaz americano

Para que, em New-York o executasse
Não mais veiu a saber do seu piano
Até que o viu — em machina — escrever!

NA SEPULTURA DE CHARLOTA

(Elisabeth de Faria)

N. 2.830, quadra 19 — no Campo Santo de São Francisco Xavier.

(Impromptu)

Peregrina que, um dia, repontaste
Na sinuosa curva illuminada
Da vida... e logo a intermina jornada
Do ser para o não ser iniciaste!

Como o sonho de fadas, que sonhaste,
Immergiste na luz da madrugada,
Deixando tua imagem retratada
Em quem te amou e em tudo quanto amaste.

Ora, que os olhos d'alma em torno lanças,
Dize, tú que te vais na flôr dos annos;
— Viver... o que é? Vaidade das vaidades.

— Nascer, entre gemidos e esperanças...
Crescer, entre illusões e desenganos...
Morrer, entre soluços e saudades!

Rio,30 -X-08.

A' NOTICIA DA MORTE DE FERNANDO SA' VIANNA

COVARDEMENTE ASSASSINADO POR UM SOLDADO

Que destino sem nome o teu, pobre Fernando!
Alma aberta e gentil, sincera e apaixonada,
Bem nascida em foraes, por obras bem penada,
— Um portuguez de lei, que os ha, de quando em [quando

Amando a tua *casa* extincta e a Patria amando
Na familia extremosa em extremo idolatrada
Por quem ias levando a vida trabalhada
E viver repousado um dia ias sonhando...

Quando, a golpes de acção, sorria-te a fortuna,
Eil-a, a golpes de azar, que foge, desgraçado!
— Que não viste que foge a quem mais a importuna.

E quando ias fugindo á revoltoso bando
Eis que morres inerme ás mãos de cruel soldado...
— Que destino sem nome o teu, pobre Fernando!

NA MORTE DE CARLOS ACCIOLI

Tem a paz seus heróes bem como a guerra:
— Aquelles são que sacrificam tudo
A inflexivel dever — e um fado rudo,
A vingança ou traição, prostram por terra.

E, quanta vez a bala que não erra
Alvo, lhe não resvala pelo escudo,
Para deixar que o heróe succumba mudo,
Do proprio heroismo ao peso que o soterra!

Tal seu destino foi — heróe por armas
E pela sciencia heróe, no mar e em terra,
Sobreviveu a civicos alarmas...

Para morrer além, por invios trilhos:
— Que a Republica republicos desterra
E — Saturno — devora os proprios filhos.

113-901.

ULTIMO CLARÃO

A' INOLVIDAVEL MEMORIA DO MEU GRANDE E SAUDOSISSIMO AMIGO ARTHUR FRANCO FERNANDES DE BARROS FALLECIDO EM ONDINA.

E vais transpondo, Amigo, o intermino oceano
Onde tudo se abysma e tudo se transforma!
Alma pura e gentil, rompeste a humana fórma,
E esplendes — luz austral no pensamento humano.

Quando infantil desdem de um coração leviano
Feriu-te o coração que em terra se deforma;
E sentiste que o amor — a subjectiva norma
Que ao Grande Sêr conduz-te foi sempre tyranno...

Toda a luz cerebral, que empanam dissabores;
Amor — ancia do bem; gloria — idéal de um sonho;
Tudo, em caudal de sangue, affluiu-te ao coração...

E o coração partiu-se! Assim — triste medo-
[nho! —
Se parte, a um golpe de ar e excesso de calores,
Crystal onde lampeja um ultimo clarão.

Rio, 7-11-1884.

NA MORTE DE FERNANDES DE BARROS

Peregrino, a romar dentro de um sonho,
Vieste, empós de erratica miragem,
Ao Rio, que de Janus lembra a imagem
De duas faces... — duplice e medonho!

Aqui, a gloria e o amor — o fructo iconho
D'almo idéal por sobre aurea voragem!
E quando, exhausto, ao cabo da romagem,
Foste tocal-o... em cinzas fez-se o sonho!

Ficou-te n'alma um odio corrosivo
Que altera o sangue ao coração maguado
E gera o carcinoma e gera a morte!

E de tanto penar, triste e afflictivo,
Que mais resta de ti, Murger do Norte?
— Quem vivera de amor se fora amado!

C.F., 23-11-1902.

SOBRE O TUMULO DE D. MARIA LEONOR LAMENHA LINS

EPITAPHIO

Morreu! Morreu! Da vida os tristes lumes
Um por um apagou — fatalidade!
Ergueu-se a rosa em ondas de perfumes,
E foi viver com Deus, na Eternidade!

Ao sorrir da manhã, creança ainda,
Banhou a fronte no jordão do prancto;
Sonhára a morte uma harmonia infinda,
Quiz aos hymnos do empyreu unir seu canto!

Alma divina em tremedal de horrores
Foi-lhe a vida cruel, triste a existencia;
Deus quiz têl-a no ceu: — pôl-a entre as flôres,
E ao sorrir do arrebol sugou-lhe a essencia!

Morreu! Não importa: a Eternidade a encerra!
Eras o anjo do lar — véla a orfandade!
E essa aurora que passou na terra
Vêde-a no ceu: — é a estrella da saudade!

31 de Agosto de 1867.

NA SEPULTURA DE ALBERTO SILVA

(INSCRIPÇÃO)

Esse que ahi 'stá, suavissimo poeta
Passou pela vida breve
De leve
Como lapilazulea borboleta
Sem manchar do paul a ponta d'aza inqueta
Na raia preta
Amou
Viveu, cantou morreu
Como nasceu
Em toda sua humana integridade
E a que pousou...
Não voou!
Alou-se e viva na immortalidade
De subjectiva perennal saudade.

Campo Santo de Maruhy — 2-XI-912. .

COELHO LISBOA

Este que vai, posteridade em fora,
Por mãos da mocidade que educára,
Envolto na bandeira que ajudára
A hastear, no 15 de Novembro, outr'ora.

Era uma alma de tempera hoje rara;
Um grande coração, lanceado embora
Exemplar patriota por quem chora
A Patria, a livre Patria que sonhára.

Morre, qual sóe morrer bom patriota:
Homem de bem, austeramente altivo,
Desprendido, pauperrimo, sem nota.

Ei-lo que vai segundo, redivivo,
Com um triumphador, a eterna rota...
Morto em vida, é agora um morto vivo!

A ROSALINA COELHO LISBÔA

AGLIBERTO THEMISTOCLES XAVIER,

Amor, ch'a cor gentil ratto s'apprende,
Prese costui della bella persona,
Che mi fu tolta, e il modo ancor m'offende.

DANTE — *L'Inferno* — Canto V.

De tanto amor, tantissima poesia,
Que punhas n'um destino venturoso,
Sonhando a vida intermina harmonia
No partilhado amor do amado esposo;

De tão bello idéal, tão puro gozo,
Que tú'alma, inda em flôr, florir soia:
Que mais te resta? — Um drama doloroso
Que te enluta a existencia, noite e dia!

Tudo se foi, mal despontando vinha!
E, do esposo, tão só, deixou-te a sorte
Viva saudade e posthuma filhinha,

Como ultima estrophe, heroica e forte,
D'esse poema de amor que, Hero escarninha,
Fechou, com chave d'oiro, abrupta morte...

COMO ALPHÊO MEYRELLES

No nefario exicio do joven correligionario medico
Agliberto Temistocles Xavier,
barbara, traiçoeira e talvez impunemente assassinado,
pelo Natal, na "Divina Pastora" de "Carangola", do
christianissimo e policiado Estado de Minas Geraes.

Ao seu digno, bondoso e venerando ancestral e meu antigo affeiçoado — o velho Feliciano Gomes Xavier.

Ao seu illustre, inditoso e amantissimo pae — o correligionario Agliberto Xavier, professor de Mathematica, Sociologia e Moral.

Ao seu eminente padrinho e meu affectuoso correligionario — o auto-immortalisado pintor e estatuario Eduardo de Sá — modestissimo typo de imitação sob o triplice aspeito da unidade humana ou religiosa: especifica, domestica e civica.

E aos jovens e futuros clinicos advenas, em busca de satisfatorio inicio para sua carreira profissional.

Miserando! Penaste a curta vida
Aprendendo a integrar a vida alheia;
E alheia mão, d'um tiro, humanecida,
Tira-te a vida, de esperanças cheia!

IMMORTALIDADE SUBJECTIVA

Não foi represa chamma que se ateia
E accende n'alma cólera homicida,
Varando um coração, que a affronta — e odeia:
— Bom, fazendo o bem, perdeste a vida!

E essa vida — que foi uma "constante"
Na planetaria variabilidade
Da equação do Destino, para a humana

Unidade, á luz solar meridiana,
Não era tua só nem da tua amante
Familia, — mas da Matria e da Humanidade.

Rio, 27 de Bichat (Broussais) 139-73.

NO THALAMO ESPONSALICIO DE UM MORTO

COMMEMORANDO O PRIMEIRO ANNIVERSARIO NATALICIO DO MEU INFORTUNADO E FRATERNAL AMIGO JUSTINIANO MARTINS MEYRELLES DEPOIS DE SUA TRANSFORMAÇÃO OBJECTIVA.

A' sua subjectiva e devotadissima noiva Eminente Senhorita *Laura Rodrigues.*

"Tambem foi o unico conforto que elle teve em vida: este noivado!"
Dr Virgilio Rodrigues, seu futuro sogro.

Terias mais um anno de existencia
Objectiva, si não fôras morto,
Miserando, cujo unico conforto
Foi ter noivado, antes da eterna ausencia!

Mas — destino cruel! — quanta inclemencia
Do sonho amado no fatal abôrto!
— Morrer... vendo sorrir-te a vida, absôrto!
Deixando viuva um anjo de innocencia!

IMMORTALIDADE SUBJECTIVA

Que dôr sem nome e travo na doçura
Do teu ultimo calix de amargura,
Na saudosa agonia do teu Hôrto

Do arrebol de uma ephemera ventura
Passar á escura e eterna sepultura,
Morto saudoso! Redivivo Morto!

Rio, Campo Santo de S. João Baptista em 10-VI-926.

SUBJECTIVO AMOR ETERNO

A' Eminente Senhorita Laura Rodrigues

No seu primeiro anniversario natalicio depois da transformação objectiva do seu amado e amantissimo noivo, meu fraternal amigo,

Justiniano Martins Meyrelles.

Isto é amor — e desse amor se vive!
Isto é amor — e desse amor se morre!

Gonçalves Dias.

Não se morre de amor nem de tristeza
Quando se ama com pura ingenuidade:
— O coração é um philtro em que a pureza
Desse amor amavia-se em saudade.

E o teu — primeiro amor da puberdade,
Em que, a amar, nos incita a natureza,
Foi, por teu morto amado, — alma belleza! —
Supremo apêgo e maternal bondade.

IMMORTALIDADE SUBJECTIVA

E, pois, viverá, subjectivamente,
Por toda a objectiva eternidade,
Com desvelos de Mãe por filho ausente,

Noiva de um morto, que, na flôr da idade,
Em vez do seu cadaver, inda quente,
Acalentas vivissima Saudade!

Rio . V-926.

A' DEUSA

NA TRANSFORMAÇÃO OBJECTIVA DO CORRELIGIONARIO E FRATERNAL AMIGO JUSTINIANO MARTINS MEYRELLES.

"Viver em outrem, de outrem e para outrem".
Maxima Positivista

Repousa em paz, Amigo verdadeiro:
Bom sincero, leal e devotado;
— Capaz de um sacrificio, a amigo inteiro:
E ser, por elle, até sacrificado!

Repousa em paz no thalamo sagrado
De nossa Mãe Commum, sob o Cruzeiro,
Jovem typo integrado do Brasileiro,
Por lenta evolução já transformado.

Cumpriste a lei biologica da vida:
— Morreste — quando tua integridade,
N'outra, anciavas ver reproduzida;

Mas, quem te conheceu na intimidade,
Ha de amar-te a memoria engrandecida
— E viverás, vivissima Saudade!

Campo Santo de S. J. Baptista — 11-III-926.

MOCIDADE MORTA

Ao affectuoso amigo Justiniano Meyrelles
Rememorando o tristissimo exicio de seu irmão Alpheo, no dia do seu anniversario natalicio.

Contempla e vê! — Pela ingreme e sinuosa
Via que afunda o berço em sepultura,
Vem descendo, em *bufera* luminosa,
A mocidade esperançada e pura.

Traz no olhar reflector — candida rosa
De luz — estrella d'alva que fulgura:
Sonhos de amor, lampejos de ventura,
Cantando e rindo, alegre e descuidosa.

Mas si, ensombrando as margens do caminho,
Transmonta o sol... — gravita a passo lento!
E eil-a, já triste, a deplorar baixinho

Essa luz, que esplendera um só momento...
— E se vesperisou no amplo cadinho
Da noite, até morrer no esquecimento!

ETERNIDADE SUBJECTIVA

NA TRANSFORMAÇÃO OBJECTIVA DE RITOCA MEYRELLES

Grinalda de saudade na sua sepultura.

A' sua mamãe Mariquinhas Meyrelles, seu irmão Nhônhô Meyrelles e seu esposo Manola Barbozinha.

"Viver em outrem, de outrem e para outrem."

Em lyrico delirio da ventura
De amar e ser amada, á omnipotencia,
Passou pelas arestas da existencia
Sem lacerar a vida austera e pura.

E' que, disciplinando a contingencia
Humana, alliada ao apêgo alma e ternura;
E, assim, tranziu da infancia á adolescencia,
Do berço ao genicêo e á sepultura!

Agora... eil-a que ascende á eterna idade.
— E, emquanto volve á "Nossa Mãe antiga",
Para uns, quanto lhe houvera de beldade...

E outros a vêem "fluir" na immensidade...
Eu a estou vendo, em minha mente amiga,
N'um halo immorredouro de saudade.

Rio, 24-II-924.

O TENENTE-CORONEL BENJAMIN CONSTANT

A' Brigada Academica

Armas em continencia ao Grande Heróe que passa
Moços! a alma da Patria ali revive altiva
N'aquelle coração que nunca a amou captiva
De um despota qualquer de quelquer classe ou raça.

Com Solón, elle vem da obscura populaça;
Da Mocidade illustre elle é a alma viva
Que não sabe recuar nem se manter passiva
Quando a Patria reclama o seu valor sem jaça.

Moços! Saudai o Heróe do Quinze de Novembro!
Foi elle quem movendo intrepida brigada
Fêl-a funcção normal do Sete de Setembro.

E ha de organisar a Patria á luz da sciencia;
— Que uma força social jámais é annullada,
Quando, contraria a acção, a excede em resistencia.

AERE PERENNIUS

No tumulo de Benjamin Constant

A Patria agradecida

Inscripção

"La pierre du tombeau est ton premier autel"
Elise Mercoeur.

Neste singelo tumulo sagrado
E' o coração da Patria Brasileira
Como Nióbe em pedra transformado
Solerte céo que é sideral bandeira.

Aqui repousa o Cidadão-Soldado
Que, votando á sciencia a vida inteira
Fez do Brasil o schema constellado
D'uma doutrina progressiva e ordeira.

Quando viu que chegara a derradeira
Desillusão fatal do sonho amado
A que o levara gente interesseira

Cesar — tombou no lábaro embuçado
Da devotada Patria Brasileira
— E aqui repousa; o que vive adorado!

EM ROMARIA AO TUMULO DE BENJAMIN CONSTANT

MONOLOGO DE UMA TESTEMUNHA PRESENCIAL DOS FACTOS

"O Governo Federal adquirirá para a Nação a casa em que falleceu o Dr. Benjamin Constant Botelho de Magalhães e nella mandará collocar uma lapide em homenagem a memoria do Grande Patriota — o FUNDADOR DA REPUBLICA".

Constituição da Republica, Art. 8, *Disposições transitorias.*

"Quos egi versiculos feci...
... Et alter tulit honores (?)

VIRGILIO — *Eneida.*

Em vão tenta adhesismo impenitente
E usurpador dizer que não fundaste
Este regimen, que nos preparaste
— Com Madureira e com Jardim sómente...

Não se falseia a Historia impunemente.
— Deodoro foi? — Mas foi... porque o arrastaste
De seu leito de dôr? — E commandaste
A força que depoz Don Pedro ausente?

Em Matto Grosso militar honesto,
Teve do Cubatão o altivo gesto...
Mas, onde foi jámais republicano?

Quem proclamou ás tropas foi Quintino
E Patrocinio ao povo... Atroz destino!
Que, pois, fundou? — Este adhesismo insano!

Campo Santo de São João Baptista, em 15-XI-913.

IN AETERNUM

NA TRANRFORMAÇÃO OBJECTIVA DE VENERANDA MATRONA BRASILEIRA D. MARIA JOAQUINA DA COSTA BOTELHO DE MAGALHÃES (VIUVA BENJAMIN CONSTANT)

Discreta Confidente da triumphante Inconfidencia Republicana de 1889

PARA A CERIMONIA SOCIOLATRICA DO CLUB MILITAR

Tu se' colei che l'umana natura
Nobilitasti sì, che' l suo Fattore
Non disdegnò di farsi sua fattura.
Nel ventre tuo si raccese l'amore,
Per lo cui caldo nell' eterna pace
Cosi é germinato questo fiore.

DANTE — Paradiso, XXXIII.

Quaes, pelo Amor, unidos sempre em vida,
Ligados pela Fé, vivem na morte!
— Salve, Varão sem pecha e Mulher forte,
Que honraes a humana especie redimida!

Quando, no lar e num só corpo, a sorte
Os conjugou — dupla alma enternecida —
Desdobraram-se em prole bem nascida
— E se amaram, amando-a, com transporte.

Mas, quando a Patria o amado esposo espósa
E, heroico, enférma em campo de batalha,
Eil-a que accorre a lhe salvar a vida

Para que, a 15 de Novembro, anciosa,
Nos désse esta bandeira... — por mortalha
Que a Patria ha de envolver, si fôr trahida!

Rio, 22-IV-133 — 16-4-921.

NO LANÇAMENTO DA PEDRA FUNDAMENTAL DA ESTATUA DE BENJAMIN CONSTANT

Como synthese veril d'altro civismo
Que ascendeu ao Idéal Republicano,
Eil-o o sabio, modesto e puritano
Que a Republica fundou sobre o altruismo.

E por ella luctou com Floriano
E por ella morreu com santo heroismo
Quando viu poluir-lhe um publicano
O altar da Patria com um fero egoismo.

Por isso elite de electricas gentes
O apontou como typo venerando
De imitação e exemplo a presidentes,

A casa em que viveu usufructuado
E estatua, fieis sêres convergentes
Aqui, onde a fundou, lhe estão fundando.

GOMES DE CASTRO

Commemorando o "14 de Julho de 1789", data da transformação do "Antigo-Regimen", com a tomada da Bastilha, em Paris.

E o "2 de Julho de 1823", data da nossa transformadora Independencia ethnographica e politica, na Bahia.

Com o "2 de Julho de 1927", data da transformação subjectiva do impeterrito e patriotico Cidadão soldado, n'esta capital.

Ao seu sincero e grato amigo, o grande pintor e estatuario Eduardo de Sá, e á mocidade das Escolas Civis e Militares do Brasil.

"Entraremos nós na liça,
Quando não mais fôrdes vós:
— Liberdade, alma cubiça,
Abre as azas sobre nós!"

Estrophe das creanças, addicionada por ANDRÉ CHENIER á "Marselheza" — Versão — GENERINO.

"E, si um, tão só, restar,
Como elle, ha de pregar".

VICTOR HUGO (Castigos) — Versão — applicada — GENERINO.

"Dizei, em tudo, a verdade
A quem, só ella, deveis".

TH. OTTONI — A Estátua Equestre.

De quantos, sem temor, hajam pregado
O regimen normal da Sociedade
Sem Deus nem Rei, — sómente baseado
Na Industria e pleno amor da Humanidade,

Como Silva Jardim, apparelhado
Com o "arsenal da Positividade",
Tú foste um camartello da verdade,
Derrocando as bastilhas do passado.

Muito erraste, com o vário entendimento,
Cuidando, cada vez, ter acertado
Com teu nato e impulsivo sentimento.

Mas, ainda por tal modo obnublado,
Sempre, fôste, de Comte, com talento,
Pregoeiro fiel, tenaz e ousado.

Rio, 3 de Dante, 139-73 — 2 de Julho de 1927.

NO CENTENARIO DO DUQUE DE CAXIAS

Dizei em tudo a verdade
A quem de todo a deveis.

— Th. Ottoni — *A Estatua Equestre.*

Porque trôam canhões, ruflam tambores
E bandas marciaes marcham dobrando
E toda a Armada e Exercito marchando,
Engalanados vão, armas com flores?

Ha cem annos, n'um berço de esplendores
Alferes já nasceu — e foi mandando
Aquelle que só teve, á estatua armando,
Armas para servir a Imperadores!

Tal foi o Duque de Caxias. — Sempre
Que a liberdade irride... pacifica
Com dinheiro ou com sangue... — e o Imperio empre!

Na Cisplatina e Paraguay... que horrores!
Triumpha... e a escravidão se nos radica!
Por que trôam canhões, ruflam tambores?

AO MARECHAL DEODORO

EM NOME DA PATRIA AGRADECIDA

General! desta gloria enorme que se eleva
Do — "Quinze de Novembro" — até o — "Cinco de
[Agosto" —,
Colhe o melhor laurel quem teve o maior posto
Na lucta terminal da luz vencendo a treva:

— Quem poz, com seu valor, o gladio sempre
[opposto
Ao odio, que, opprimindo, a tyrannia ceva
Contra o povo revolto, em reacção que leva
Ao throno imperial... morte, a morrer disposto.

Por isso a alma da Patria hoje se ergue ovante
Para saudar o heróe — libertador — o Atlante
Que nos hombros erguera um povo livre — em ti;

Em ti, que has de leval-o a salvo a seu destino,
Como o salvaste já do abutre bragantino,
Que jámais volverá á terra em que nasci.

NO PRESTITO CIVICO DE FLORIANO

Cidadãos! O Amor da Patria
E' sentimento intensivo
Que faz de um morto ente vivo
E faz que um vivo idolatre-a.

Cada anno — e ha dez! — n'este dia,
A' tumba do Grande Morto,
Vindes pedir um conforto,
Em social romaria.

E d'aqui, retemperados,
Voltais trazendo a certeza
De que sois todos soldados
Da Patria para a defeza.

Defendei-a! — Gloria eterna
E' verdes aqui, n'este horto,
Que um vivo não nos governa
— E nos governa este Morto.

SUPREMA IRONIA

Ao "Marechal de Ferro" a Patria Brasileira

No Campo Santo de São João Baptista.

Marechal, eil-a aqui — hoje é o teu dia!
— Hoje é o dia da Patria Brasileira,
Que salvaste da sanha mashorqueira
De hermaphrodita e perfida anarchia!

No entanto, Marechal... Mas, quem diria
Que esta baleadissima bandeira
Que te envolve, envolvesse a mão traiçoeira
Que a baleou, em prol da monarchia!

E' que o culto da Patria... agora é *seita!*
E, quanto mais este paiz se alarga,
Tanto o senso moral mais se lhe estreita!

A bandeira... "A bandeira cobre a carga"!
E a carga... é um contrabando que se ageita!
— E tú... és morto! — Que ironia amarga!

Rio, 29-VI-08.

AO MARECHAL DE FERRO

PRO VITA CIVIUM INDEFENSA REPUBLICA

Jurei salvar a Republica, ou com ella morrer, amortalhado no seu pavilhão.

O MARECHAL DE FERRO.

Marechal! Do cataleptico somno
A que chumbaste o teu querer de ferro,
Contempla este painel que te descerro:
— Jaz o teu gladio ainda em abandono!

"Ao mais digno!" — tal é o austero entono
Do alto pregão da Patria. E, si não erro...
Da commum valla vivos desenterro:
— Ninguem que possa ser seu digno dono!

E a Patria afflicta geme... — que uns roedores
Jogam-lhe, ao dado, a tunica, em poema,
Por vis e invios desvãos de corredores...

Almoedam-n'a, a réis, na orgia extrema!
— Vem Tú varrer da Patria os mercadores,
Tú, que és, com elle, a salvação suprema!

Rio, 30-IV-924.

JOÃO CAETANO

(RECORDANDO O "JULIUS CESAR" DE SHAKESPEARE)

A' memoria do grande tragico brasileiro

"Tu quoque, Brute!"

Trajando o alto cothurno e a tunica romana,
A' fronte — inda virente — a laurea da victoria,
Eil-o que assoma e desce o eterno palco — a Historia —,
Frechando em torno o olhar á plebe soberana.

Vai fallar... "Diz que a Patria é a terra onde a
[alma humana
Amou e desse amor perdura-lhe a memoria;
Onde se soffre, amando, e morre-se com gloria..."
Vai dizer... Mas, do peito, o sangue lhe espadana...

Treme-lhe a voz... descora... e um largo gesto
[ancioso
Retalha mudamente o encapellado oceano
Da paixão, que lhe rompe em fremito assombroso...

E, ao ver o filho amado apunhalal-o insano,
"Avè, Cesar!" bradando... irrompe desdenhoso:
— "E's tú, Bruto?!"... E esbateu-se em sombras João
[Caetano!

NERONE

(Impressão emanuelina)

Sob o manto do Imperio, onde, em falerno,
Ebrio, delira um coração de hyena,
Régio — histrião que á morte se condemna,
E, mais que á morte, a opprobio sempiterno,

Nero sente do tedio o intimo inferno
E abrasa Roma, e lucta sobre a arena,
Canta ao triclinio e esculpe Anadiomena,
Emquanto arde sinistro o incendio eterno.

O megalomaniaco farçante
Desce ao circo, onde um povo moribundo
Acclama... Galba — o Cezar triumphante.

E morre de pavor — rafeiro immundo —,
Ganindo á fria lamina cortante:
"Que grande artista vai perder o mundo!"

(103-1891).

MEDALHA ANTIGA

(A Emanuel Lacaille)

Era bronzea medalha antiga, onde, em relevo,
Gravara mão de artista o busto laureado
De Augusto — o Imperador Romano — idealisado.
— Numismatico numo! ourovesario enlevo!

Mas já gasto e oxydado. Archeologo coevo
Talvez do Colyseu, onde a houvesse encontrado,
Fizera-a introduzir no artistico mercado.
E vale oiro. E o que vale... eu nem dizer me atrevo.

E' que o tempo, ideal banqueiro do futuro,
Que devora milhões como soterra imperios,
Do capital humano augmenta sempre o juro.

E, si o metal oxyda e gasta, entre os mais serios
Damnos, valorisa o que ha de são ou impuro:
Dos Augustos a effigie ou a effigie dos Tiberios!

(103-1891).

JOÃO DE BARROS

Sabio chronista, narrador zeloso
Da vida e feitos da marinha gente,
Mas cuja gloria fulge tão sómente
Sob a poeira de in-folio volumoso.

Se não illuminaste o tenebroso
Mar com teu genio, austero e paciente,
Salvaste de um olvido impenitente
Quanto fel-o poetico e assombroso.

Certo, não passam "Decadas" de fundo
D'uma epopeia em qu'Strabãos e Venus
Ao mundo antigo abrem novo mundo

Mas inda assim, entre os clarões bizarros
Do estylo em que Camões cantou professos
Ha luz de mais para que brilhe um Barros.

110-1898.

O ULTIMO ABENCERRAGEM

No subito e dolorosissimo trespasse de Sampaio Ferraz

Palavras sinceras junto á sua sepultura.

"A velha guarda se não rende morre!"

Dos que no ardor da isenta mocidade,
Tendo n'alma o idéal republicano,
Contra o ultimo Imperio Americano
Luctaram com talento e actividade;

Foste quem, com leal sinceridade,
Verbal calor, coragem de spartano,
Mais exalçou, pregando a liberdade,
Da "Velha Guarda" o esforço puritano.

E devorou-te esse idéal sublime,
Que buscaste encarnar em quanto occorre...
E te foi como que o styma de um crime!

Já para o exicio, abastardado, corre...
— Em paz! Liberto estás da mão que o opprime:
"A "Velha Guarda" se não rende... morre!

ESTEVES JUNIOR

COMPARECENDO VIRTUALMENTE Á PRIMEIRA SOLEMNIDADE SOCIOLATRICA, GLORIFICADORA DO INEXCEDIVEL DEMOCRATA, PATRIOTA, ABOLICIONISTA E ESFORÇADISSIMO PROPAGANDISTA E PROCERE DA REPUBLICA.

"Vir, probus ubique"
HORATIO

Não! Tú não passarás como lendaria
Sombra a esbater-se, emfim, no esquecimento!
Tú que, si não foste o alto pensamento,
Foste a acção, na Republica embryonaria.

Quem te viu rechaçar, firme, a nefaria
"Guarda-negra", por seu proximo adoento,
Junto a Jardim, com brio e valimento,
Ha de honrar-te a memoria legendaria.

E mais — bom, franco, altruista e prestimoso,
Tú foste o "Dispensario" do inditoso;
O "Banco Popular" ao povo attento:

— Um Benjamin Constant, de feição varia...
Oh! Não! Não passarás como lendaria
Sombra a esbater-se, emfim, no esquecimento!

Rio, 21-III-926.

NA MORTE E SAHIMENTO DE PATROCINIO

O Corypheo do Abolicionismo e Proclamador da Republica no Brasil.

Em saudosa e compassiva memoria de Luiz Gama, Ferreira de Menezes e Rangel de S. Paio.

Sine ira aut studio.
Tacito.

I

Tú, que fôras Toussaint, á tua raça,
Pelo talento e pelo coração,
Negro diamante, limpido e sem jaça,
Si o caracter polira a educação;

Mas, inda assim, valeste-a na desgraça
De fratrecida e torpe escravidão,
Vibrando o verbo que, inflammado, passa
E arrasta para o bem a multidão:

De mais sobreviveste á tua gloria.
— Para que teu renome, sem senão,
Passasse ás bronzeas paginas da Historia,

Deveras ter morrido, alegre e são,
Cingindo á fronte a laurea da victoria,
No dia em que se fez a "Abolição".

II

E vais, pela *onda negra* conduzido
No teu esquife, eterna idade em fóra,
Como um Sant'Elmo — apenas reflectido
Por collectiva lagrima que chora.

Como que, em torno a ti, se grupa agora
O que a *raça affectiva* ha produzido
(Teu crepusculo é como tua aurora)
De humanamente angelico e sentido!

E vais *fluctuando*, ao tom da onda sonora...
Ultimo Abencerragem de uma raça
Que mourejou comtigo e hoje te enflora!

Mas quem póde dizer que *populaça*
Moveras, si, como Toussaint outr'ora,
Tú libertaras todo um povo em massa?!...

REMEMBRANZA

Vós que fostes, como elle, os pioneiros
Dessa "Floresta-Negra" — a escravidão —
Onde quasi um milhão de brasileiros
Gemeram na mais funda escuridão;
Na subjectiva estancia, em que loureiros
Vingam para os Heróes da Abolição,
Laureai-o, laureados companheiros:
Si errou-lhe a mente, absolve-o o coração.

ESTATUARIO D'ALMAS

A Annbal Falcão

Na ultima pagina de um poema cyclico complementar
que não ha de morrer quando fôr digno e merecidamente conhecido e julgado pelas gerações vindouras.

Animico estatuario que affeiçôa
Argilla para um bronze incorruptivel,
Dutil, materia plastica e sensivel,
Fez de tu'alma alguma coisa boa.

Puz, no teu coração, que não destôa
Do meu, toda a paixão incoersivel
Do bem; puz, no teu cerebro factivel,
A scentelha do genio; e disse: Vôa!

Voaste... E — Promethêo já libertado —
Revelei-te a sciencia — mundo abstracto —
Pela arte — concreta luz — representado.

Si brilhas, Sol! tú brilhas com meu brilho!
E's subjectivamente o meu retrato:
— E no entanto, immortal! não és filho!

EM POST-FACTUM A "NOMADES" E "SEDENTARIOS"

CUMPRINDO UM VOTO DE ALBERTO SILVA

Meu doce Alberto, nas dobras de um caminho
Te encontrei, meigo passaro, gorgeando
Brandos versos de amor que iam voando
Como edredon de immaculado arminho.

Rescendiam ainda ao rosmaninho
Com que, de rama em rama bandeando,
Em busca do teu par, gemendo e amando,
Ias tecendo teu sedoso ninho.

Achaste-o, emfim. E, emquanto desdobravas
Teu sêr — n'outro tú mesmo — em teu filhinho,
Mais e mais teu plumario emplumaravas!

Emfeixaste-o num poema e este livrinho
E, quando para a estampa os lapidavas,
Morreste como morre um passarinho.

NA MORTE DE LUIZ DELFINO

Este que passa, atravessou cantando
Setent'annos de sonhos e de amores
Que o ennervaram como certas flores
Cujo cheiro desvaira intoxicando.

Ora em lyrismo delirante ou brando,
Ora em ruidoso alardo de condores,
Entre quédas e vôos compensadores
Setent'annos viveu, morreu cantando.

Morreu, com elle, em verso, o romantismo
Que se não adaptou ao molde estreito
Da fórma — ao ouco e vão parnasianismo!

E talvez o seu unico defeito
Tenha sido... o seu evolucionismo:
— Ter-se em Parnasiano contrafeito!

Rio, 1-II-910.

ANTIGOS CONHECIMENTOS

A Luiz Dolzani — o poeta do "Cacáoalista"

Hontem fui ver o mar, o verde mar antigo,
Que ha muito já não via e acheio-o tão picado
Que puz-me a reflectir, tristonho e amargurado,
Na magua colossal d'aquelle seio amigo

Porque gemes assim, ó mar, ao desabrigo,
Doudamente agitando o dorso bronzeado?
Saudades de outro céo, lembranças do passado?
De algum terreno amor celestial castigo?

Não sei! mas quando o sol vibrou sobre os teus
[flancos
Estyletes de luz com grandes risos francos
Ergueste para o céo enorme imprecação...

E o céo azul, banal, sorria aos teus lamentos!
Andaram-te a agitar contrarios sentimentos,
O' mar? — Faz como eu suffoca o coração.

Santos, Agosto, 1877.

A' ULTIMA CIGARRA ANACRÉONTICA DA ABOLIÇÃO

A' NOTICIA DA MORTE DE JOSÉ BONIFACIO — O MOÇO

São Paulo, 26-X-1886. Falleceu José Bonifacio ás 2 h. 7 m. da madrugada.

BRASILIO MACHADO.

Calou-se, emfim, aquella voz divina
Que vibrava em teu nome, ó Liberdade!
— Solemne, como voz de tempestade,
E arguta, como raio que fulmina.

Quando a Imperial palúde bysantina,
Em preamar negreiro a Patria invade
Lama ou sangue esvurmando... a austeridade
Daquella voz não mais a recrimina.

A' ultima cigarra impertinente
Do altruistico dever, da Styge em meio,
Estalou a cantar o sol nascente...

Tardio sol de amor qu'inda não veio
Remir a negra e dolorida gente...
— Não n'o lastimo, Patria! — Eu te pranteio.

Commemorando, 40 annos depois, o seu primeiro centenario natalicio.

A' Patria Brasileira e á Mocidade Academica de São Paulo. Não fez a nossa Independencia Politica, porque — como disse Lagrange da gloria de Newton — só uma havia a fazer, — e essa, fêl-a o Immortal Estadista, seu tio-avô, José Bonifacio — o velho; mas, com sua eloquente, persuasiva e fulgurante palavra, dictada a Luiz Gama para a Imprensa ou "cantada" no parlamento, foi talvez o maior dos factores metaphysicos da Lei que, em 13 de Maio de 88, segundo a fórmula Ferreira Vianna, declarou extincta a escravidão no Brasil.

Rio, 4 de Frederico (A Politica Moderna, Isabel de Castella) de 139-73. — 8-X-927.

LIVRO QUINTO:

Marmores e bronzes

O INFANTE D. HENRIQUE

Santo, tres vezes santo, o Varão forte,
Simples de coração, d'alma singelo,
Cujo piedoso genio — um set-'estrello —
Do Tenebroso — Mar desvenda o norte.

Cavalheiro e donzel de Egregio porte,
Que poz no — bemfazer — a sciencia e o anhelo,
Soube a Fé condensar no Patrio zelo,
Guiando cosmographica cohorte.

Eil-os todos na faina estudiosa
De ver dobrado o Bojador, com a fama,
De que, ao Mar, secca tromba luminosa.

E... humano milagre dos milagres!
Fez, de Gilianes, precursor do Gama;
De Calecut, fez succursal de Sagres!

110-1898.

DIAS

Como quem segue o Dante pelo Inferno,
Purgando o afan de ver o Paraizo,
O indico el-dorado, algo, indeciso,
Proseguiste, affrontando o fogo eterno.

Levavas n'alma o ninho teu paterno
Que ora anciava em pranto ora em sorriso,
Seguindo o ardente e audacioso friso
Que deixavas cortando o indico inferno.

Subito, o mar te empolga a rôta vela
Que estilhaça, indo além do promontorio
Que, de espanto, só vês, finda a procella.

"E' tú, maldito lobo Tormentorio?"
— Eu sou, que alma esperança te revela.
Disse. — E, dizendo-o, a bocca era amarella"!

110-1898.

GILIANES

Como templario que á immortal cruzada
Parte levando n'alma a isenta dama,
— Essa, por quem de puro amor se inflamma,
Mais que todas donosa — a Patria amada;

E, fiando a existencia attribulada
Da toledana que o valor lhe acclama,
Jura voltar triumphante a quem n'o ama,
Ou nunca mais volver, vendo-a ultrajada:

Assim partiste; assim, nobre escudeiro
Juraste ao Infante — e honraste a fé jurada —
Tratar o Adamastor como a conteiro!

— Foste; viste; venceste! — E, alviçareiro,
Volveste, dando ó alma atormentada,
Novas do "Tormentorio" ao mundo inteiro.

110-1898.

LEONOR DE SEPÚLVEDA

Alma bella e gentil e ingenua e pura,
"De quem vergonha é natural reparo".
De rarissima flôr fructo mais raro,
Em quem pudor realça a formosura!

Que amarissima pena a que tortura
Te não custara a scena attribulada
Em que, d'austeras vestes despojada,
Emergeste... um milagre de escúlptura!

Sob o manto real dos teus cabellos
Soterrada, velaste, até á cintura,
Teus encantos, talvez inda mais bellos

Com a côr que o pejo natural lhes ponha...
E, assim cavando a propria sepultura,
Succumbiste de dôr e de vergonha.

LITTERATURA BRASILEIRA

DOIS SONETOS INEDITOS DE GENERINO DOS SANTOS

MARIANNA ALCOFORADO E CAMILLO

Devido ao favor do nosso amigo, o distincto escriptor sr. Fidelino de Figueiredo, vieram ao nosso conhecimento varios sonetos ineditos do Sr. Generino dos Santos, sobre os seguintes assumptos: *Soror Marianna, Camões, Gil Vicente, Padre Antonio Vieira, Bocage, De Menina e Moça a Bernardim Ribeiro, Filipa de Vilhena, A' noticia da morte de Camillo, Ave, Portugal!* (á noticia de sua intervenção na Grande Guerra) e *Descoberta do Brasil.*

Para tornar conhecido, em Portugal, este amavel poeta de além-mar, escolhemos dois daquelles sonetos: o que tem por assumpto a amorosa freira de Beja, que já inspirou os poetas Luiz Osorio, Fernandes Costa, Lopes Vieira, Julio Brandão, Patrocinio Ribeiro e os dramaturgos Julio Rantas, Ruy Chianca, Valeriano de Campos, nosso amigo e camarada e o que celebra a morte do grande romancista.

O primeiro soneto vem indicado pelo sr. Fidelino de Figueiredo no 2.º vol. da *Historia da Litteratura Classica,* a quem, pelo autor, foi offerecido na noite em que, no Rio de Janeiro, recitou a sua conferencia sobre Soror Marianna, em 1920.

HENRIQUE DE CAMPOS FERREIRA LIMA.

SOROR MARIANNA

(A Freira Portugueza)
1640-1690-1723

Ao sr. Fidelino de Figueiredo, o estudioso investigador e erudito historiographo das bellas coisas de Portugal.

Quanto do seu amor ela escrevera com lagrimas de sangue.

No pristino cenobio donde espiava
Por gelosia escusa, para o mundo,
Viu Saint — gazetear jocundo
Na pompa militar que o engalanava

E amou-o... Como a Deus sómente amava
Seu êrmo coração de amor fecundo,
Que o divino em humano assim mudava,
— E ardeu nesse inconcesso amor, bem fundo...

Que o diga o vário drama angustioso
Dessa irreal paixão que a ensandecera
Pondo na dôr extrema o extremo goso!

Pois de quanto ella amara e padecera,
Só resta agora um nome glorioso,
Firmado pelas "Cartas" que escrevera.

A' NOTICIA DA MORTE DE CAMILO

NA ULTIMA PAGINA DO "CANCIONEIRO ALEGRE"

"Opera omnia"

Peninsular poligrapho sublime
Que floreaste a lingua portugueza,
Esgrimindo-a com arte e com destreza
Contra o teu tempo, revidando um crime

Toda a tu'obra, condensando-a, exprime
Crua revolta contra a natureza
Que te fez forte victima indefesa
De um destino fatal que inda te opprime!

E "Amor de Perdição", em que se abraza
"Luz coada por ferros", lembra á mente
O stigma cruel de um ferro em braza...

Mas, que não foras tú, si, mais clemente,
Te estendesse o destino a ponta d'aza
De um anjo que te amasse dignamente!

IN MORTE DI GIOSUE CARDUCCI

L'ULTIMO POETA DELL'IRRIDENTA ITALIA

Giaceva ancor nell'immortal memoria
L'eterna lira di Virgilio e Dante:
— Lira greco-romana altisonante —
Dove il Genio cantó l'umana istoria.

Quivi il Tasso cantó l'alta vittoria
Dei Crociati e la Chiesa militante;
Manzoni, "Il Cinque Maggio" e rime tante;
Cantó Leopardi libertaria gloria.

Ma la prendesti un giorno: — E l'alma umana,
Coll'irridenta Italia triomphante,
Udi l' "Inno bárbaro a Satana".

E dopo aver tradotto, per l'avante,
Il "Secolare Carmen"... s'allontana
Da noi la lira di Virgilio e Dante.

Rio, 07.

A' NOTICIA DA MORTE DE VICTOR HUGO

O seculo, que o viu nascer, com elle morre.
A aguia de Geurnesey, fictando o sol no occaso,
Obumbrou-se no espaço! — E' este o estranho caso,
Que d'astro em astro vai, de bocca em bocca corre.

Ha de volver talvez dos mundos que percorre
Agora com seu nome — ave do Chimborazo —
Numa eterna espiral de estrellas, donde, acaso,
De seu olhar sem luz mais luz ao mundo jorre!

Que tudo quanto a Arte havia de mais bello
E sublime, no céo da ardente phantasia
Em su'obra enfeichou como num sete estrello

Donde elle — humano sol — transluz toda a poesia
Que a alma humana arrancou, amando-a com desvello,
A natureza mãe, que nelle um genio havia.

GUSTAVE DORÉ

Desenhador de coisas assombrosas
Que lembras Buonarotti e lembras Goya,
Hogarth e Gavarni, na paranoia
De um Genio que illumina nebulosas

Da ponta de teu lapis saltam rosas
Vivas, como os trasflores de uma joia
De Celineo buril, que jámais *boia,*
E creações humanas portentosas.

E fazes tudo isso a claro-escuro
E agua-forte, de um traço, audaz, mordente,
Intencional, bizarro, amplo e seguro!

E o Inferno e a Biblia e D. Quixote, a frente,
Tudo o que fica e vai para o futuro,
Doré, vive em tu'obra eternamente!

L.G. — Rio, 17--VII-912.

GAVARNI

Quando te entro o alegre pandemonio
Em que se estorse a grande besta humana
A' dôr da tua *vis* rabelaiseana...
— Do teu *curare,* ophidico demonio.

Cuido que me raconta, a Suetonio
A decadencia imperial romana,
Voz d'Offenbach... e o riso me espadana:
— Temo, ao sahir de Roma, ouvir Petronio.

E o nativo pudor da dignidade
Humana se me insurge e quasi entangue
— Doe-me a reflexa dôr d'essa carnivora

Besta que, na tua obra, é a Sociedade.
— De cada traço escorre-lhe uma vibora
E, com ella, uma lagrima de sangue.

L.G. — Rio, 17-VII-912.

NA MORTE DE IBSEN

O SHAKESPEARE SCANDINAVO

Ao seu divulgador latino Conde de Prozor

Morto! — Inda me sinto soterrado
D' "Espectros" á mole esmagadora...
Pungem-me, em "Casa de Boneca", Nora...
De "Hedda Gabler" o *Flirt* desvairado...

Em "Brand" e "Peer", meu sêr polarisado
— Pomba de Budha — um gavião devora...
Com "Catilina" e "O Pretendente", agora
Blue-dewils vibram-lhe o electrico teclado...

Toda a gamma idéal que erige um templo
A' loucura, que ascende e — horrido abôrto! —
Rue, paralysando — um vivo exemplo

Do que o genio produz, abstracto e absôrto —
Em symbolica synthese, contemplo
Em "Solness"... e morreu... Solness é morto!

Rio, 06.

A AGUIA DO NEVA

NA MORTE DE LEON TOLSTOI

Era uma aguia real d'aza irridenta,
Que amava, mais que a vida, a liberdade,
De amor faminta, de ideal sedenta,
Para quem era a Russia a Humanidade.

Desde os Uráes ao Cáucaso, inda a ambienta
A "Sonata de Kreützer", que invade
A alma latina e em maldições rebenta
Contra quem lhe vergasta a dignidade.

Foi seu primeiro brado libertario.
Depois, tanto bradou, que, solitario,
Arruiu... desvairou-o a immensidade.

A luz do sol tornou-se-lhe odienta!
Quiz immergir n'um claustro a aza irridenta...
— E mergulhou na treva — a eternidade!

Rio, 19-XI-910.

A' HEREDIA

DANS LE MONUMENT QUI LUI VA DRESSER L'ACADÉMIE FRANÇAISE.

Sonnet en concours

"Ad Immortalitatem"

Foi, dont le talent poétique
A sû dompter la rime d'or,
Pour mettre un sujet synthétique
Dans un sonnet, comme un trésor;

Elégant sonnet esthétique
— "Fleur de luxe et de décor" —
Où l'idée, abeille hymétique,
Vient poser et... s'en va dehors:

Maitre! Chaqu'un de tes poémes
— Perles monteés en diadémes
Dûs à ta genialité,

Est une cage en philigrane,
Où tu as gardé, diaphane,
Ton Art — ton Immortalité.

Le 6-III-926.

A SADI CARNOT

ELEITO PRESIDENTE DA REPUBLICA FRANCEZA

"Fluctuat nec mergitur".
Divisa de Paris.

Tú que descendes do immortal guerreiro,
Sabio, estadista e poeta, que a victoria
Organisou, enchendo toda a historia
Da Grande Crise com seu nome inteiro

Gaulez de raça, altivo e justiceiro,
Que, dominando a Convenção e a Gloria
Fez da Republica arma e trajectoria
Para affirmar a França ante o estrangeiro.

Sadi Carnot! — Milagre do atavismo!
Hoje colhes a flôr que o patriotismo
Por sangue e mão do grande heróe plantou.

— Que sobre a Europa triumphante assome!
Defende a honra e o brilho do seu nome,
Que é teu nome tambem: *Salut, Carnot!*

Rio, 4-XII-1887.

FOR EVER, LINDBERGH AND CHAMBERLEIN

Sobre a vaga do Atlantico strimmado,
Aguias de Richmond pairam levando,
Num só directo vôo, suave e brando,
O americano pavilhão listado.

Lindbergh a Paris vai, como quando
Pershing a La Fayette foi levado;
E, a Berlim, Chamberlein, ver onde, actuando,
Foi por elles o kaiser derrotado.

Levam, agora, a paz em vez da guerra;
E, circulando industrialmente a Terra,
Conquistam para a Terra ignotos céos.

For ever, Chamberlein e Lindbergh!
— A Humanidade ao seu altar vos ergue
E rende o culto que renderia a um Deus!

Rio, 9-VI-927.

A GEORGES CLEMENCEAU

SUPREMO LIEDER FRANCEZ E PRESIDENTE DA CONFERENCIA DA PAZ

A' proposito da Alsacia-Lorena, da fronteira rhenana e demais despojos da victoria.

"Tigre"! A vista da França está vingada!
Impoluta, a vestal greco-romana
Inda almenára a liberdade humana:
— Desmembra-se a Allemanha anarchisada!

E foi tua energia, transformada
Em vingadora e invicta toledana,
Quem, com Joffre, o abateu, com Foch a insana:
— Rola inda o Marne a vasa ensanguentada...

E, que receias tú, si, além do Rheno,
Jámais o gladio pezará de um Brenno?
— A Liga é, das Nações, paiz fronteiro.

Tem na Alsacia-Lorena a integridade:
Que mais lhe falta? A França é a Humanidade:
— Por Belgica, ha de ter o mundo inteiro.

A Mme. LUCIE DREYFUS

HEROICAMENTE DIGNA EM SEU INENARRAVEL MARTYRIO

Em nome de uma sua émula brasileira.

Rosario, 10. "Ha vinte seculos de distancia, o mundo repete, saudando-vos: Mater Dolorosa". TELEGRAMMA.

Pudor inde et miseratio

TACITO.

Se existe um coração tão mal dotado
Que do teu infortunio se não dôa,
— Dessa indizivel dôr que, si o atordôa,
Rompe o equilibrio a cerebro assisado,

Esse, humano não é: — que, inda ultrajado,
Humano coração, que ama e perdôa,
A toda alheia magua se affeiçôa;
— Tem compaixão — siquer! — de um desgraçado.

Mas nobre coração que se devota,
Sublime como o teu, ao objecto amado,
Soffre comtigo, — em ti á dôr se vota.

— Ha muito coração, triste e maguado,
Hécuba humilde! Andrómaca sem nota!
Que comprehenda o teu despedaçado...

111-1899.

A' Mme. LUCIE DREYFUS

E si di voi alcun nel mondo riede,
Conforte la memoria mia, che giace
Ancor del colpo che invidia le dieste.

DANTE — L'Inferno, XII-96-99.

Isto é amor, e desse amor se vive!
Isto é amor, e desse amor se morre!

GONÇALVES DIAS.

Amar e ser amada; arder no apêgo
Desse amor que sublima o sentimento;
Servil-o, em tudo, e a seu contentamento,
Por bem guial-o, porque o amor é cego;

Fazer de quem nos ama almo alter-ego
E submetter-se, com devotamento,
Ao seu mais entranhado pensamento,
Para imperar-lhe o bem, dando socego:

Providencia moral, eis teu destino.
Mas amar e votar-se ao sacrificio,
A' dôr, ao pranto, ao opprobio, ao rir ferino,

A' viuvez, ao luto, a atroz flagicio,
Para salvar-lhe a honra, si é divino,
Isso fizeste — e eis teu epinicio.

111-1899.

AL LEON DI CAPRERA

NEL PRIMO CENTENARIO DELLA SUA SUGGETTIVA ETÁ

Il Brasile riconoscente

"Ci siamo, ci resteremo!"
"Roma o Morte!"

MOTTI DI GARIBALDI.

Condottiere immortal, a cui il "Pampa"
Scuola è stato d'amor e libertá,
Per ascendere all'immortalitá
Che nel tuo viso secolar si stampa!

È non mai la tua gloria, che ne svampa,
D'ogni Italia aver fatto l'unitá,
Scacciando lo stranier della cittá
Che tanto amasti — poco più che 'l"Pampa".

— Ma d'aver posto il gran problema umano
Della scission di quei poteri, in somma,
Che, come anima e corpo, insieme vanno.

Ecco perchè, Leon di fulva chioma,
Piú ch'immortal, sei l'unico "Romano"
Per cui Roma è Amor, Amor fù Roma!

Rio, 4-VII-07.

TOGO

COMMEMORANDO O ENGARRAFAMENTO DE PORT-ARTHUR

"Meus filhos — trato-vos assim, ouvindo a linguagem carinhosa do coração. Sabeis que não tenho filhos. Si os tivesse, oh! elles estariam comvosco e, si não podessem estar, vos ficariam invejando, porque sois os predilectos da gloria, os voluntarios da honra de morrer pelo Japão — Salve! Quizera brindar-vos no momento da despedida com o vinho mais generoso do mundo; mas prefiro esta agua crystalina, pura como o sentimento que vos anima, branca como o vosso heroismo que será perfeitamente cantado nas estrophes da epopeia patria. Adeus para sempre, valentes marinheiros do Mikado, flores humanas da intrepidez, nascidas no Imperio do sol nascente, na terra perfumada e alegre dos crysantemos e das cerejeiras. Que Deus vos abençoae e vos remunere; ide para os vossos navios, ide para os vossos tumulos."

ALMIRANTE TOGO, aos marinheiros que iam engarrafar a esquadra russa em Port-Arthur.

Shakespeare Nippão! Nippão sublime!
Emquanto houver um ecco de Tsu Shima
Que te repita o nome, a humana estima
O exalçará — que olvidal-o fôra um crime!

E' que teu nome synthetisa e exprime
Quanto pode a alma humana sem que opprima
Desde o ardor marcial, que em ti collima,
A' magnanimidade, que redime!

De Trafalgar ou Riachuelo ou Cuba
Que vale a gloria, si enche todo o Oriente
Do teu canhão a sonorosa tuba?

Que o tzarismo era ao sopro ardente
Que as muralhas de Muckdden derruba...
— Togo! Tú serás — Togo! — eternamente!

Rio, 1905.

AO GENERAL CRONGE

PRISIONEIRO EM SANTA HELENA

Por occasião de se lhe deferir uma espada de honra

Em nome da Mocidade Franceza na pessôa do Presidente Cruger.

"No me saques sin razon,
No me envaines sin honor!"

Divisa de Toledo.

Esta heraldica e audaciosa toledana,
Em que um Boer suffoca anglo-leopardo,
E' bem a espada qu'entregou Bayardo
Ao mais dino entre heróes da raça ariana.

Mais que a força, que o brilho algo lhe empana
Symbolisa a Justiça, em marcio alardo,
Como flammineo e incoercivel dardo,
Velando ao pé da integridade humana.

Não has de cingil-a Tú, que a levantaste,
Temperando-a no sangue e á ardente gloria
De quatro mil heróes que eternisaste.

Mas tambem, tanto pesa na victoria,
Que ninguem a erguerá donde a deixaste:
— Sobre quarenta mil... bretões! — na Historia.

112-1900.

A MORTE DE CASTAGNETTO

E', pois, certo adoravel Castagnetto,
Que se morre de fome e de miseria
Aqui, onde a arte, independente e seria,
E', como a lepra, hediondo mal secreto!

No entanto — camara optica siderea! —
Quem, como tú, do mar, glauco e irrequieto,
No sangue, na retina e no intellecto,
Teve o sentir e a perspectiva aerea?

Quem, como tú, a golpes de talento
Toda a gamma espectral da onda quebrada
Poz na téla com mais atrevimento?

E morres como um cão sobre a sargeta
Sem ter ao menos a alva espumarada
Do mar que ulula a chorar o seu Poeta!

113-1901.

PEREGRINA

No centenario natalicio de Maciel Monteiro

A' Academia Pernambucana de Lettras por obsequiosa galanteria de Francisca Izidora.

> Mulher celeste, ó Anjo de primores
> Quem póde ver-te, sem querer amar-te;
> Quem póde amar-te, sem morrer de amores!
>
> Maciel Monteiro.

Ella foi-se! — E com Ella... Elle, que a amára,
N'aza ideal do verso triumphante,
Que, ufano do alto genio que o inspirára,
Não mais se nos volveu do azul distante!

Foi-se para a região onde sonhára
Eterno... o amor que dura um só instante!
— E nunca mais poeta, que cantára,
Nos fez ouvir um verso tão cantante!

Mas eis que volve a "Musa Peregrina"
Que ha cem annos, murmura ao mundo inteiro:
— "Formosa, qual pincel em téla fina

Debuchar jámais pôde...", em tom faceiro! —
E, faceirando, ainda nos fascina
Com seu nome immortal — Maciel Monteiro.

ENDEREÇO

Senhora, vós que sois da sua raça
Pelo sangue do vosso pensamento,
Dizei-lhe que só vale o sentimento
Que estes versos dictou — E a vossa graça.

Rio, 30-IX-902.

A MACIEL MONTEIRO

No seu primeiro centenario natalicio

Com subscripto a Regueira Costa.

> Eu, que a Brisa acalmar tentava, insano,
> Com meus suspiros alentava a Brisa!
>
> Maciel Monteiro.

Onde foste buscar a enamorada
Rima que canta em verso que suspira,
Com que ás cordas geniaes da tua lyra
Encadeiaste o amor de Annunciada?

Ha no teu canto a lyrica abrazada
D'um menestrel que, á tiorba, a voz desfira
Sob o balcão da castellã que o vira,
Entre medrosa e entre apaixonada...

Mas tambem, nos heraldicos trasflores
Do teu fidalgo estylo, se adivinha
Todos os teus meridionaes ardores:

A chamma sensual, que em ti se aninha
E rompe em versos, como a aurora em flores.
— Que muito, se te amára uma rainha?

ENDEREÇO

Tú, que guardas, cioso, as suas rimas
Como gemmas do escrinio de um rei moiro,
Estas, que estão pedindo austeras limas,
Guarda-as tambem, de par com teu thesoiro.

Rio, 30-IX-904.

EM PLENA LUZ DA GLORIA

No primeiro centenario natalicio de Maciel Monteiro

A João Candido e Souza Pinto
em memoria de Victoriano Palhares e Annibal Falcão.

Embora os versos meus no olvido expirem,
Minha gloria e repouso em ti só vejo:
Viver, mesmo ignorado, nos teus sonhos!
Ter um ecco em tu'alma!

Maciel Monteiro.

Quando entraste a mansão da Eterna Gloria,
Onde Homero confere a palma ao Dante,
Toda a assistencia ergueu-se delirante,
Na dextra a lyra e na sinistra a Historia.

"Bemvindo sejas Tú, cuja memoria
Sagrára Amor, ao ouvir-te a lyra errante!"
E, n'um concerto brando e sussurrante,
Deferiu-lhe a corôa da victoria.

"Tú foste o romantismo em plena infancia,
Diplomata das Côrtes de Cupido...
O' professor do *chic* e da elegancia!

"Que bem fallaste! E como vens cheiroso!"
Rosna Aretino... "Oh!... não lhe dês ouvido!"
Clama Petrarcha. E Dante: "Sê glorioso!"

ENDEREÇO

Vós, meus amigos, que velais a pyra,
Aonde arde o *ata-gul* que o embevecia,
Cantando o amor em plectro que amavia...
Não lhe olvideis o nome, honrai-lhe a lyra.

Rio, 30-IX-904.

FOR EVER, MACIEL MONTEIRO!

NO SEU PRIMEIRO CENTENARIO NATALICIO

Ao Estado de Pernambuco, por intermedio de Alfredo dos Anjos.

Genio! Genio! Inda mais: supremo esforço
Da mão de Deus no ardor do enthusiasmo!

MACIEL MONTEIRO.

No dia em que nasceste, ave canora
Veiu cantar, pousada no teu berço,
O amor primeiro em gracioso *scherzo*,
O eterno amor em fuga alti-sonora.

Cascadeava outra ave protectora,
Quando disseste o teu primeiro verso
De amor a quem te amou, vivendo immerso
Em fluido de ternura encantadora.

Quando, porém, morreste... ave mais triste
Poz-se a carpir na tua soledade:
"Irmãs! O "Fiel d'Amor" já não existe!"

E agora, que o luar da eterna idade
Velou cem annos a alva em que surgiste...
— Uma phœnix te lembra com saudade.

ENDEREÇO

Tú que consentes que desperse o vento
Dos teus "Heróes de Homero" as cinzas frias,
O' meu paiz nativo, em ruinarias!
Ergue-lhe, ao menos, simples monumento.

Rio, 30-IX-904.

"DOUTOR CHEIROSO"

Tú não eras da raça, hybrida e impura,
Que hoje consome esquálida anemia;
Não era o genio teu neurasthenia,
Mau grado uma pontinha de loucura!

Cantavas, como canta a cotovia...
(Que o sabiá creolo não se atura!)
Tinhas d'um belvedero a ossea striura
E d'um gymnasta a carnação sadia.

Lembravas João Caetano ou os dois Nabucos
Mais sumptuario, porém, bem mais garboso,
Graças a um Raunier de Pernambuco...

Quando passavas, lento e magestoso,
As bisnetas de Branca de Apipuco
Suspiravam por ti, Doutor Cheiroso!

AVÈ, PIRAJÁ!

SONETO COMMEMORATIVO DO 1.º CENTENARIO DA IMMORREDOURA DATA DE INDEPENDENCIA BAHIANA

Aos immortaes legionarios do 2 de Julho e a todos os extinctos e gloriosos poetas bahianos, nomeadamente o repentista Moniz Barreto e filhos, Castro Alves e irmãos, Augusto de Mendonça, Antonio Pitanga, Alves de Carvalhal, Plinio de Lima, Baptista Guimarães Cerne e Castro Rebello Junior, redivivos no fulgurante e consagrado poeta polyglota Egas Moniz Barreto de Aragão (Pétion de Villar).

Sob a égida da Academia Bahiana de Lettras a graciosa interferencia do legista José Pires Brandão e do tribuno popular e ex-deputado João Augusto Neiva.

Si inda a voz do "Reconcavo saudoso"
Repete o afflicto brado de Moema:
— Austera imprecação que é todo um poema
De dôr, contra o reinol, fero e orgulhoso;

E's Pirajá, de certo, o mais glorioso
Ecco, que jámais teve alma que gema;
Pois relembras do autóchtone a pocema
Livre, ao troar do arcabuz victorioso.

Foi no teu flanco ardente — e alviçareiros! —
Que heróes de Labatut, como prophetas,
Leram a "Independencia" aos brasileiros.

E, si leis ao Porvir não mais decretas,
Immortal no valor dos teus guerreiros,
Vives eternamente em teus poetas.

Rio, 2-VII-923.

NO PEDESTAL DA ESTATUA DE CASTRO ALVES

Depõe emotivamente estes sonetos (um triptyco), que dizem saudades da nossa vida academica no Recife e recitou, ao se lhe inaugurar a herma, artisticamente lavrada pelo esculptor Eduardo de Sá, no antigo "Passeio Publico" do Rio de Janeiro, em 7 de Setembro de 1913, o seu velho companheiro retardatario — GENERINO.

Sob a égide da Academia Bahiana de Lettras, que a fez erigir, e com a graciosa interferencia do legista José Pires Brandão e do tribuno popular ex-deputado João Augusto Neiva.

1.º

EXCELSIOR!

E's bem tú mesmo, Poeta d' "Os Escravos"!
E's bem tú mesmo, genial Cecéo!
Qu'inda vibras a "lyra dos dois bravos
Que a "Paulo Affonso", em vórtices, sorveo!"

Não mais te pungem lybicos aggravos
Com que um "Navio" a Patria ennegreceo...
Nem da "Inconfidencia" os regios travos
Que tranziram Marilia e o teu "Dircêo".

Ora te embala a rêde dos amores
Que "Jasmineiro em flôr" cobriu de flôres
E a gratidão da Patria suspendeo

No pedestal d'est'herma triumphante.
— Vieste em frol d' "Espuma fluctuante"...
E eterno vives, genial Cecéo!

2.º

A CAVALGADA DOS MORTOS

D'aquelle ninho d'aguias e condores
Que se chamou "Outeiro do Recife",
Donde partiam versos vingadores,
Como pelouros d'un castello d'If...

Que mais resta, Cecéo? — Pelo arrecife
Negros corséis galopam nitridores,
Conduzindo, entre lagrimas e flôres;
Dos nossos mortos o funereo esquife!

E quantos lá se vão! Maciel, Siqueira,
Tobias, Plinio, os Guimarães, Varella
Celso, Palhares, Carvalhal... vês bem?

E, dessa "Cavalgada Condoreira",
Só tua lyra em herma se constella
Para dizer-me e aos que hão de vir: "Além"!

3.º

COUP D'ÉTRIER

Ultimo abencerragem d'essa idade
Que, até hoje, em ti vive e se resume,
Venho avivar, no teu, o extincto lume
Da minha extincta e morta mocidade.

Eil-o aqui, n'este arábico perfume
— Tão grato á tua oriental vaidade! —
Que se exalça e condensa e envolve o "Nume
Do Romantismo" em ondas de saudade.

Mas o nosso idéal da Patria livre,
Livre do escravo e livre de um tyranno
Qualquer, que de ser livre e grande a prive,

Evoluio, em espirito e verdade;
Comtigo não morreu; tornou-se humano:
— E, humano, encorporou-te á Humanidade.

A JUNQUEIRA FREIRE

(Frei Luiz de Santa Escolastica)

Poeta, abafaste na estamenha
A scentelha do genio e da paixão;
E — caudal que no abysmo se despenha —
Volveste ao lodo em lavas de vulcão!

Ha no teu verso, que a alma te desenha,
Frémitos de revôlto coração,
Que ama de mais aquillo que desdenha...
E rompe n'uma hystérica explosão!

E' que a loba da carne uiva faminta
Na jaula — a debater-se do teu cláustro
Contra a grade do verso que tilinta...

E vai, quebrando, a resoar pelo austro,
De Frei Bastos na endeixa que te pinta,
Morrer n'um ecco de apollineo plaustro!

NA SEPULTURA DE TEIXEIRA DE MELLO

O GRANDE E MAL APRECIADO POETA DAS "SOMBRAS E SONHOS"

Tens perfume na bocca mimosa:
— Um azul beija-flor do vergel
Já tomou-a por folha de rosa...
— E uma abelha por favo de mel!

TEIXEIRA DE MELLO — *""Sombras e Sonhos"*.

E esse mel, e essa abelha, e essa rosa,
E esse azul beija-flôr do vergel,
Enfeitiçam-lhe a bocca mimosa,
Transformando-a n'um favo de mel!

Nunca estrophe, tão bella e maviosa,
— Que lyrismo! — cantou menestrel:
Tem o aroma da essencia de rosa...
E a doçura de um favo de mel!

E essa imagem da "bocca mimosa,
Que semelha uma folha de rosa
E se adóça n'um favo de mel"...

Sai da estrophe, enche o livro, e ora pousa
No "carneiro" onde a abelha repousa,
Dorme o azul beija-flôr do vergel!

Rio, 07.

A CASIMIRO DE ABREU

JUNTO Á HERMA QUE LHE FIZERAM ERIGIR SUAS PATRICIAS FLUMINENSES, NO JARDIM DO INGÁ, EM NICTEROY

E os filhos hão de amar como nós nos amamos.
ALBERTO SILVA — *Nomades e Sedentarios.*

Sensitivo cantor d' "As Primaveras"
Que revives, no bronze, eternamente,
Cantando a tua Terra e a tua gente,
E o amor — "nativo amor de priscas éras!"

Cantem-n'o outros com Arte Transcendente...
Só tú, "Musset do Ingá", mavioso imperas,
Como eixo de concentricas espheras,
Em corações onde esse amor não mente.

Por isso, ao teu "lyrismo lamuriento",
Erige a fluminense um monumento
Em que se fundem suas lençarias,

— E' que, num passional consentimento,
Toda ella vibra ao puro sentimento
Com que, te amando, sabe que a amarias.

(J. do Ingá 4-I-914).

SOBRE JOSÉ DE ALENCAR

Sine ira aut studio.
TACITO.

No dia em que entregaste á Historia a Divindade
Austera, ó novo Erasmo, ó poeta de Iracema,
Essa vida que foi a synthese suprema
Da anarchia mental que reina nesta idade;

Tú, que serviste ao Rei, amando a liberdade
E amaste a Deus zurzindo a fé! Tú cuja immensa
Potencia cerebral, da critica ao poema,
E do drama ao romance, impoz-se á saciedade.

Sôou, mau grado a inveja e o odio e o *chauvinismo*,
A hora da justiça, o arresto da verdade:
Foste um producto — em mal! — do metaphyscismo.

Si tua obra, inda assim, te deu celebridade,
O que não foras tú, cantor do Indianismo,
Com outra educação, em outra sociedade!

EXCELSIOR!

Ao descerrar-se a estatua de Alencar

Com a esquiva palmeira fluctuante
Em que Pery sumiu-se no horizonte,
Cingindo ao peito a esmaecida fronte
Da melindrosa e abandonada amante,

Nos volves da caudal onda espumante
Que immortal viajor só ha que affronte,
Para viver comnosco — eterna fonte
De inspiração — em nosso amor constante.

Já resôa em noss'alma a seguidilha
Do murmuro lyrismo da floresta,
Que perfumaste á calida baunilha...

E's tú qu',em bronze, estás *cantando,* á sesta...
— Para dizer ao mundo, que a perfilha,
Que tua gloria — a nossa gloria — é esta.

109-1897.

SO'!

A José Maria do Amaral

No unico dia feliz da sua vida — o de sua morte.

Dizem que a triste vida desvivida
Que viveste, a morrer em vida ainda,
Não era vida já, sinão infinda
Morte que, aos poucos, te excluia a vida!

Primeiro, o coração... Ai dolorida
Pena de amor... saudade que não finda...
— Tão infeliz! tão seductora e linda!...
E o coração... rasgou-t'o a fementida!

Depois... foi-se velando aos dissabores
Aquella luz sem véo que hoje fulgura,
Luz cerebral de eternos resplendores...

Luz que immergiste em longa noite escura...
— Só! — no lar solitário, êrmo de amores!
— Só! — na atroz solidão da sepultura!

Rio, 28-IX-1885.

SONETO

(A Pedro Luiz)

Fitando ao longe os teus passados dias,
Vendo tingidas de mortaes pallores
Tremulas crenças entre murchas flôres,
Em pó desfeitas puras alegrias;

Em sonho, em riso, em lagrimas, dirias:
"A noite róla funebres vapores...
"Mas brilha a estrella d'alva! e aos seus fulgores
"E verde o campo, o mar tem harmonias".

Era esse filho que adoravas tanto,
Na densa nevoa d'alma entristecida
Azul estrella, d'alvorada o canto!

Cedo trocou-se, na estação querida,
Do orvalho a gotta em perola de pranto...
Morreu em flôr a flôr de tua vida.

A' NOTICIA DA MORTE DE GUIMARÃES JUNIOR

EM MEIO ÁS RUIDOSAS ACCLAMAÇÕES DE CENTENARIO INDIANO.

Generino, adeus! Havemos de tocar juntos num ponto certo em que tocam todos os que tem coração palpitante. Até lá, venturas. Teu Luiz C. P. Guimarães Junior.

Carta, em 12 de Dezembro de 1871.

Emfim... te foste. Luiz, no mesmo dia
Em que subiu Camões á eterna fama,
Embaixador da raça que houve o Gama
Ao beija-mão d'El Rei... d'alta Harmonia!

Que mais *persona grata* lhe seria
Do que tú, coração que a mente inflamma,
Rimando n'um soneto o que mais ama
E amando mais que tudo... o que lhe ardia!

E' que, ao partir, porém, morta a esperança
De mais volveres dessa eternidade
A que subiste em azas de creança...

Orphã, quasi orphã, deixas tua herdade...
E... "chora a cada canto uma lembrança. ..
... Por toda parte geme uma saudade!"

Rio, 1898.

NO CENTENARIO DE PORTO-ALEGRE

(Barão de Santo-Angelo)

Architecto — Estatuario — Pintor-historico — Archeologo — Naturalista — Ethnographo — Poeta — Diplomata.

Principal fundador de todas as artes no Brasil, reformou sobre bases scientificas a Academia de Bellas Artes, creou a Pinacotheca e, com outros, o Conservatorio Dramatico e a Opera Nacional, iconographando José Mauricio.

Monographou: "A emancipação gradual dos escravos" e escreveu "Brasilianas", "Os Toltegas", "O Idolo Amazonico", "Colombo", "Os Voluntarios da Patria", "Monographias" mil.

Socio correspondente do Instituto de França, da Academia Hespanhola de Lettras e da Real Academia de Sciencias de Lisboa e fundador do Instituto H. e G. Brasileiro.

A' Academia Brasileira de Lettras
Ao Instituto Historico e Geographico Brasileiro
A' Academia Nacional de Bellas-Artes

— Legião, quem tú és? — Um homem-forte!
— Forte... qual nome has tú? — Homem-Legião!
— Homem-Legião? E's, pois... Quem, mais que a morte
Tem morto o olvido... a humana ingratidão!

GENER. — "Dialogo dos Mortos".

Quando, outr'ora, inda amorpha, era a Arte-Bra-
[sileira
Embrionaria planta exotica e acclimada,
Com Débret e Grand-Jean — surgiste, alma geniada
A Buonarotti, e houveste a sagração primeira.

Mas, como ao teu modelo, a ancia da verdadeira
Sciencia possuio-te a vida torturada;
E, quanto pôde a sciencia, então, ser applicada,
Applicaste a tua arte, e — obra alviçareira.

Mas tu'arte era estreita á alada envergadura
Do teu genio — e pediste ao verbo alma palhêta
Que te pintasse ao vivo a atlantica estructura...

E nos deste "Colombo", antropologo e esteta,
— Tão grande, que só lê quem tem genio e cultura:
Porque esta geração... nem sabe ler, Poeta!

Rio, 20-XI-1806-1906.

NO CENTENARIO DE ANTONIO JOSÉ

O Poeta da Inquisição

Tú que, em tu'arte de zurzir o vicio,
Foste heroico rival de Gil Vicente,
Impondo-lhe, no palco, o atroz supplicio
D'uma incisiva satyra mordente:

Mau grado toda intervenção clemente
Que agiu em teu piedoso beneficio,
Empolgou-te, sem dó, barbaramente,
— Garra infernal de abutre — o Santo Officio.

Por, suspeito de teres renegado
A fé christã, te viste condemnado
— Christão — novo — aos maus tratos da Polé...

E tendo-os supportado sem um grito,
Foste á fogueira, d'alva e san-benito,
Purificar no fogo a tua fé.

Morro da Gloria — Rio, X-913.

NO CENTENARIO DE GREGORIO DE MATTOS GUERRA

AO SR. CONSTANCIO ALVES, SEU ULTIMO E JUDICIOSO PANEGERISTA

Mestre da rima d'aço que tilinta
Como triscada lamina ferina
Sarjando a pelle á insania bysantina
Do teu mau tempo, em hilariante finta!

Nunca a Musa do riso á penna e tinta
— Musa do "Hyssope" que corrige e ensina
Vibrando o plectro da ironia fina,
Foi mais mordaz — nem, nunca, mais distincta!

Pois, castigando os homens e os costumes
N'um quarto d'hora a Rabelais, altivo...
Nunca usaste o estylete de dois gumes

Que fere e deixa n'alma o corrosivo
Veneno, que arde com sinistros lumes,
Chamado "Odio" — e é sempre vingativo!

"HARMONIAS ERRANTES"

Ao amigo e companheiro de roda litteraria

FRANCISCO DE CASTRO

por occasião de dar á publicidade seu nomeado livro de versos.

Doce Poeta de hierática harmonia,
Cujo verso, esthesiando o sentimento,
Crystalisa-o, qual perola areiento
Grão que, em bivalve concha, lhe irradia.

(Feixe de luz — talvez melhor dir-se-hia —
De bólide que sulca o firmamento
E deixa, em alabastro, um luzimento
Prismático em que o nácar a procria)

E, uma após outra, perolas rolando
De um collar que, idéal, se foi desfiando
Sonoramente e recolheste, Artista,

Ha no teu livro, escrinio de outras eras,
Subjectiva harmonia das espheras
Mas, já no Poeta, o embryão de um scientista.

NO CENTENARIO DO POLYGRAPO "MACEDINHO"

JOAQUIM MANUEL DE MACEDO

Recordando "Dois Amores", "Rosa", "O moço loiro", "O Phantasma Branco", "Mulheres de Mantilha", "Nebulosa", "Redempção" e toda sua litteratura de açafate.

Oh! não! Tú não morreste inteiramente
No coração da ingenua mocidade
Que contaste, ao sahir da puberdade,
Com teu tempo e teu burgo inda nascente!

Pois tinhas, na retina de vidente,
Estampada, com viva realidade,
Toda a vida aldeiã da sociedade
Que fixaste em tu'obra eternamente.

Outros costumes são; é outra a gente;
Teu burgo colonial se fez cidade;
Porém noss'alma é a mesma; inda te sente.

E, n'uma meia-tinta de bondade,
Viverás, com ess'obra sorprendente,
N'uma recordação, nesta saudade!

NA MORTE DE EUNAPIO DEIRO'

Ao vêl-o transportado de uma enxerga de enfermaria da Santa Casa de Misericordia para um carneiro do Campo Santo de São Francisco Xavier, com escala por uma das mezas do Necroterio Municipal.

CARTÃO DE PEZAMES E LOUVORES
AO SEU PIEDOSO AMIGO JOSÉ PIRES BRANDÃO

"Oh! que exemplo a futuros escriptores!"
CAMÕES — *Luziadas.*

Era, talvez, do exhausto Romantismo,
O "Ultimo Abencerragem":
— Um mestre da tribuna e da linguagem
Escripta com purismo.

Resvalou pelo estreito Imperialismo
Como fugaz miragem,
Alambicando a flôr da mestiçagem
Em favos de lyrismo.

— Ninguem lhe aquilatou todo o talento;
Mas todos sublinharam-lhe o *instrumento*
Que o fizera immortal...

E o extincto "Petronio da Bahia",
Sem ti, nem ao escalpello escaparia,
Como um vil animal!

Rio, 10-IV-09.

PUDOR INDE MISERATIO

Na transformação objectiva do suave e malsinado poeta

MAX DE VASCONCELLOS

aos 21 annos de idade, morto de fome, de miseria e de tuberculose, n'um catre de hospital, pouco depois de se ter feito graduar em Direito por uma das antigas Academias do Rio de Janeiro.

Ferreteando a espadua de desalmado reporter que lhe escarrou sarcasmo na sepultura rasa inda aberta.

Si natura negat facit indignatio versum qualemunque potest.

Decimus Junius Juvenalis.

Miserrimo! Passaste pela vida
Penando empós fantastico idéal,
Errante cavalheiro do Graal
— D'uma illusoria fé, sempre trahida...

E, assim, já corroida por lethal
Tuberculose, em meio á improba lida,
Do intimo luar d'ú alma enfebricida
Tombaste n'uma enxerga de hospital!

E, alli, morreste! Alli, em cirsumptiva
E suarenta d'ultima agonia,
Nem tiveste sequer mão compassiva

Que te cerrasse a palpebra sombria
Para não vêr... Visão subjectiva
Como dóe, morto embora, uma ironia.

A VIDA E A MORTE

Na transformação subjectiva do eximio scientista pediatra e poeta amigo

"ANTONIO FERNANDES FIGUEIRA"

"Talis vita finis ita".

E' pois certo, Figueira, que esta vida
Não mais é do que um duplo movimento
(Definiu-a Blainville — e é lei — tal qual)
Simultanea e geral
De composição
Entre um organismo dado
E um meio apropriado?

Velando a da fragilima creança,
Que apenas era timida esperança,
Passaste toda a tua improba vida,
Da morte sem receio.
E a morte veiu
— Biologica fatalidade! —
Paralysar a tua, que, em verdade,
Era uma esplendorosa realidade!

Tanto é certo, Figueira, então, que a morte
E' a cessação desse movimento
(Que definiu Blainville — e é lei — tal qual)
Simultaneo e geral
De composição
E decomposição
Entre um organismo que o supporte
E um meio que o hostilisa... e lhe é fatal!

Rio.

NO CENTENARIO DE GARRETT

Aos Poetas da Nova Geração Portugueza

"A Poesia antiga funda-se no presente; a nossa fluctua entre a saudade do passado e o pressentimento do futuro" — Schelegel.

"Do passado o presente foi gerado,
Como d'este o porvir está pejado."
"Syntheticamente a Arte idealisa
Quanto a Sciencia, analytica, pesquiza."

Formulas Positivistas.

"A alliança da Poesia com a Philosophia, tal é o ponto de partida da ultima phase da Arte, encetada pelo seculo XIX."

Theophilo Braga — *Sobre a Litteratura Portugueza*.

Tú que, em teu Portugal, depois de Elmano,
Foste o maior factor do Romantismo,
Arcando contra o "meio arcadiano"
A golpes de talento e de lyrismo,

E o brando e heroico peito lusitano
Cantaste, n'um vernaculo purismo
A Vieira, a Camillo ou Herculano,
Sob todas as fórmas do Lettrismo:

Gloria a Ti, que o élo foste evolutivo
Que o Romantismo liga ao Arcadismo
E este ao Parnasianismo — extremos seus;

E, em volta a Camoneano Quinhentismo,
Nos déste, n'um filão retrospectivo,
Quental, Guilherme Braga e João de Deus.

Morro da Gloria — Rio 9-XII-913.

NO CENTENARIO DE HERCULANO

"Sabes, tú, Ermengarda, o que é passar dez annos atado ao proprio cadaver?"

HERCULANO — EURICO — *O Presbitero.*

Genial cultor da Lingua Portugueza,
Austero Historiador da Luza Gente,
Poeta que viveste a "Harpa do Crente"
E o "Monge de Cistér" — genial belleza;

E, só por tua animica inteireza,
E spartano caracter tão sómente,
Te isolaste do mundo com um ente,
Cuja vida a um cadaver vive prêsa:

Tudo quanto o Poder podia dar-te
Tudo engeitaste humildemente, tudo!
— Tinhas o amor da Baucis e amor da Arte.

E, quando — stoico heróe sob ereo escudo —
Volveste á Mãe Commum... por toda parte
Vibrou teu nome, emprindo a ambiente mudo!

Rio, 28 de Março de 1910.

A JOÃO DE DEUS OS BRASILEIROS

João de Deus — e da candida creança,
E da ingenua mulher, toda ternura —
Cujo lyrismo a alma nos satura
De um dulcissimo fluido de esperança!

No teu verso espontaneo ha tal doçura,
E na tua esthesia tal pujança,
Que, ao ler-te, cuida a gente que se lança
N'uma caudal cantante d'agua pura!

Por isso toda mulher da tua Ilha
Põe-se a dizer, comtigo, os seus amores...
— E te sabe de cór, á maravilha!

E a creança, a brincar, sem professores,
Aprende a ler na "Maternal Cartilha"
O teu "Campo (bellissimo) de Flores".

A JOÃO DE DEUS OS BRASILEIROS

E vais entrando em vida o coração das gentes,
Tú que não morrerás na póstera lembrança,
O' candido cultor da candida creança!
Do a-b-c semeando as próvidas sementes.

Ellas rebentarão das almas innocentes,
Certo, em fructos de amor e fructos de esperança;
Que essa leiva, onde o teu "amor de mãe" as lança,
Rocha ingrata não é, que só produz serpentes.

E, um dia, quando já de todo houver colhido
A "Maternal Cartilha", em bençãos e louvores,
Toda a luz, que plantou, e bens, que ha produzido,

Entre as "Flores do Campo" e o "Ramo" teu "de
[Flores",
Como um doce Jesus de párvulos seguidos,
Teu vulto ha de brilhar no Templo entre os doutores.

NO CENTENARIO NATALICIO DE GONÇALVES DIAS

ENCERRANDO O FESTIM SOCIOLATRICO-POPULAR DA MOCIDADE MARANHENSE, NO "PASSEIO PUBLICO" DO RIO DE JANEIRO, EM 10 DE AGOSTO DE 1923.

> "Os descendentes de Homero, Virgilio, Camões, Tasso, Milton, são as Illiadas, Eneidas, Lusiadas, Jerusalens, Paraizos Perdidos: — descendencia gloriosa e eterna que são ao mesmo tempo herança e brazão do espirito humano."
>
> GONÇALVES DIAS — *Carta ao Dr. Theophilo Leal.*

Fructo exótico, e pêco, e envenenado,
Que viesse á flôr de anonyma existencia,
Fôste, ao nascer, — "o filho da Vicencia..."
— Filho espurio do amor e do peccado.

Levou-te mão piedosa á alheia sciencia,
Mas, nem por isso, amando, fôste amado;
E, engeitando-te a Terra sem clemencia,
Tragou-te o Oceano Atlantico irritado.

Fiél de amor, porém, cantaste em vida,
Marabá, tua autóchtone ascendencia
Na selva em flôr da Atlantida perdida...

E eis que o Brasil, que é sua descendencia,
Te diz que tua gloria, mal nascida,
Já completou cem annos de existencia.

JUNTO A' HERMA DE GONÇALVES DIAS

HOJE, COMO NO 50.º ANNIVERSARIO DA MORTE DO POETA E COMO NO DIA DE SUA INAUGURAÇÃO.

"Amor... delirio... — engano!"

Cantor do Fetichismo Brasileiro
O' immortal Poeta dos "Tymbiras",
Qu',em lyrismos de amor, de amor suspiras,
De amor por quem penaste aventureiro...

Morreste! Mas teu nome alviçareiro,
D'entre o consenso das modernas lyras,
Ha de exalçar-se em festivaes espiras
Como saudoso cantico guerreiro.

Não! não ha de extinguir-se a nobre fama
De teus versos na Terra Americana
Que te ouviu racontar "Y'uca Pirama!"

Anda na voz do Atlantico Oceano,
Onde, ao luar, a vaga que se enflamma,
Murmura ainda: "Amor... delirio... — engano!"

2.º

"Onde canta o sabiá".

Longo praso, na Terra em que nasceste,
Em vão buscava estranho ou peregrino
Sombra siquer do seu Cantor divino,
Siquer signal que lhe dissesse: "E' este!"

Este foi o cantor mais genuino
Do folk-lore tupy, do incola agreste!
Ah! não mais tentes vêl-o, tú que o leste,
Carpir na lyra o seu cruel destino!

Nunca mais o verás! — que o mar-oceano
Guarda em seu seio o corpo e ultimo alento
Do emotivo Poeta Americano!

E, do que foi, só resta... — Escuta, attento!
Qual, na "Canção do Exilio", alto soprano,
— A voz do sabiá n'aza do vento!

3.º

"Olha-me bem, que sou eu".

Mas, inda bem, Poeta dos Tymbiras
Que tua imagem se nos volve agora!
Si eternamente vives como outr'ora,
Côa por bronze o ar que hoje respiras!

Eis-te immortal modelo a novas lyras
Que resoem de amor, espaço em fóra;
Pois, quem quizer dizer quanto o enamora,
Comtigo ha de aprender como suspiras!

Terá por Musa a "Marabá" queixosa
Qu',enviuvando, exúl, dos teus scismares,
Paira em nossa alma aqui, triste e chorosa...

Intimamente habita os nossos lares...
Em nossos corações geme saudosa...
— E só ha de morrer com teus cantares!

A DOM JOÃO VI

Commemorando o primeiro centenario da abertura dos portos do Brasil, elevado á categoria de Reino-Unido, ao commercio das nações estrangeiras, da fundação da Imprensa Regia, das Academias de Sciencias, da Escola de Bellas Artes, do Museu Nacional, do Horto Botanico e, em germen, de todo o progresso e desenvolvimento do Brasil.

Invectivam-te o luzo e o mundo inteiro
De immundo rei poltrão, que renegaste
A Patria, quando a Patria abandonaste
A' sanha de Junot e do estrangeiro...

Bemdiz esse momento o brasileiro;
— Que o Brasil, onde e desde que aportaste,
A reino unido e autonomo elevaste,
Franqueando-o, por mar, ao mundo inteiro.

Desde então, sonhou-se elle independente;
Pois, si a industria e o commercio lhe alargaste,
Lhe deste artes e sciencias juntamente.

Tudo, quanto hoje existe, iniciaste
E elle o deve a ti principalmente:
— Mesmo a Independencia que inspiraste.

Rio, 08.

A FREI LEANDRO DO SACRAMENTO

PHILOSOPHO E NATURALISTA,
FUNDADOR DO JARDIM BOTANICO DO RIO DE JANEIRO.
NO PRIMEIRO CENTENARIO DE SUA MORTE.

Aqui, n'este retiro, êrmo e saudoso,
Que faz lembrar autóchtone existencia,
Longe de toda a humana convivencia,
— Brasileiro Linnêo — florio, ditoso.

Alma que renuncia a espúrio gôso
Para só dar-se ao puro amor da sciencia,
Como ancestral de infinda descendencia,
Revive eterno em cada tronco annoso.

— Que não é pae sómente quem procreia,
Mas tambem quem cultiva alma ou flores;
Quem, como idéas, vegetaes semeia.

E eis por que, celebrando seus amores,
N'esta herma, em que o vulto se lhe alteia,
Vêm saudal-o cem annos de esplendores!

Rio, 06.

A FREI CUSTODIO ALVES SERRÃO

SABIO NATURALISTA E REORGANISADOR DO JARDIM BOTANICO

Commemorando o 1.º centenario de sua fundação.

"Jussieu"! Foste do tempo em que a sciencia,
Como planta de estufa, e melindrosa,
Florescia na dalla silenciosa
Do claustro — e consumia aurea existencia.

Ali foi que, educando a paciencia
Em sã meditação estudiosa,
Tú desvendaste a Isis mysteriosa
D'alma ou coisa, aguçando a intelligencia.

E o seculo te vio — naturalista
Que, almas não já, mas vegetaes cultiva —
Tentar, no Horto Botanico, a conquista

Da "Terminalia"... e é isto que contrista!
— Sem cuidar que engendrasse, corrusiva,
A flôr da ingratidão, que cega a vista!

Rio, 08.

A FREI MARIANO DA CONCEIÇÃO VELLOSO

COM FREI LEANDRO E SERRÃO, FUNDADOR DA BOTANICA BRASILEIRA.

Commemorando o 1.º centenario do Jardim Botanico

Que colossal que foi a tua obra,
Rival de Martius, sabedor Velloso,
Que encadeiaste o nosso mundo umbroso
Do teu in-folio na possante dobra!

A' tua observação, que se desdobra,
Compara, filia, classifica, ouso
Apenas contrapôr — e é quasi ocioso —
Tua nomenclatura — ah! nada sobra!

E, máo grado a desidia criminosa
Com que, á humidade, á traça, ao môfo, á poeira,
Se perdeu grande parte, e preciosa...

O que ficou, é tua gloria inteira:
— Deu-nos a Natureza esta assombrosa
Selva — e tú a "Flora Brasileira"!

Rio, 08.

A MESTRE VALENTIM

O DESLEMBRADO ESTATUARIO DE "NAYDE" E "DIANA"

Commemirando o 1.º centenario do Jardim Botanico

Estatuario da virgem natureza
E quasi iconographico architecto
— Rude na fórma e rude no intellecto —
Que, carinhoso, a tratas com dureza!

Ha, na tu'arte, um cunho obsolecto
De primitiva e ornamental belleza,
Que afina bem com o ar d'esta deveza
— Tão bucolicamente circumspecto.

E, condensado, assim, toda a paizagem,
Onde o capro divino ulúla, cioso,
Empós Nympha ou galheiro, entre a ramagem...

Teu primitivo genio audacioso
Nos dá, de um caso e d'outro, a viva imagem:
"Nayade" e "A Caçadora" — um par gracioso.

Rio, 08.

PALMA-MATER

Commemorando o seu 1.º centenario e o do Jardim Botanico do Rio de Janeiro.

Ao seu illustre director, o eminente naturalista Barbosa Rodrigues.

Esta, que ahi tendes, secular palmeira,
Plantou-a a regia mão de Dom João VI:
— E' uma arvore symbolica e altaneira;
— E' um vegetal e regio palimpsesto.

Heraldicamente illustra o vivo texto
D'esta "Serta Palmarum" brasileira
Que Barbosa Rodrigues descrevera
E prende Frei Leandro a Dom João VI.

Mão mercenaria, escusa e sorrateira,
Dispersou-lhe a semente e a mão do frade
Converteu a semente em sementeira.

Protegei-lhe a ancestral antiguidade;
— Pois, tendo evoluido, esta palmeira
E' a arvore da nossa integridade.

Rio, 13-VI-08.

VICTORIA REGIA

Commemorando o 1.º centenario da fundação do Jardim Botanico do Rio de Janeiro.

EM MEMORIA DO BOTANICO PERNAMBUCANO ARRUDA CAMARA.

Victoria Regia! Agreste flôr! Flôr soberana
Da virgem selva! O' flôr lacustre! O' flôr do espanto!
Que, á flux de um lago, ilhota errante, o regio manto
Rebordas n'agua, axil raiz saciando, ufana!

Fazes lembrar lothus indiano ou o floreo encanto
Que, secular, rompe do gelo e o gelo empana...
Porém mais bella és tú nymphéa americana
De folha em disco, onde o tupy vogára tanto!

E eis que, através d'agua estagnada em que flu-
[ctúas,
Te vejo vir, descendo ao tom da correnteza
Em que nasceste... e, para o mar te vejo vir...

Vejo-te aqui, n'este vai-vem — vais e recúas! —
Com a alva flôr que o pollen traz d'alma belleza:
— Trarás, com elle, a seiva e o deus d'almo porvir?

Rio, 08.

INSCRIPÇÕES

..... Taci, maledetto lupo;
Consuma dentro te con la tua rabbia,
Non é senza ragion l'andare al cupo;
Vuolsi così nell'alto, ove Michele
Fe la vendetta del superbo strupo.

DANTE — *L'Inferno* — VII-8-12.

..... Tais-toi, loup enragé,
Consume-toi, toi même avec ta rage.
On n'est sans tort aux flammes condamné,
Dieu l'a permis, la où Michel ravage
Tous ceux qui la superbe a revolté.

DANTE — *L'Enfer* — VII-8-12. Version GENERINO DOS SANTOS

..... Cala-te, lobo amaldiçoado,
Consumme-te em ti mesmo e a propria raiva;
Ninguem impunemente anda em peccado;
Assim se quiz, onde Miguel, lá no alto,
Vinga os que alta superba haja ultrajado.

DANTE — *O Inferno* — VII-8-12 — Versão GENERINO DOS SANTOS.

BELGIUM

(Gallorum Proesidium et Humanitatis Honorem)

Au vaillant, heroïque et martyrisé pays.

Petit Pays qui étais, digne d'envie,
Phalanstère, en féconde activité,
Où, dans la Paix, fleurait la Liberté,
Tournant l'instinct guerrier vers l'industrie;

Quand, invadant ton sol, de ta Patrie
Tedesque pied viola l'integrité,
As préferé mourir de dignité
À vivre, suborné, de félonie.

E, tombas mutilé comme Leman,
Mais, en tant qu'il t'allais tout écrasánt,
Avec Albert et ton Heroïsme outré,

Es devenu si grand, si grand... si grand...
Que tu n'es plus un géographique point,
Mais zone où siège et vit l'Humanité.

A' ALBERT, ROI ET PREMIER DES BELGES

Lui étant déferée la Croix de Guerre

LE JOUR ANNIVERSAIRE DE SA NAISSANCE

Roi sur le trone et Roi dans la caserne;
Premier des Rois, "par armes sublimé";
Roi citoyen, — qu'un Peuple bien gouverne
Qui par le Patriotisme est gouverné:

Quand, son cri d'angoïse as écouté,
Contre la Boche "glebation" moderne,
Tout immolas à sa défense interne,
Dès le trone au "chez-toi", béni et aimé.

Et éblouit ta veleur qui encor resonne
Par mer et cieux, comblant toute la Terre:
Et la Patrie ton heroïsme abonne,

Marquant ton coeur d'un signe qui l'encerre.
Car, en perdant — quand même — ta couronne,
Tu ne perdras jamais la Croix de Guerre!

A ALBERTO, REI DOS BELGAS

AO LHE SER CONFERIDA A CRUZ DE GUERRA NO SEU ANNIVERSARIO NATALICIO.

Rei-soldado, no throno ou na caserna!
Heroico Rei, por armas sublimado!
Rei Cidadão — que um povo bem governa
Quem pelo amor da Patria é governado!

Quando lhe ouviste o angustioso brado
Contra a tedesca glebação moderna,
Tudo immolaste á grande dôr materna:
Desde o throno até o lar abençoado.

E assombra o teu valor, que inda resôa
Por mar e céos, na propria ou alheia terra!
E a Patria teu heroismo galardôa,

Pondo-te ao peito symbolo que o encerra;
Pois, inda quando percas a corôa,
Não perderás — jámais! — a Cruz de guerra.

ON NE PASSE PAS!

"Et si ne serait qu'un, je serai celui-lá"
VICTOR HUGO — *Chatiments.*

Au Kronprinz de la mort, Serrail a dit en garde.
"Halte! On ne passe pas!" Sûr... "On ne passe pas!"
Beaurepaire du haut son dur regard darde...
César n'aurait passé... Vous ne passerez pas de là!

Car je suis à Verdun — aragne que regarde
De ses yeux perçants la trace de vos pas.
Vous n'etes pas romain... le "kültur" vous retarde...
Et marchez sur Paris? Halte! "On ne passe pas."

Et vif rocher battu par grosse mer hurlante
Par ardent ouragan battu, qui, à coups de rage,
Lui vient crever les flancs, dans éternel combat,

Au feu, au fer, au gaz asphyxiant, veillante,
Verdun resta debut, resistant à l'orage:
— Et il n'a pas passé; car "On n'y passa pas!"

L'IMMORTEL APÔTRE DES BELGES

SAINT PÈRE MERCIER

Petrus tu es Petrus et super hanc petram edificabo ecclesiam meam et portes inferi non prevalebunt advernes eam.
Ite et docete omnes gentes admonundun eos, quis cresciderit, salvus erit; quis mor crudedentis, condemnabilur.
Quod ligaverites in terra, ligatum erit in cœlo.

EVANGELIUM — *Jesû-Christo.*

La Papauté s'en va! C'est un Pouvoir qu'aterre,
Sans lier ici-bas ce qu'en haut sera lié...
L'Eglise Catholique est un auto vidé...
"Transige avec le temps..." nous dit la Grande Guerre.

Wotan veut dominer, peuplant de morts, la Terre,
Pas que... Galilés a le ciel depeuplé!
Et le dernier Benoit, sans l'empecher, s'aterre...
Faisant genuflexions au lieu-tenent de Dieu!

Pendant celà, le vieux bateau de Pierre sombre!
Et on voit, tout emu, en vrai martyr, dans l'ombre,
L'évêque Myriel, protestant, s'elever...

Pour dire à tout chrétien que lui — lui seul — y
[reste
Sur les debris de ce naufrage funeste...
— Lui-tout seul — Myriel! Lui-tout seul — Mercier.

LA REGINA BIANCA

Racconto di viaggio

LEGGENDA BRASILIANA DE CICLO EROICO DI RÉ ALBERTO

Tu se'colei che l'umana natura
Nobilitasti si che'l suo Fattore
Non disdegnó di farsi sua fattura.

DANTE — *Paradiso*, XXX.

C'era una volta una Regina Bianca
Ch'andivera via per camin lontano;
Così buona, che l'umile paesano
Correva per vederla, lieta e franca.

Piena d'amor e di pietate instanca,
Ripartia per tutti il cuor sovrano;
Si, ch'l gran Ré, gelosamente insano,
Ardeva per saper s'il cuor gli manca!

In ferrovia, un giorno, dispareva...
Quando Angeliola, una bambina astuta,
Aereo bacio l'invió, altiera.

— "Alla Regina Bianca!" — E sorrideva...
"Ah! La Regina Bianca m' ha vedutta...
Tutto finito... Andiamo, padre... Ed era!

NOTRE DAME DE LA CROIX ROUGE

A Madone Elisabeth des Belges

Au nom des Positivistes Brésiliennes

"Consolatrix afflictorum".

Partout qu'il aie, au front, belge souffrant,
Larme à essuyer, douleur qui soit guérie,
Dernier souffle vital d'agonisant
Qui va mourir d'amour pour sa Patrie,

Blanche vision d'un réve éblouissant
Du Paradis, dans infernale orgie,
Tout près de chaque lit d'infirmerie,
Blessé la voit poser, tout en passant...

C'est Toi, Notre Dame de la Croix Rouge,
— Voix de Sarah, sourire de Joconde,
Qui lui viens apporter, à l'heure extrême,

La caresse d'un mot dans son réfuge:
— Le dernier mot d'espoir qu'il aie au monde...
Et de ton coeur la pitié suprême!

LA MARNE

À JOFFRE, MARÉCHAL DE FRANCE ET DE TOUS LES PAYS ALLIÉS QUAND ON LUI SAURA FAIRE JUSTICE.

Ci-fut que, un jour, la grande armée tedesque
A payé de son sang la vésanie
De prendre à fer et feu l'hégémonie
Du monde, ayant Paris... Vision dantesque!

Joffre étrangla la Horde Barbaresque,
Von Kluch, à coups pacients de stratégie...
El leur sang — en hideuse hémorragie —
Par Liège et Verdun, jaillît tout presque...

Remplît la Marne et remplira la Terre;
Car ce flot, qui déborde outre la Seine,
Qui préserva Paris et nous aterre,

De siècle en siècle tombera sans gêne,
Pour dire à nos enfants: Pas plus de guerre!
Car la Marne engloutit la cêlle humaine!

LE ROI D'YSER...

Reshootan le brocard du Boche.

À ALBERT — LE PREMIER DES BELGES.

"L'Histoire marquera à tout jâmais la probité, la vaillance, la noblesse de la Nation Belge, la grandeur et l'héroisme du Roi Albert 1er.

STEPHANE JUGE — *La Paix de* 1916.

"Le Roi d'Yser...' — t'a "choucroute" un jour
Le Boche, en "Uber alles" d'ironie...
— E'tant Yser le coeur de la Patrie
Où ton coeur battait fort par son amour!

Mais Jesus fut nommé, par raillerie
De Pharisiens qui lui jouaient un tour,
"Roi des Juifs"... — ainsi que toi, tout court.
— Tu es, Albert, en bonne compagnie!

Car Jesus, moyennant Saint-Paul de Tarse,
Règne encor dans le coeur de qui le suive
En Dieu, quoique des hommes prisonnier;

Et toi, malgré le Boche en tour de farce,
Tu seras "Roi d'Yser", quoique il arrive,
Car c'est Yser, pour toi, le monde entier.

O MARNE

Qual lagarto, acossado por serpente,
Foge de combater o ofidio insano
Até que encontre um sitio providente
Onde haja antidoto a possivel damno

Tal, fugindo ao tedesco deshumano,
Por que lhe vibra o latego envolvente,
O bifronte lagarto Joffreano
Recúa para o Marne... e faz-lhe frente!

O Marne! O Marne! O rio tenebroso,
Que rola ondas de sangue infeccioso
Por entre as aguas da lethal corrente!

E onde, como um homem que se banha,
Centenas de milhares a Allemanha
Perdeu, com a fina flôr da sua gente!

Morro da Gloria, Rio 16-XII-914.

A ALBERTO — O GRANDE

Por occasião da reconquista de Ostende

"Si tocarem n'um cabello do Conde de Mecklemburgo-Sigmaringen, destruirei Bruxellas."
Telegramma de Guilherme II ao Rei Alberto.

"Quando começarem a destruir Bruxellas, matarei o Conde com as minhas proprias mãos."
Telegramma resposta do Rei Alberto a Guilherme II.

"Em paga da tua traição, annexarei a Belgica."
Telegramma de Guilherme II ao Rei Alberto.

"Sinto que os reis não possam usar da carabina; a minha primeira bala seria tua.
Telegramma resposta do Rei Alberto a Guilherme II.

Soldado e Rei, mas cidadão soldado,
E's, da casta real, typo, honra e gloria:
— Não conheço nas paginas da Historia
Rei que te deva ser equiparado!

E' que reunes n'alma meritoria
Tudo quanto ha de humano e bem formado:
— E's bom, cavalheiresco, altivo e ousado;
E, inda vencido, empolgas a victoria!

Viram-te sempre á frente do perigo
E ao pé de cada belga, como amigo,
Em Liège, Namur, Anvers e Ostende.

Por isso, te ama e segue toda gente;
— E, morto, viverás eternamente
Na tua Patria immortalmente grande!

Morro da Gloria, Rio, 16-XII-914.

A' ALBERTO ROI DES BELGES

Le jour de son glorieux anniversaire

"Si l'on touche un seul poil au Conte de Mecklembourg, je détruirai Bruxelles."

Wilhelm II à Albert I.

"Quand on commencea à détruire Bruxelles, je tuerai le Conte avec mes propres mains."

Albert I à Wilhelm II.

""En récompense de ta trahison, j'annexerai la Belgique."

Wilhelm II à Albert I.

"Je sens qu'il soit interdit aux rois, l'usage de la carabine; mon premier coup serait pour toi."

Albert I à Wilhem II — *Depèches télégraphiques.*

"Albert, tu as du coeur!"

Ce que te dirait Corneille.

"C'est épatant, notre Albert!"

Ce que disent tes "camarades".

Albert, Roi-Citoyen, loyal soldat,
De ton sang et ta caste honneur et gloire!
Je ne connais dans la moderne Histoire
Un roi qu'on puisse comparer à toi.

Car, chassant l'ennemi du territoire,
Ton *coeur,* partout, lui a porté combat;
Et bon, chevaleresque, hautain, adroit,
— Vaincu, quand même — empoignes la victoire!

On t'a vu, toujours prêt, au front, parmi
Tes dévoués Héros, vaillant ami,
À Liège, Namur, Anvers, Ostende!

Voie pourquoi te suit ta noble gent;
Et, mort, seras encor bien plus vivant,
Dans ta Belgique — telle que toi — grande!

Rio, le 8 Avril, 1915.

REIMS

Em rendilhas de pedra — artistico e piedoso
Symbolo — a cathedral de Reims, como em aço,
Se levanta e recorta o fundo azul do espaço,
Projectando na luz o seu perfil glorioso.

Parece que relembra o instante venturoso
Em que, pontificando a fé, com pio braço,
Benedicto XIV a convertera em laço
Que prende a terra ao céo, n'um gothico assombroso.

E eis que o impio tedesco — odiento iconoclasta —
A obus 42 a incendeia e devasta!
Porque assalte e destrua immunere cidade,

Tomba obus sobre obus, aresta após aresta,
E só, d'esse ideal sonho de pedra, resta...
Bocca em ruinas que clama e impreca a Divindade.

Morro da Gloria, Rio, 19-XII-914.

A' ALBERT, LE PREMIER DES BELGES

À L'OCCASION DE SON ARRIVÉE À RIO.

Viens, Albert, triomphant, de ce champ de bataille
Où l'on a bien joué le sort du monde entier,
Parmi tes grands Héros toujours Héros premier,
Vainqueur jamais vaincu, par fer ou par mitraille.

Quand roulait vers Paris, où le Marne tressaille
De l'avoir englouti, changée en sang, cette onde
Qui envahit ton Pays, en ravage profonde,
Commencé à Liège et abouti a Versailles...

C'est toi, avec Leman et ton Peuple héroïque,
Ouvrier, qu'as arreté, d'un coup, l'horde tedesque,
Qui l'a tout ecrasé, d'une façon tragique!

Sois, donc, le bienvenu, Activité feconde,
Qui, volant au travail, l'as, tôt, restauré presque...
— Tu as sauvé Paris, Tu as sauvé le monde!

Rio, le IX-920.

AVÈ, ALBION! MORITURI ET SALUTANT!

Sacra fames aure... (Virgilio) Sed. Independentes magis (Mac-Swiney)

Pela irridenta Irlanda, até a incoercivel greve triumphante da fome.

Ao Presidende De Valera e ao Prefeito O' Callaghan

Como o conde Ugolino, em sua Torre
Da Fome, roendo o craneo de Rogerio,
Recusando comer, com são criterio,
Carne da sua que lhe morre,

Mac Swiney, porque o sangue que lhe corre
Mac-Swiney, do sangue que lhe corre
Nas veias, por salvar com a terra, o nome,
Autóghago immortal, morre de fome,

Mas vencerás Erin, o Reino-Imperio
Que, com prender-te, em astuta, se consome,
Prendendo um hemispherio a outro hemispherio;

Pois não ha cárcer nem Poder que dome.
Povo que quer ser livre... ou, então não come!
— Povo que, por viver, morre de fome!

Rio, 29-VIII-920.

ADIEU ! MERCI !

Au citoyen Albert, Maréchal de l'Armée Brésilienne et sa digne Imperatrice Dame Elisabeth des Belges, dite "Notre Dame de la Criox Rouge" et "La Regina Bianca".

Adieu, Albert! Merci de la visite!
Madone Elisabeth! Adieu! Merci!
— Ces mots, tout-courts, vous disent l'infini
Des sentiments qui dans nos coeurs palpite.

C'est que en sauvant, Paris, — l'humane élite —
L'Occident et la Terre, que a fremi
D'horreur devant la teuto kultivrite...
Vous nous avez sauvé, à nous aussi!

Raison pour quoi — enfants cadets qui sommes
De la Race Latine et des Grands Hommes
Que à Quatre Vingt Neuf, vous auraient béni,

Nous vous devons la extrême honneur et gloire
De devancer, dans nos ainés, l'Histoire.
— Et, vous disant adieu, vous, dire merci!

PACIS IMPOSUIT MARES

Na sepultura de Woodrow Wilson, o glorioso Fundador da Liga das Nações.

(Inscripção)

Aqui jaz quem, na vida sendo grande,
Na morte, inda maior, governa vivos
Com desoito principios intensivos
De fraternal apêgo que se espande.

Patria sonhou fazer de cada "lande"
Onde povos viviam, mas captivos;
E, relegando mortos redivivos,
Fez com que o instincto militar se abrande,

E, sêres — pois que humanos — convergentes,
Em plena paz, submissa liberdade,
Por commum destino unam-se as gentes.

Não viu que só o amor gera a igualdade;
Mas, ligando nações armi-potentes,
Entrevendo-a, como a Humanidade.

JOFFRE — O — TACITURNO

POR OCCASIÃO DE LHE SER CONFERIDA A MEDALHA DE MÉRITO MILITAR

Como altissimo pincaro elevado
Entre duas correntes que se embatem,
Contendo vivas forças que combatem,
O taciturno Joffre está postado.

Troam canhões; exercitos se abatem,
Procurando envolver, de lado a lado;
E, embora, como leões, todos se matem...
O taciturno Joffre está calado.

Desde Verdun á Ostende, as duas alas
Se unem, de quando em vez, trocando balas...
E o aranhão, no aranhol sempre pousado!

Salve, Heróe-taciturno! Pouco fallas,
Mas, com a suprema tactica que calas,
Tens Paris da Allemanha immunisado!

Morro da Gloria, Rio, 16-XII-914.

EMILE DESPRÉS

E' Emile Despés rapaz de quartoze annos,
Mas — de bom coração — um coração gaulez:
Mistura de bondade e impulsos soberanos,
De espirito gracioso e audaz intrepidez.

Ora, em Dourches, ferido um soldado francez
Que se batera a sós com barbaros uhlanos,
Ardendo em febre e sêde, a armados e paisanos
Pedia um pouco d'agua. — E Emile o satisfez.

Eis chega um capitão que o acto lhe condemna
E pondo-lhe nas mãos winchester derrubado,
"Que o fusile sinão é fusilado" ordena!

Toma-o Emile Després, com odio concentrado,
E, n'um rapido gesto, emquanto dura a scena,
— O Capitão rodou por terra fusilado.

14-II-915.

LEMAN

Liège, com seus quatro olhos de lynce armados,
Vela, sustando o passo á invasão allemã;
Das Gallias tendo a escól na escól dos seus soldados,
E — soldado de Alberto — o General Leman.

Em vão tenta o Tedesco, a assaltos porfiados,
Tomar-lhe a praça forte: — indomito, o Titan!
Mas, como resistir aos derrocantes brados
Do obus — quarenta e dois? — Toda a defeza é van!

E Leman, de Jean Bart, ambicionando a morte,
Em vez de se render, rendendo a heroica gente,
Põe fogo e faz saltar seu valoroso Forte...

Não morre! — Mas ferido e feito prisioneiro,
Pede perdão ao Rei-Alberto, humildemente,
D'ali não ter morrido... — Elle, o immortal guerreiro.

Morro da Gloria. Rio, 14-II-915.

JUNTO A' ESTATUA DE STRASBURGO

(Em nome da America Latina)

Arise ye Goths and glut your ire...
Byron — *Child Harold.*

França! Mãe dolorosa! Intrepida Gauleza!
Cornelia, que um milhão de Gracchos tens creado
No seio, donde emerge o gladio ensanguentado
Com que a Allemanha affronta a Europa em guerra
[accesa.

França! Mãe pela idéa e pela natureza!
Emquanto houver um só dos filhos que has gerado,
Um só peito onde corra o sangue teu sagrado...
Não! não has de cahir, exanime e indefeza!

Paris, o grande olhar da consciencia humana,
Ha de velar por ti, vestal greco-romano,
Ha de vingar-te, emquanto houver um só fauburgo!

E, quando já não fôr mais pedra sobre pedra,
Tu'alma ha de animar-lhe "o corpo que não medra",
E — eterna — has de viver na estatua de Strasburgo!

A PEDRO ALVARES CABRAL

COMMEMORANDO A DESCOBERTA DO BRASIL

Scindindo a onda, a capitanea ousada
Vai pelos torvos mares dos assombros,
Como um Tritão, levando sobre os hombros
Da Luzitania a alma enamorada.

Vai em busca da India e vai penada,
Longe da plaga dos adustos combros
Onde ulúla o *simun* sobre os escombros
De uma raça affectiva e escravisada.

Vai ao por vir! Mas eis que, entre estridores
De mar e vento, uiva o gageiro: — "Terra!"
— Terra da Cruz — um mundo de esplendores.

Brazilea Terra! ó meu Paiz nascente,
Onde, se a lei da evolução não erra,
Um dia ha de florir todo o Occidente!

110-1898.

JOSÉ DE ANCHIETA

O Apostolo do Novo Mundo

Soneto commemorativo do tri-centenario de sua morte.

Soepius optavi, Domino inspirante, dolores,
Duraque cum ipso funere vincla pati:
At sunt passa tamen meritam mea vota repulsam.

José de Anchieta.

Quando o sopro da fé, transpondo os mares
N'aza errante de incerta caravela,
Nos trouxe — luz ideal que se revela —
A "legenda da cruz" para os Palmares;

Viva estrella polar, lucida estrella
Que emergisse de uns habitos talares,
Como em nimbo de mysticos scismares
O "Apostolo-tupy"... surgiu com ella.

E então, por toda a selva — ambroseo hymno
De amor — ouviu-se a voz do grande asceta
A pregar de um só Deus ao fetichista!

— De um Deus de amor, que as almas só conquista
Quando, em seu nome, falla — orgão divino —
Humano coração como o de Anchieta.

109-1897.

FELIPPE DOS SANTOS

"SPARTANO E PRIMEIRO MARTYR" DA INDEPENDENCIA E DA REPUBLICA.

Commemorando o libertador "levante" de 1720.

"Por toda esta Capitania das Minas distillam os ares a liberdade".

CONDE DE ASSUMAR.

Villa Rica estarrece, apavorada,
N'aurea poeira bi-secular distante,
Ouvindo o corso infrene e trepidante
De animosa e macabra cavalgada.

Quatro corséis de Ukrania, por "levante",
Trazem ás caudas, fortemente atada,
A sangrenta carcassa espedaçada
De um Mazeppa mineiro... triumphante!

E' Felippe dos Santos que entra a Historia
Como réo capital de inconfidencia
A El-Rei, em gloriosa trajectoria

Da Republica, pela Independencia,
A de Novembro terminal victoria.
— Salve, Heroe Precursôr, por excellencia!

Rio, 28-VII-920.

SUUM CUIQUE TRIBUERE

No pedestal da estatua de Teixeira de Freitas, erecta sobre alvenaria na antiga Praça de S. Domingos, onde Tiradentes "fez o seu ultimo passo" para o cadafalso.

Erigem-te uma estatua, em nome do Direito,
Que só consolidaste, insigne legista,
Encorporando o que houve o Imperio, por conquista,
Da "Ordenação do Reino" ao que ha de mais estreito.

E' que, espontaneamente, ordeiro e progressista,
Relativo, era o teu juridico conceito
Um organismo vivo, a evoluir affeito
No meio social que o gera — e em que subsista.

E eis por que mereceste immorredoiro preito
De immortal gratidão n'esta estatua inteiriça
De bronze, que só tem um capital defeito:

Não que a houvesse creado um'arte... tão massiça!
Mas que a tivesse erguido ao antiste do Direito...
— Quem não sóe professar o culto da Justiça!

Rio, 7-VIII-05.

TRIBUTO DE GRATIDÃO

Ao grande artista Dias Braga e ao publico, no dia do beneficio de menina sem braços Eulalia Lobo Vianna

Eu nem sei como arguir a triste sorte
Que á mim me fez sem braços; que, abraçar-vos
Fôra, quanto ora tinha para dar-vos.
— Vós me abraçaes, porém; sinto-me forte.

Que, fortaleza, é ter quem me conforte.
Quando só tenho alma para amar-vos;
A' vós, que não sabeis petrificar-vos
Ante infortunio, que é peior que a morte.

E, pois á vós, que abris o templo d'arte
A quem vêdes soffrer por toda a parte,
Porque, em vós, sempre, artista é o coração;

E á vós que lhe seguis o exemplo nobre,
Vindo amparar a criancinha pobre,
— A' todos vós — *amor e gratidão.*

Rio, 24 de Julho de 1889.

COUP D'ÉTRIER

PARA SER ENTERRADO COM A PEDRA FUNDAMENTAL DA ESTATUA DO "MARECHAL DE FERRO"

Vão erigir-te estatua... Estranha pedra,
Essa que vão lançar, como semente
De um civismo exemplar a toda gente,
Neste paiz, onde, o que é bom, não medra!

Dir-se-hia que, aqui, como na "Phœdra",
Passára o rubro carro encandescente
De um regio morto... — E, á tona, não sómente,
Como de um charco, veio... lama ou pedra!

Mas, vão erguer-te, emfim, um monumento,
Para que esse ideal que cimentaste
Com tua morte... o não disperse o vento!

E qual materia ha de encarnar o alento
Com que, expirando, Patria nos legaste?
A pedra? O bronze? — Ou a alma? O pensamento?

C. F. 29-6-904.

IRMÃOS D'ARMAS

JUNTO AOS TUMULOS DE BENJAMIN CONSTANT E FLORIANO PEIXOTO

Talhado para o bronze subjectivo
Que os conduz pelos seculos a fóra:
— Raios reflexos d'uma mesma aurora
Que se encontram n'um mesmo objectivo;

Um — pensador, que, agindo, amor devora;
Outro — braço que a acção consome vivo:
— Par social, ingenuo e primitivo,
"Em quem poder não teve a morte" agora:

Encontraram-se os dois, n'alva incendida
De novembro jamais se separaram:
— O que um fundara, o outro consolida,

Justando juntos, juntos repousaram
— Que exemplo! — ali, nessa porção querida
Do chão da Patria que elles tanto amaram!

107-1895.

DE PINEDO!

DELLO MIO BALCONE SILVESTRE, IN SANTA THEREZA.

GRAZIE ALL'UMANITÁ

"Usquequó deficit Orbis,
Accessirit Humanitas".

Eccolo nella lieta Guanabara,
Trascorso il mare Atlantico rabbioso
D'ancor veder che, in Mappamondo, un poco,
Per l'aere, aperte ale, un "Az" cercara.

C'è che tre continenti ivi puntara
Col suo "Hidro-Uccellone" portentoso.
— E puntara "Los Andes" — avis rara! —
Il Pacifico Oceano timoroso!

Arrivarà al termino del mondo,
Trionfando del pelago profondo,
Dominando lo spazio senza velo.

E, dopo aver veduto quanto incerra,
Qual Magalhães volteggào la Terra,
De Pinedo voltegarà il cielo!

A' MAM'ZELLE VIOLLETE THIBAUD

L'INEFFABLE CADETTE DE MON AMI PEREIRA

"Prosit!"

Quand je te vois parmi la "ronde"
De ses violons,
Tu me sembles, petite et blonde,
Mimi Pinson!

Tu n'as pas une robe au monde...
Pas un bonet...
Mais, quand même, tu es joconde
Sous son archet!

Oh! que c'est beau d'être viollete,
Landerirete...
Parmi si célèbres violons!

Près de son "Amatus" tu poses,
En femme rose...
Viollete Thibaud Pinson!

Rio, 910.

O REI DOS BANDEIRANTES

(GLORIFICANDO AMADOR BUENO)

Certo, não foras tú, audaz Paulista!
Um coração aberto aos tresvarios
Da febre d'oiro... e por sertões invios
Te não lançaras de mais terra á pista.

Mas nunca! nos teus sonhos de conquista,
D'essa terra onde ha oiro até nos rios,
Domando embora os incolas bravios,
Sacrificaste a uma paixão egoista.

Nunca! — E, assombroso caso em nossa Historia! —
Viu-se um homem tenaz, cujo dominio
Caminhou de victoria após victoria,

E cuja fama em toda parte eccôa...
Regeitar como, em másculo designio,
Cromwell ou Garibaldi, uma corôa!

NO PRIMEIRO CENTENARIO DO PADRE DIOGO ANTONIO FEIJO'

Como d'eril baixo-relevo antigo
Que a poeira de um seculo mal cobre,
Teu ancestral perfil, austero e nobre,
Rompe a paz secular do teu jazigo.

E surge, na hora extrema, em que ha perigo
De que o caracter nacional sossobre
Na vasa da ambição que o mando encobre...
Como um Palladio que não acha abrigo!

E' que, si a ambição do mando a lança enrista,
Na maior dissenção de que ha memoria;
E quer vencer á força, sem conquista,

Renunciando a laurea da victoria
Que conquistaste — e a antithese contrista —
Passaste da Regencia para a Historia.

Rio, IV-913.

ANNITA GARIBALDI

AO DESCERRAR-SE O SEU RETRATO NO CENTRO CATARINENSE.

"La Patria t'adora,
Il mondo t'ammira."

Inscripção iconographica.

Bersagliera immortal, Théroigne do Pampa,
Que o Leão de Caprera encadeiaste
Ao teu heroico amor e o transformaste
De heroe na vida em semi-deus na campa

Inda o rincão onde o gaúcho acampa,
Laguna e Vaccaria onde compraste,
Vão repetindo a lenda que deixaste,
Entre os Farrapos, nos geraes do Pampa.

Roma falla de ti no circo eterno
Em que o Reinado Pontificio expira
N'um contingente circulo do Inferno

E, lá onde inda o Dante erra e suspira,
Ergue-te a Italia em bronze semptiterno
Em que a Patria te adora e o Mundo admira!

O PADRE ANTONIO VIEIRA

(PERFIL LITTERARIO-ICONOGRAPHICO)

Soneto Commemorativo do Terceiro Centenario

"Dir-se-ha que Deus está hollandez?"

— Sermão pregado na Bahia, em favor das armas de Portugal contra as de Hollanda.

Alto; magro; espectral; cosido na roupeta
Da morte; cruz ao peito e solidéo á fronte;
Livido; a barba hirsuta: — outro Jehovah no Monte —
Da cathedra troveja o Victor Hugo asceta.

Não vibra o riso fino, em lamina secreta,
Que ao "Voador" vasára a fatuidade isonte;
Freme-lhe a indignação no verbo e jorra esponte:
Juvenal transformou-se em Daniel — o propheta...

E — protheiforme — alli, n'um impeto tremendo,
Rouca a voz, largo o gesto, emphatico e estupendo,
Como um raio a estalar nas tenebras do Céo...

Contra o Hollandez que affronta a cruz a couce
[d'armas,
Não tendo em quem vingar seus intimos alarmes...
— Polvo enorme do Genio — elle estrangula Deus!

A' MÃE DOS BRASILEIROS

Dª. Maria Barbara da Silva, mãe de José Bonifacio

"Que, de tal Mãe, tal filho se esperava".

Bemdicta sejas Tú, mulher obscura,
Que, condensando as forças do passado,
Ao Meio e ao Grande Sêr, que te ha gerado,
Déste um filho e um mentor qu'inda perdura.

Todo o humano saber n'um'alma pura,
Tres grandes raças n'um só povo amado;
Como um deus, enfeixou: modesto e ousado.
— Creadora, isso fez tal creatura.

Por isso, vive em bronze e vive eterno
Em nossos corações: — vive, entre os fracos
Como um forte, no olhar bondoso e terno

Que nos vem dos teus olhos festiceiros,
Mãe da pobreza — ó doce Mãe dos Gracchos,
Mãe dos Andradas, Mãe dos Brasileiros.

"INDEPENDENCIA OU MORTE!"

COMMMORANDO O "7 DE SETEMBRO"

Ao Patriarcha José Bonifacio, com a Princeza Leopoldina, o Gran-Factor da nossa Independencia.

"Pedro, si algum aventureiro ha de pôr a corôa em sua cabeça, põe-n'a tu!"
— El-Rei Don João VI — ao partir.

"Si é para bem de todos, fico!"
— O Principe Don Pedro — ficando.

"Juro que serei sempre fiel a V. M."
— O Principe Regente — em carta.

"Eu não comprehendo uma Republica com escravos."

"Imperador? — Seja! Aqui já temos o do Divino Espirito Santo..."

"A sã Politica é filha da moral e da razão".
— José Bonifacio.

"Independencia ou Morte".
— Don Pedro I — Brado do Ypiranga.

Do plintho do teu bronze amesquinhado
Por cortezã deturpação da Historia,
Vê: deste dia é tua, é d'Ella a gloria,
Patriota e estadista consumado.

De tua raça espoente consagrado,
Definias-lhe a curva evolutoria
Quando, em abnegada trajectoria,
De "Dezesete" ouviste o altivo brado.

E, ascultando o brasileo peito forte,
Que, anciava não mais ser colonisado
Mas *"compos-suis"*, do extremo Sul ao Norte,

Aproveitando o "Principe Ficado",
Bradar fizeste-o: "Independencia ou Morte!"
— Esta é que é tua Gloria, Homem de Estado!

NO JUBILEU LITTERARIO DE TH. BRAGA

O INDEFESSO SEMEADOR DE IDÉAS

"Ex fructibus œrum cognoscebis eos."

Não raro, em leiva inculta ou descançada,
Lança provida mão feraz semente,
Que se transmuda em arvore frondente
De sazonados fructos carregada.

Ave do céo, que arriba, esfomeada,
Ou estival monção, doce e clemente,
Vem haurir-lhes, com a polpa nutriente,
Germens que outras produzem, de levada.

E, onde quer que um só caia e um só germine,
Nova arvore de fructos sazonados
Se desdobra... — em vergeis! — sem que termine.

Então, quantos se sentem saciados
Dessa fome, que Elmano não define,
— Loam quem n'as plantou tão trasplantados.

Rio, 15-III-06.

AHASVERUS

INTERMEZZO DA TRAGI-COMEDIA HUMANA

Periodo Monotheico

Quando o Christo expirou, na cruz, sobre o Cal-
[vario,
Abutre colossal — o precursôr de Nero —
Vôou e foi pousar no momento austero,
Com feroz alegria e gesto sanguinario.

— "Quem tú és?" perguntou-lhe um pharisêo
[severo.
— Eu sou a alma pagan do mundo antigo e vário
— E tú, quem és?
— "Eu sou o espirito lendario
Eu sou a tradicção — e hei nome de Ahasvero

— "Ahasvero, caminha; o Christo é minha preza
Não vês? Jesus morreu, triumpha a natureza,
Do Grande Sêr Humano o imperio se avisinha.

— Que fazes, pois, aqui?
— Corvejo. — E tú? nefario!
— Eu velo e choro e gemo onde encontro um calvario.
— Volve á treva...
— E o matou! Então .....

NO CENTENARIO DO NASCIMENTO DE VICTOR HUGO

"O seculo que o viu nascer, morreu com elle"...
Mas seu nome immortal, em larga trajectoria,
Pasmando as multidões, de victoria em victoria,
Brilha como polar que as tenebras expelle.

D'amor cantou — sem ter, como Musset, a gloria
De um éco em coração que o de mulher revele;
Cantando a França e o Povo — eis Beranger que o [excelle;
Não foi, como Barbier, o látego da Historia;

No poema, não teve o alto idéal de Comte;
Nem teve de Balzac a intuição, no romance;
Com Corneille ninguem, no drama, ha que o confronte;

Mas — só Elle — integrou, n'uma immortal ["nuance",
Um "dx" d'esse genio esparso em cada fronte:
— E, a negal-o, eis por que não ha quem se abalance.

Rio, 1902.

AL SEÑOR SAENS PEÑA

PRESIDENTE ELECTO DE LA REPÚBLICA ARGENTINA CON MOTIVO DE SUA AFECTUOSA VISITA AL BRASIL.

"Et nunc agendum est."

Cuando se vuelva, Amigo, á Buenos-Aires
Y oiga hablar de "enemigos brasileros",
Bien puede Usted decir que, en nuestros lares,
Somos todos hermanos verdaderos.

En nosotros no medran seculares
Odios de raza en "ímpetus guerreros":
— ¡Luchamos por la Órden, singulares;
Del Progreso seremos los peoneros!

Que, en la paz, en la Órden, nel Progreso,
Reposa hoy la sola "hegemonía"
Del mundo por venir sobre el regreso;

Y pueblos que trabajan, noche y dia,
por su comun destino — ¡y tan complexo!
No se odeian — trabajan de armonía.

Rio, 21 de Agosto de 1910.

A GIL VICENTE

No peristylo do Theatro Hespanhol-Portuguez

Em recordação de "Todo Mundo" e "Ninguem".

A bem vós, Mestre Gil, que tempos ha
Que nos não rendilhas, em redondilha,
Auto, farça, comedia ou seguidilha,
Que nos sabe inda bem, d'antanho a cá!

E mais é que, isto aqui, inda ora está
Mesmo a calhar para folia ou rilha...
— Já nos deu Cunha e Costa airada filha
E João Matheus "Prim'Alvaro" nos dá.

Mas sempre vos quero eu pôr, sem que desande
Em louvaminha, aqui, de boa mente,
Que nos faltais, bofé! sem que tal abrande

Nossa penada pena, Gil Vicente;
Pois, aqui, "Todo Mundo" quer ser grande...
E "Ninguem", Mestre Gil, diz o que sente!

6 DE MARÇO

Commemorando, cinematographica e esdruxulamente, com o "Centro Beneficente Pernambucano", a grande e gloriosa data da Revolução de 17, que fundou a primeira Republica democratica no Brasil.

Sem grande córte na Côrte
Não se goza um bem geral,
Que o córte é que nos faz bem
E a Côrte é que nos faz mal.

— Epigramma de MANOEL CAETANO por occasião da Cruzada bandeirante.

Em cinematographica pellicula
Que suffocasse em sangue a liberdade,
Hoje transpõe a secular reticula
Dos tempos nessa antiga integridade.

Eu vejo-a, com tristissima saudade;
— Emquanto, por manter ordem ventricula,
Em geladeira, a actual a vê... por grade!
— Como se visse até a coisa ridicula!

E' que Pernambuco — infima particula
Desta desagregavel unidade
Em que *selvagem* foi e é já *servicula*...

Adheriu a mineira *vacaridade*...
— E' que não passa "Oh! Linda!" de pellicula
Não tem mais um Leão... nem mesmo um Frade!

REMEMORANDO...

(A Tolentino de Carvalho)

Lembras-te ainda, amigo, desses dias
De nossa estudiosa juventude,
Em que, tudo o que a alma nos illude.
Eram vivas e suaves alegrias?

Eras, que não mais volvem! Fugidias
Eras, que nunca mais esquecer pude!
— Não me pungia ainda a maritude
Deste sol! posto em fundas agonias.

Só depois veiu a edade com seus gelos
E foi-me as illusões estrangulando,
Pondo uns fios de prata entre os cabellos.

E agora, que já quasi vão nevando,
Amor... gloria... ideal... que resta, ao vel-os,
Se, assim como passais, vou eu passando?

NO BI-CENTENARIO DE OURO PRETO

PARA SER DITO NA SESSÃO SOCIOLATRICA COMMEMORATIVA DE SUA FUNDAÇÃO.

A' Mociedade Academica de Minas, na pessôa de Ataliba
Sales e em homenagem a seu pai — o emerito
e extincto Professor Henrique Sales.

Como se a mão de um Schilman a tocasse,
Villa-Rica resurge da aurea poeira
Bi-secular, garrida e prasenteira:
— Das proprias cinzas — Phenix — renasce.

E, ao balir de ovelhinha qu'inda pasce,
Ouço a Dircêo a lyra faticeira:
"Eu, Marilia, não sou"... que, alviçareira;
Se exalça, em meigo idyllio, ao sol que nasce!

Ouço, a Glauceste, o carme aprimorado,
A Palmireno, classico soneto...
Ouço Lyndoia... Ouço o Uruguayo brado...

E, como patriotico Amuleto,
Do "Inconfidente Poste, o craneo alteiado
De Tiradentes brada": Avè, Ouro Preto!

NO CENTENARIO DE SALDANHA MARINHO

Tens hoje a idade d'oiro subjectiva
Dos que vivem na postera memoria,
Fixando em bronze a imagem objectiva
Ou projectando-a nos annaes da Historia.

Cem annos! E inda tua trajectoria
Segue no espaço a curva evolutiva
Que descreveu a aurora progressiva
Do 15 de Novembro — e é nossa gloria.

Eis por que te votou, no nascedouro,
A Republica, eterno monumento
Que te encerrasse o espolio immorredouro

E onde elle está, neste lethal momento
Em que domina o egoismo em febre d'ouro:
— Vai sobre ti pesando o esquecimento...

A TORNA

POR OCCASIÃO DO CORTEJO DO EXERCITO AMERICANO Á ESTATUA DE LA FAYETTE.

"La Fayette, here we are!"
GENERAL PERSHING

Quando, ha um seculo, a America do Norte,
De Oitenta e Nove ao critico ascendente,
D'Albion quiz declarar-se independente,
La Fayette prestou-lhe braço forte.

E, á frente de imperterrita cohorte
Em que, por entre puritana gente,
Iam Cromwel e Milton virtualmente,
Com Washington, fundou a União do Norte.

E, hoje que a teuto-austro- hungara alliança
Bombardeia Paris, talando a França,
Com quanto a arte da guerra engloba em si,

Eil-a que contra o kaiser arremette.
E ante a estatua do heroico La Fayette:
— "La Fayette! — lhe torna — Eis-nos aqui!"

SURRECTIO POLONIA

A IGNACIO PADEREWSKI, CHEFE DO GOVERNO DA REPUBLICA POLACA.

Por occasião do seu reconhecimento pela Republica Franceza.

"In Æternum!"

Paderewski immortal, que eternisaste
A Polonia e Chopin no piano-forte;
E, com a "Marcha Funebre", chegaste
A libertal-a até da propria morte:

A "Polonaise em la maior" vibraste
Com tanto brio e tão marcial transporte,
Que, quando o ultimo accorde terminaste,
Toda a Polonia ergueu o altivo porte...

E, soprando nas cinzas do Kosciusko,
Que engendram Pilsudski para a gloria
De succeder — talvez! — a Sobieski,

Neste, de reis e deuses, lusco-fusco,
Republicanisou-se e entrou na Historia
Com o teu piano-forte, Paderewski!

Rio, 27-II-919.

A DIVINA IRRISÃO

A PROPOSITO DA GUERRA ITALO-TURCA

"Roma, 1 (8 h. p. m.) Os prelados de todas as dioceses enviaram uma circular aos catholicos convidando-os a lembrarem-se de que pertencem a uma patria nobre e pedindo-lhes que cooperem para que triumphe a causa da civilisação e da humanidade, ameaçada pelos Turcos, eternos inimigos do catholicismo. Os prelados terminam invocando a benção de Deus para a patria italiana e para os soldados que neste momento *defendem* a sua bandeira". — *Jornal do Commercio.*

Ora, tem graça... o Clero Italiano!
Emquanto a Europa em armas repudia
O que o "Times" chamou "pirataria"
Da Italia, no paiz Tripolitano,

Elle — o Clero Catholico Romano —
Roga a Deus que a victoria, noite e dia,
Siga o "pirata"; pois, quem tal diria!
Do Christão inimigo e o mulsumano.

Agora... é só pedir ao Padre-Eterno
Que abra as portas do céo ao algoz, que mata...
E a victima... é mandal-a para o inferno!

Pois que ao Mulsumano é culpa innata
Ter "com quê" lhe alimente o fogo eterno...
— E ha um Deus — existe um Deus — para o pirata!

Rio, 2-X-911.

JENNER

CONTEMPLANDO UM FAC-SIMILE DA ESTATUA DE MONTEVERDE

Ao co-religionario e amigo Dr. Bagueira Leal, coriphêo da escola anti-vaccinista no Brasil.

Jenner curvado está. E, attentamente,
No filho experimenta o proprio invento
A, variola é vaccina impedimento?
A propria experiencia lh'o desmente.

Porém, que obecedante pensamento
Lhe oura a sábia e cubiçosa mente!
"Si são seus filhos ambos, egualmente;
Não damna ao coração o intendimento."

Jenner ignora a lei da persistencia,
Em virtude da qual todo organismo
Tende a espellir aquillo que o perturba;

E, reagindo contra o amor, que o turba,
Innocenta-lhe o virus... — Vence o altruismo?
— Não immolou segundo filho a sciencia...

GUATHEMOCH

Ao inaugurar-se na "Avenida da Ligação" o facsimile de sua estatua em bronze, como penhor da fraternidade Mexicana.

No 1.º Centenario da Independencia Politica do Brasil.

(Nota á margem do que ali se disse).

Religando dois maximos Oceanos
Que a Guatimosin ligaram Guathemoch,
Dois grandes livres Povos Soberanos
Aqui se animam, neste bronze *ad hoc.*

Não é Saturnea estatua de Moloch
Que a Brasilos doaram Mexicanos,
Mas, por que libertario gesto evoque,
— Do Rei que as libertou de seus tyrannos.

O nosso Imperial Guatimosin
Não destronou Motecuhzonia sexto...
— Cumpriu-lhe o voto... e *coroou-se!* (assim)

Arariboya nem Poty, de resto,
Guathemoch nos foram... Mas, emfim,
E' um exemplo a seguir: — Sigamos, junto!

NO CENTENARIO DO IMMORTAL OSORIO

O PRIMEIRO E CONHECIDO SOLDADO BRASILEIRO

Com os melhores votos para que se lhe erijam mais dois monumentos.

"O dia mais feliz de minha vida seria aquelle em que soubesse que as nações civilisadas haviam queimado seus arsenaes."

FERNANDO OSORIO — Historia do Gal. Osorio.

Tú que foste primeiro entre os primeiros
Nas armas, pela indomita bravura,
Que inda através as gerações perdura
Em uns vinte milhões de brasileiros;

E sempre precedeste os teus lanceiros
Carregando o inimigo á morte obscura,
Como foste o primeiro que a loucura
Da guerra combateste entre guerreiros:

No dia secular em que nasceste
Para o bronze da gloria, alviçareiro
De um destino melhor do que tiveste,

Exulta, eril gaucho! heroe pampeiro!
Teu grande dia — o mais feliz — é este:
— Viçam rosas com folhas de loureiro!

A SANTA THEREZA DE JESUS

No tricentenario de sua morte

(Commemoração Sociolátrica)

Como candido lyrio matutino
Que trescala suavissimos perfumes,
Do sol nascente aos carinhosos lumes,
De umbrosa selva ao orvalho crystalino;

Teu coração, ardente e peregrino,
Se abriu, Thereza, em lyricos queixumes,
A amor que obriga a amar e ter ciumes
De quem zelos não tem, com ser divino!

E amaste muito e muito! E amaste tanto,
Que, em delirios de amor allucinada,
Cuidaste amar a um Deus... Sublime encanto!

E esse Deus, de quem foste amante e amada,
Não era mais que um mytho sacrosanto
Da Humanidade, ó alma enamorada!

A' INCLYTA IMPERATRIZ LEOPOLDINA

No primeiro Centenario de sua transformação objectiva

Tú que nasceste para a realeza
Do amor, por tuas inclytas virtudes,
E fôste, sobre um throno, a golpes rudes
De vis traições, miserrima princeza:

Tú, com tua bondosa natureza
Ardente e decisivas attitudes,
Por entre as mais crueis vicissitudes,
Tú nos velaste o berço, Alma Belleza!

Tú nos creaste e nós devemos tudo
— Com falaz liberdade, a Independencia —
A teu sábio conselho e forte escudo.

E eis por que, após cem annos de existencia
Subjectivo, te louva, em claustro mudo,
Republicana e grata descendencia.

Convento Sto. Antonio — Rio, em 11-XII-925.

HENRICH HEINE

Que lancinante dôr hereditaria,
Que dôr substracta ou que nativa dôr,
Poz no exotismo de tu'alma em flôr
O fortum da mandragora lendária?

Já trazias, na trama embrionaria,
Que se foi decompondo indo a compor,
O virus corrosivo e productor
O fortum da mandragora lendária?

Não sei. Mas, na tu'alma sensitiva,
A miélite ou do meio a acção nociva,
Pouco a pouco, acetou-te o bom humor. . .

E teu brando lyrismo se transmuda
— Finissima ironia, amarga e ruda! —
Em riso, e o riso... em lagrima de dôr!

F I M

Espolio Literário de Generino dos Santos

HUMANIADAS

Vol. 1º — Liv. 1º: — Paysagens.
» 2º: — Rapsodias pernambucanas.
Vol. 2º — » 3º: — Livro religioso.
» 3º — » 4º: — Immortalidade subjectiva:
1ª parte: Grandes typos da Humanidade.
2ª parte: Typos secundarios.
Liv. 5º: — Marmores e bronzes.
Vol. 4º — » 6º: — Alma collectiva.
» 7º: — Alma alheia.
Vol. 5º — » 8º: — Alma reflexa.
» 6º — » 9º: — Lyrismo.
» 10º: — Versos de amôr.
Vol. 7º — » 11º: — Candído Caetano de Almeida Reis. (Apontamentos para sua biographia.)
Vol. 8º — Liv. 12º: — Æterna carmine.
» 13º: — Seculare carmen.
» 14º: — Varias composições sobre Dante.
Vol. 9º — » 15º: — Civilização chineza.
» 10º — » 16º: — Coénos e ancestraes:
1ª parte: Sonetos da India.
2ª parte: Pequenos cantores do grande cyclo da Navegação Aérea.
3ª parte: Ode épica — A Esthetica em apuros.
4ª parte: A Floriano Peixoto.
5ª parte: Impressões de guerras.
6ª parte: Pela Historia do Brasil.
7ª parte: Pela America.
8ª parte: Pelo tempo a fóra.
Liv. 17º: — Aos meus amigos.
Vol. 11º — » 18º: — Vária.
» 12º — » 19º: — Moscas de Milão.
» 13º — » 20º: — José Jorge de Siqueira Filho e sua alma inédita.

Preço 12$000